

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS (UEA)
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO (ESAT)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
EM CIÊNCIAS HUMANAS – (PPGICH)**

Walter Braga da Silva

**ECOS DA PERIFERIA: VOZES QUE NARRAM HISTÓRIAS DA
COMUNIDADE VALPARAÍSO- MANAUS/AM**

**MANAUS/AM
2025**

WALTER BRAGA DA SILVA

**ECOS DA PERIFERIA: VOZES QUE NARRAM HISTÓRIAS DA
COMUNIDADE VALPARAÍSO- MANAUS/AM**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências
Humanas, da Universidade do Estado do
Amazonas como requisito para obtenção do
título de Mestre em Ciências Humanas

**ORIENTADOR
DR. GERALDO JORGE TUPINAMBÁ DO VALLE
PPGICH-UEA**

MANAUS/AM

2025

Walter Braga da Silva

**ECOS DA PERIFERIA: VOZES QUE NARRAM HISTÓRIAS DA
COMUNIDADE VALPARAÍSO-MANAUS / AM.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – Linha de Pesquisa: Espaços, memórias e configurações sociais - a dimensão identitária da cultura; nas dimensões imaginárias do espaço e das cidades, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências Humanas.

Aprovada em: 02/ 04 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **GERALDO JORGE TUPINAMBA DO VALLE**
Data: 27/06/2025 18:44:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Geraldo Jorge Tupinambá do Valle, Presidente da Banca,
Universidade do Estado do Amazonas – UEA.**

Documento assinado digitalmente
 **TATIANA DE LIMA PEDROSA SANTOS**
Data: 01/07/2025 12:58:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Profa. Dra. Tatiana de Lima Pedrosa Santos, Avaliadora Interna, Universidade
do Estado do Amazonas – UEA.**

Documento assinado digitalmente
 **ODENEI DE SOUZA RIBEIRO**
Data: 30/06/2025 21:12:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro: Avaliador Externo, Universidade Federal do
Amazonas – UFAM.**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

S586e Silva, Walter Braga da

Ecoss da periferia : vozes que narram histórias da comunidade Valparaíso - Manaus/Am / Walter Braga da Silva . Manaus : [s.n], 2025.

121 f.: ; 21,0 cm.

Dissertação - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGICH- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.

Inclui Bibliografia.

Inclui Anexo.

Orientador: Geraldo Jorge Tupinambá do Valle.

1 Manaus 2 periferia 3 história 4 memória 5 identidade I

CDU(1997)1/2+37/39+82

Walter Braga da Silva

**ECOS DA PERIFERIA: VOZES QUE NARRAM HISTÓRIAS DA
COMUNIDADE VALPARAÍSO-MANAUS / AM.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - Linha de Pesquisa: Espaços, memórias e configurações sociais - a dimensão identitária da cultura; nas dimensões imaginárias do espaço e das cidades, da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências Humanas.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Geraldo Jorge Tupinambá do Valle, Presidente da Banca,
Universidade do Estado do Amazonas – UEA.**

**Profa. Dra. Tatiana de Lima Pedrosa Santos, Avaliadora Interna, Universidade
do Estado do Amazonas – UEA.**

**Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro: Avaliador Externo, Universidade Federal do
Amazonas – UFAM.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, provedor de todas as coisas, por sua presença constante ao longo deste desafio, em cada passo, força e direção, com a certeza de que nada seria possível sem Sua graça e misericórdia.

À minha companheira de vida, Dalila, por seu incentivo incondicional, por iluminar os dias silenciosos com força e generosidade, e por sua contribuição atenta na leitura e construção desta dissertação. Sou grato por caminhar contigo.

A minha mãe, Maria, e aos meus irmãos e irmãs, pela sabedoria partilhada. Em especial, à minha mãe, que me ensinou a ver o mundo através das camadas que o embaçam. Seus conselhos, frutos de uma vida marcada por rigor e amor, foram fundamentais para a escuta atenta que esta pesquisa exigiu.

Ao Jorginho, querido filho, cuja espontaneidade e olhar curioso alegraram os dias de campo, lembrando-me da importância de ouvir e aprender com leveza.

Ao Professor Dr. Geraldo Valle, orientador, pela escuta generosa, pela orientação firme e sensível que deu forma a esta escrita sem que eu perdesse o elo com a comunidade e com minha trajetória pessoal.

À Universidade do Estado do Amazonas, especialmente ao PPGICH-UEA, pela formação ampla e transformadora. Agradeço aos professores, técnicos e profissionais que mantêm essa instituição viva e atuante. À Secretaria Municipal de Educação de Manaus (Programa Qualifica) e à Secretaria de Estado de Educação do Amazonas (Programa Mestre Qualificado), pelo apoio e liberação das atividades docentes, essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos moradores e moradoras da Comunidade Valparaíso, por compartilharem suas memórias, dores e esperanças. Cada fala nesta dissertação carrega pertencimento e luta, tecendo, junto comigo, a história viva de um lugar que resiste e floresce.

A todos e todas que contribuíram com palavras, gestos ou silêncios: meu sincero muito obrigado.

RESUMO

A pesquisa *Ecos da Periferia: Vozes que Narram a História da Comunidade Valparaíso* investiga a formação, a memória coletiva e a identidade dos moradores desse território periférico de Manaus. A pesquisa adota a história oral como principal metodologia, aliada a perspectivas da sociologia e antropologia urbana, para compreender como os sujeitos constroem e transmitem suas narrativas sobre o processo de ocupação, resistência e consolidação da comunidade. O estudo se fundamenta na análise de relatos de vida, documentos históricos e observação participante, buscando evidenciar os laços de pertencimento, as dinâmicas socioculturais e os desafios enfrentados pela população local ao longo do tempo. Além de documentar essas vivências, a pesquisa reflete sobre as políticas públicas, a segregação urbana e a agência dos moradores na transformação do espaço periférico. Ao dar centralidade às vozes da periferia, o estudo contribui para a valorização da história local e para o debate sobre identidade, território e memória na cidade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Manaus, periferia, história, memória, identidade

ABSTRACT

The *Ecos da Periferia: Voices Narrating the History of the Valparaíso Community* research explores the formation, collective memory, and identity of the residents of this peripheral territory in Manaus. The research employs oral history as its primary methodology, combined with approaches from sociology and urban anthropology, to understand how individuals construct and share their narratives about the processes of occupation, resistance, and community consolidation. Based on life stories, historical documents, and participant observation, the study highlights the bonds of belonging, sociocultural dynamics, and challenges faced by the local population over time. Beyond documenting these experiences, the research reflects on public policies, urban segregation, and the agency of residents in transforming the peripheral space. By centering the voices of the periphery, the study contributes to the appreciation of local history and the broader debate on identity, territory, and memory in contemporary cities.

KEY WORDS: Manaus, periphery, history, memory, identity.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 01: Espaços urbanos na comunidade Valparaíso.....	20
Fig. 02: A horta comunitária.....	20
Fig. 03: Urbanização e vivências na Comunidade.....	39
Fig. 04: Paisagens Urbanas.....	40
Fig. 05: Matéria jornalística abordando o início da ocupação e os moradores.....	45
Fig. 06: Documento que homologa a ação do Poder Público.....	48
Fig. 07: Notícias da fundação da Casinha Branca.....	53
Fig. 08: Restaurante Cheiro Verde.....	56
Fig. 09: Ferragens Marabá.....	56
Fig. 10: Representação da Periferia	57
Fig. 11: Igreja Nossa Senhora do Rosário.....	62
Fig. 12: Igreja Pentecostal do Brasil.....	62
Fig. 13: Igreja Assembleia de Deus.....	62
Fig. 14: Bar do João no Valparaíso.....	67
Fig. 15: Plantação.....	71
Fig. 16: Colheita.....	71
Fig. 17: Comércio.....	71
Fig. 18: Reportagem As dificuldades da Agricultura Urbana Comunidade Chico Mendes.....	73
Fig. 19: Escola Infantil e de Reforço da Tia Ray.....	82

Lista de Mapas

Mapa 01 Localização da área de estudo.....	22
Mapa 02 Localização da horta urbana.....	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	11
CAPÍTULO I: A MEMÓRIA SOCIAL DA COMUNIDADE VALPARAÍSO	14
1.1. Memórias, entre lembranças e esquecimentos: considerações sobre o quadro teórico da pesquisa.....	16
1.2. Espaço urbano e as reproduções de estereótipos na periferia de Manaus.....	19
1.3. Contextos socioculturais e os quadros da memória.....	24
1.4. Paisagens dos sentidos: medo e ressentimentos nas memórias esquecidas.....	28
1.5. Cultura, identidade e a formação das memórias da Comunidade.....	30
CAPÍTULO II: ESPAÇO DA CIDADE E ESPAÇOS DE MEMÓRIA	36
2.1 . A Jornada da moradia: história e memórias de resistência na ocupação.....	42
2.2 . Espaços de memória e a transitoriedade dos lugares: a igreja, o bar e os discursos.....	60
2.3 . A Horta Urbana: O cultivo como herança e identidade.....	70
CAPÍTULO III: AS VOZES FALAM AS HISTÓRIAS: NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS DAS MEMÓRIAS SOCIAIS E AS TRANSFORMAÇÕES DO COTIDIANO URBANO	79
3.1. Educação e pertencimento: memórias de mudanças e permanências.....	81
3.2. Identidades e espacialidades urbanas: Trajetórias que definem caminhos.....	91
3.3. Memórias da resistência e as narrativas populares.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	115
ANEXOS	119

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa, intitulada *Ecos da Periferia: Vozes que Narram a História da Comunidade Valparaíso*, emerge de um percurso acadêmico e profissional marcado por experiências na educação pública, na pesquisa histórica e no compromisso com a memória coletiva. Trata-se de um estudo que busca compreender como as memórias individuais e coletivas dos moradores da Comunidade Valparaíso são fundamentais na construção de uma narrativa que permita que aflore, das suas singularidades, trajetórias de vida que compõem, junto a outras, um mosaico de experiências, saberes e identidades. Essas histórias, entrelaçadas pelo cotidiano e pelos laços sociais, revelam a riqueza da memória coletiva, e as formas pelas quais os moradores ressignificam o espaço, reafirmam pertencimentos e constroem sentidos para o passado e o presente da comunidade. Além disso, ajudam a combater aquelas generalizações negativas, típicas dos estereótipos e estigmas naturalizados pela sociedade.

Em diferentes momentos da minha trajetória pessoal e profissional, estive entrelaçado com o ensino da história e o compromisso social. Como professor da rede pública de ensino, tive a oportunidade de atuar em diferentes contextos da cidade de Manaus, especialmente na Zona Leste, onde desenvolvi projetos pedagógicos que valorizavam as memórias e experiências dos alunos. Foi no âmbito dessas interações que surgiu a inquietação que culminaria nesta pesquisa: a necessidade de dar visibilidade às vozes que, muitas vezes, são marginalizadas pelas narrativas oficiais.

A pesquisa aqui apresentada foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), sob a orientação do Prof. Dr. Geraldo Valle. A escolha do tema se deu a partir das experiências em sala de aula, especialmente com alunos do Ensino de Jovens e Adultos (EJA), cujas histórias e vivências se tornaram parte essencial da construção deste trabalho. A metodologia utilizada baseia-se no estudo das memórias sociais, dialogando com autores como Maurice Halbwachs, Eclea Bosi e Pierre Ansart, para compreender como a lembrança e o esquecimento atuam na configuração da identidade coletiva.

A dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro, apresento o referencial teórico, discutindo conceitos de memória coletiva, identidade e exclusão social e seus

dispositivos de separação, descrevo a metodologia da pesquisa, a memória e a história oral que em consonância com as ciências humanas da Antropologia, Geografia humanista, Ciências sociais. Os sujeitos entrevistados, que são os moradores que habitam a mais tempo e conhecem as transformações espaciais, e descrevo o processo de coleta de dados. No segundo, abordo o contexto histórico da Comunidade Valparaíso, situando-a no cenário da urbanização de Manaus. Sustentando-se no caráter qualitativo da pesquisa, encontrando amparo na ideia de lugar em Yi-Fu Tuan, e as significações que as pessoas atribuem aos espaços onde vivem, o território das vivências, que transcende as dimensões físicas. Na etnografia urbana de Gilberto Velho e a perspectiva da complexidade da sociedade, em sua heterogeneidade, das trajetórias individuais e as tramas de padrões que surgem nas interações simbólicas ou físicas. As manifestações sociais e as ideias, em espaços representados pela igreja e o bar, e as representações no imaginário e em suas espacialidades urbanas, o campo representado pela horta urbana e as práticas e vivências que integram o espaço e o tornam vivido.

No terceiro capítulo, é dedicada observação das narrativas dos moradores, destacando os principais temas emergentes das entrevistas e sua relação com o contexto. Destaca-se aqui a colaboração participativa das narrativas representadas pelas pessoas, que permitiram nas que a pesquisa ganhasse afinidade com conceitos de familiaridade e aproximação na pesquisa (Velho, 1994), quando se trata da observação do pesquisador próximo ao campo, e comunidade de destino, termo tirado da obra memórias de velhos, de Eclea Bosi (1987), em que existe identidades e aproximação entre o sujeito e objeto.

As narrativas têm como tema as trocas culturais entre migrantes do interior e de outros estados, mas é na relação com a horta urbana e a prática agrícola que essas vivências se tornam ainda mais representativas. Os hábitos e costumes preservados na lida com a terra simbolizam a continuidade de saberes ancestrais e modos de vida que resistem à urbanização acelerada. Aos trajetos diferentes do campo, da horta, de quem caminhou para a informalidade econômica, não por opção, que possui outros hábitos e habilidades, que ressignifica os trajetos. São as histórias de Tia Ray, Leila, Toninha, Seu Lopes, Maurício, Edson, Gleika, Adailson, Elisvalda, Vilma, Patrícia, que recortaram de suas memórias, fragmentos de experiências vividas na comunidade. Suas narrativas revelam trajetórias de migração, trabalho, luta e pertencimento, compondo uma trama de experiências de vida que dão sentido ao espaço urbano que habitam. Cada relato, expressa formas de resistência e adaptação, evidenciando como a memória individual e coletiva se entrelaça na construção da identidade do lugar.

Ao longo desta pesquisa, busco contribuir para o registro e a valorização das memórias periféricas, promovendo um olhar sensível e atento às histórias que estruturam os territórios urbanos. Este trabalho é também uma forma de agradecimento a todos os moradores da Comunidade Valparaíso que compartilharam suas experiências e permitiram que suas vozes ressoassem neste estudo. Que este registro sirva como instrumento de reflexão sobre a importância da memória e da identidade na construção das cidades e das histórias individuais e coletivas.

A construção deste estudo não se restringe apenas à análise acadêmica, mas a possibilidade de ressignificação do espaço urbano a partir da valorização das narrativas daqueles que nele vivem. Dessa forma, reafirmo a importância da memória coletiva como instrumento de resistência e pertencimento, especialmente em territórios periféricos onde os discursos oficiais muitas vezes silenciam as vozes populares.

A oralidade, muitas vezes desprezada nos registros históricos convencionais, se mostra aqui como uma ferramenta essencial para a compreensão da formação da Comunidade Valparaíso e de tantas outras realidades urbanas similares. As memórias resgatadas preservam o passado, e pode iluminar os desafios e anseios do presente, fortalecendo laços comunitários e incentivando a construção de um futuro mais justo e inclusivo.

Os relatos coletados revelam trajetórias de luta, conquistas e resistência, evidenciando o papel fundamental dos moradores na construção e transformação do território que habitam. A comunidade Valparaíso se apresenta como um espaço dinâmico, onde o cotidiano é permeado, além desafios estruturais, pela solidariedade e identidade compartilhada. Através das histórias narradas, percebo como a noção de pertencimento se entrelaça à memória coletiva e à relação dos indivíduos com o espaço que ocupam.

Espero que este estudo contribua para um diálogo mais amplo sobre a valorização das histórias periféricas e o papel da memória na construção das identidades urbanas. Que esta dissertação possa servir como referência para futuros trabalhos que busquem dar visibilidade às vozes marginalizadas e fortalecer a importância das narrativas populares na compreensão da cidade e de sua história.

Capítulo I: A memória social da comunidade Valparaíso

Neste capítulo, abordaremos principalmente as pesquisas dos especialistas da abordagem temática da *memória e história*, em consonância com os estudos da sociologia, e da geografia, para que compreendamos em que contexto as memórias serão narradas, como essas relações sociais podem ser vistas de dentro, da importância dos sentidos, afetos e ressentimentos, do caráter subjetivo e qualitativo da pesquisa, focando nas experiências e sentimentos de pessoas baseado nas suas histórias e vivências, e considerando o ambiente em que vivem (Trigo; Brioschi, 1987). As memórias do sujeito, além dos registros de eventos, carregam emoções, traumas e aspirações, que essas dimensões sejam descritas e compreendidas qualitativamente, proporcionando outras perspectivas da vida e das forças que moldam as identidades individuais e coletivas da comunidade, possibilita uma compreensão mais profunda e completa das dinâmicas sociais, culturais e emocionais que compõe e recompõe a memória.

Das dialéticas epistemológicas da memória e da história, fundamentadas nas concepções presentes na memória coletiva (Hallbwachs, 2006), que dialoga com seus predecessores sobre a memória como fenômeno social, e suas relações com o presente, a história e os sujeitos. Da concepção de memória e narrativa presente no estudo sobre as lembranças de velhos e suas memórias, e da autora que se inclui numa comunidade de destino, com as recordações dos mais velhos, as *lembranças* numa dimensão íntima, subjetiva (Bosi, 1987). Da articulação de outra vertente da memória, o esquecimento, como o silêncio que fala, em suas contextualizações, dos medos e ressentimentos, como móbil de ação ou seletor de memórias (Pollack, 1987), do quadro social de separação e exclusão, de medo e ressentimento, da horta urbana como nossa área de estudo, simbolizando a estratégia de resistência do indivíduo em coletividade que utilizou recursos da memória para que se estabelecesse, das experiências e práticas apreendidas e repassadas.

A composição de uma memória social do lugar, das memórias compartilhadas, das suas ausências, de uma memória urbana, composta desse universo de fatores, de caráter subjetivo, posto que estuda o ser humano em sua relação social, que nesta pesquisa aborda o enquadro de uma sociedade das margens, que excluída da história, da narrativa, e generalizada, tanto o lugar e as pessoas da periferia. Daí emerge a importância das memórias, como instrumentos

de análise para a construção de uma história representativa. Estas, revelam as trajetórias sociais, as lutas cotidianas e as estratégias de resistência desenvolvidas para superar as adversidades impostas pelo contexto existencial (sociedade, economia, cultura). As memórias vividas e compartilhadas do processo de ocupação e posse daquele lugar estão enraizadas na sua identidade e coletividade. Essas memórias podem incluir a luta coletiva para demarcar e conquistar o espaço, a solidariedade entre os moradores, e os primeiros passos na construção de uma comunidade, mas também trazem os conflitos individuais, resultante de todas as relações pelas quais transitam, muitas vezes estes resquícios, podem revelar outras interpretações diferentes das narrativas oficiais.

Pollak concorda que a história oral ressalta a história dos excluídos e ilumina as memórias consideradas subterrâneas, mas observa também que o processo de resgate das memórias coletivas, citando Hallbwachs (2006), incide numa negociação para que se encontre os pontos em comum das narrativas individuais da memória, para ser tomada como base, e dessa forma, *ela acentua o caráter uniformizador da memória coletiva nacional*. Entende-se que ao buscar uma memória coletiva que somatize e equalize a diversidade de experiências, corre-se o risco de suavizar as diferenças e complexidades das narrativas individuais, resultando em uma visão mais homogênea e menos representativa das singularidades e nuances dos grupos sociais.

Ainda sobre as considerações de Pollak (1986), outro importante fator desses “esquecimentos”, é o do “não dito”, que são os elementos omitidos, silenciados ou deliberadamente deixados de fora das narrativas oficiais e das memórias compartilhadas. Esses elementos podem ser suprimidos por diversas razões, como traumas, tabus, vergonha, repressão política, ou por serem inconvenientes. Ele sugere que a análise dos silêncios e das ausências nas narrativas das memórias, pode oferecer esclarecimentos sobre os processos de construção da identidade coletiva, e os mecanismos de poder e controle social, o “não dito” pode indicar áreas de conflito, resistência, e revelar os limites da memória oficial, pode ajudar a identificar o que é suprimido ou marginalizado.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. (Pollak, 1986, p.06).

Em uma comunidade que iniciou com uma ocupação, considerados invasores de terras, que viveu a repressão do Estado, para que retornassem, abandonassem o espaço, que viveu

um cotidiano de dificuldades, relações de atritos, propício ambiente para o aparecimento da violência, fome, doenças, é natural que as pessoas esqueçam determinadas situações em que foram constrangidas, magoadas, agredidas, das denúncias depreciadas e as vozes silenciadas, num ambiente de opressão e adversidade, esquecer pode ser uma estratégia de sobrevivência, um mecanismo de defesa para lidar com traumas profundos e dores passadas. Terreno fértil para ressentimentos.

1.1 Memórias, entre lembranças e esquecimentos: considerações sobre quadro teórico da pesquisa

Halbwachs (2006), entendia a memória como fenômeno social, que a memória individual não existe isoladamente, mas é moldada por interações sociais, as lembranças são construídas, mantidas e transmitidas dentro de grupos sociais, das ideias de Durkheim, a de que a sociedade possui uma realidade própria, distinta dos indivíduos que a compõem, e que as normas, valores e crenças coletivas são fundamentais para a coesão social, inspirou Halbwachs (2006), que flexionou essa perspectiva à memória, argumentando que as lembranças individuais são moldadas e sustentadas pelos grupos sociais, incorporando a ideia de que existem diferentes tipos de memória, mas ele enfatiza que a memória individual está sempre situada dentro de um contexto social, concorda que há uma dimensão prática na memória, mas argumenta que essa prática é moldada pelas interações sociais e pelas estruturas coletivas.

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento do passado para obter uma lembrança. necessário que esta reconstrução funcione a partir de dados ou noções comuns, que estejam no nosso espírito e também no dos outros porque, elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem a fazer parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (Halbwachs, 2006, p.39).

Em sua definição de quadros sociais, como estruturas coletivas que moldam e sustentam a memória, são contextos sociais, culturais e históricos nos quais as memórias são formadas e lembradas, e incluem as tradições, normas, valores e práticas compartilhadas por um grupo social específico, são as molduras dentro das quais a memória coletiva é organizada e transmitida ao longo do tempo. O enquadramento social, flexível pelas múltiplas variáveis, possibilita, compreender como categoria de análise, a memória: *social, individual e coletiva*. Como fenômeno social, é uma abordagem que reconhece a influência das estruturas sociais e das interações coletivas na formação e preservação das memórias. Ainda baseado nos estudos

de Durkheim, de como as ideias e crenças das pessoas influenciam o seu grupo e a sociedade em geral, o que as pessoas pensam e acreditam, já existe antes delas e é mais forte que as ideias individuais. Isso muda como a percepção das coisas, como pensamos e lembramos. Em memória coletiva, argumenta que nossas lembranças não são só registros internos e pessoais, mas são moldadas e sustentadas pelo contexto social em que vivemos, como a família, a religião e a comunidade, que fornecem os quadros necessários para que essas memórias sejam evocadas e compreendidas, individuais e coletivas, são interdependentes e se complementam, podendo ser reconhecidas e recordadas se inseridas em um contexto social que lhes dá sentido.

A interpretação social que Halbwachs (2006) dá para nossa capacidade de lembrar de que não é apenas um fator externo que influencia nossa memória interna, não é só que as "imagens" que lembramos são influenciadas pelos "quadros sociais" ao nosso redor, mais do que isso, ele acha que dentro das nossas lembranças, bem no meio das imagens que lembramos, já existem ideias e noções gerais que vêm da linguagem e das instituições da sociedade:

Será por isso a memória individual, diante da memória coletiva, é uma condição necessária e suficiente da recordação e do reconhecimento das lembranças? De modo algum, pois se esta primeira lembrança foi suprimida, se não nos é mais possível reencontrá-la é porque há muito tempo não fazemos parte do grupo na memória do qual ela se mantinha. Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com a memória deles e que existam muitos pontos de contato entre uma pessoa e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum (Halbwachs, 2006, p. 39).

Nas comunidades, existem vários aspectos que podem ser esquecidos ou relegados ao silêncio, dificuldades iniciais, como a falta de infraestrutura, os confrontos com as autoridades, privações do cotidiano, lembranças de conflitos internos, de decepções com lideranças comunitárias ou com promessas não cumpridas por parte do poder público, que tendem a ser menos destacadas na memória coletiva e que os espaços proporcionam ancoragem para as memórias coletivas, *lugares que ajudam a lembrar e relembrar eventos passados*. (Halbwachs, 2006).

Importante referência nesta pesquisa, Eclea Bosi (1987), desenvolveu dentre outros, estudos sobre grupos sociais fragilizados, mulheres trabalhadoras de baixa renda, pobres, e dos idosos. Seus estudos sobre a lembrança de velhos, envolve suas histórias e experiências de vida, que ouvidas, e analisadas, combinando conceitos da psicologia, sociologia e antropologia, mostra que nossas lembranças são formadas e armazenadas de forma diferente

do que vemos e pensamos agora. Enquanto Bergson ¹ dizia que lembranças e percepções são armazenadas separadamente, Halbwachs (2006), afirmava que as lembranças são construídas junto com outras pessoas, lugares. Bartlett ², por sua vez, explicou que a memória é processo contínuo, que pode manter as lembranças quase iguais ao que eram, ou transformá-las dependendo do grupo social, as memórias individuais sempre têm uma função social no coletivo. Bosi (1987), também argumenta que a memória é um fenômeno social, moldado pelas interações e contextos culturais, tomando os relatos com base em lembranças, carregadas de sentimentos, detalhes da vida cotidiana, e das transformações sociais que sofreram ao longo do tempo, contextualiza essas memórias dentro de um quadro teórico, ligando as experiências individuais, às dinâmicas sociais e culturais mais amplas, sem perder a dimensão humana de suas histórias, de contrastar os quadros ou esquivar-se de interpretá-los:

A noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da Humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele (Bosi, 1987, p.39.).

Ainda sobre Bosi (1987), e sua narrativa dos relatos e representações de memórias, que dialoga com as memórias do agente social, o velho e a sociedade em que vive, exemplo dessas subjetividades seria o compartilhar sentidos com o objeto da pesquisa, se inserir numa *comunidade de destino* daquele grupo. Esse posicionamento permeia o estudo em uma troca de experiências e sensações, e identifica na comunidade de destino, essa ligação entre o pesquisador e o que ele está estudando, ouvindo, e essa conexão pode ajudar a entender melhor a realidade vivida por essas pessoas, não basta só visitar ou passar um tempo no local da pesquisa, o pesquisador compartilha das dificuldades e desafios do grupo que está estudando: “*A comunidade de destino, oculta partida sem retorno, desloca o relato, da terceira pessoa do singular para a primeira*” (Chauí, 1987, p.25). Dessa identificação com o tema, das subjetividades e da participação reflexiva na narrativa, como moldura que destaca o relato, enredando contextos, observações, como numa informalidade, só permitida por afinidade, inspira desse modo as relações entre as partes da pesquisa, de não se esquivar das trocas de experiências, de compartilhar das suas, na medida dos relatos.

¹ Filósofo (1859–1941), conhecido principalmente por Ensaio sobre os dados imediatos da consciência, Matéria e Memória, A evolução criadora e as duas fontes da moral e da religião.

² Frederic Charles Bartlett, foi o primeiro professor de psicologia experimental da Universidade de Cambridge, e um dos pioneiros da psicologia cognitiva e da psicologia cultural.

1.2 Espaço urbano e as reproduções de estereótipos na periferia de Manaus

O olhar do ser ao redor de si, fora de seu corpo, e sua relação com espaço, vai além da percepção visual de sua criação e os sentidos que desperta, da estabilidade de localizar-se, a segurança da identidade do espaço a que pertence. A ilusão da permanência, da imutabilidade, muito se relaciona com o seu tempo presente, em passos diferentes, muda tanto a pessoa quanto o espaço.

Para recordar, a âncora das imagens tornam-se essenciais, nessas representações no lugar, das casas, igrejas, trabalho, das ruas, clubes, e de todos os eventos que aconteceram nos lugares, das conversas informais, das cores internas, das disposições dos objetos, da relação do ser humano e seu meio, trabalho, família, amigos, de como tudo muda, acumula, descarta, Hallwachs (2006), sugere que os lugares onde vivemos, trabalhamos, produzimos servem de marcadores para nossa lembrança, e ajudam a organizar e a estruturar as memórias, oferecendo um contexto que facilita a evocação de lembranças. As trilhas que conduzem às memórias, são variáveis e intrínseca, dinâmica mudança, ruptura ou continuidade, sempre carregados se significados das formas e aparência dos objetos, detalhes dos lugares se correspondem a outros aspectos da sociedade.

Nessas interações que reconstituem quadros e marcos, segundo Halbwachs (2006), as memórias são acessadas, lembradas, modificadas pelas recordações dos lugares do espaço e suas representações, o grupo ganha coesão ao construir significado coletivo para um lugar, tornando-o marco simbólico do espaço do e vivenciado.

Segue afirmando que, em se tratando das cidades, as percepções, observações individuais, geralmente não influenciam na memória armazenada coletivamente pelo grupo, por que representam *apenas algumas unidades nessa multidão*, está fora de seu círculo mais próximo e além do seu horizonte mais imediato onde se faz ouvir. Naquele meio sua voz se dilui, ninguém dá atenção, pois a cidade é um fluxo dinâmico em constante processo de engolir-se, transformar, reproduzir, e influenciar, provocando resistência ou mudanças nos grupos, percebidos e dialogados pelo indivíduo em suas vivências urbanas, como descreve o cronista da cidade do Rio de Janeiro, João do Rio:

Neste elogio, talvez fútil, considere a rua um ser vivo, tão poderoso que consegue modificar o homem insensivelmente e fazê-lo seu perpétuo escravo delirante, e mostrei mesmo que a rua é o motivo emocional da arte urbana mais forte e mais intenso. A rua tem um valor de sangue e de sofrimento: criou um símbolo universal. Há ainda uma rua, construída na imaginação e na dor, rua abjeta e má, detestável e

detestada, cuja travessia se faz contra a nossa vontade, cujo trânsito é um doloroso arrastar pelo enxurro de uma cidade e de um povo. (RIO. Crônicas, 2014).

Gaston Bachelard (2008), por outro lado, destaca a importância das experiências íntimas e aparentemente "insignificantes", enfatizando como elas podem transcender a banalidade e capturar a profundidade das experiências humanas.

Ao tentar contextualizar o tecido social que permeia o agente social dessa pesquisa, dos moradores da comunidade urbana do Valparaíso localizada no bairro Jorge Teixeira, Zona Leste da cidade de Manaus, entendemos que neste campo de significados constituídos, a descrição de uma percepção histórico-social dos acontecimentos em Manaus, auxilia na compreensão das estratégias de seletividade da memória dos moradores da comunidade em perspectiva própria, a partir da observação de um quadro histórico-social excludente, classificado e ordenado, de maneira que produz e reproduz neste campo, as relações e conflitos que denotam, além da ação, lembranças e esquecimentos; aspectos que permitem explorar mais de perto as individualidades que formam o coletivo, dessas memórias, suas ideologias, ambições, como transita naquele tecido socioeconômico, lugares que frequenta, a cultura (re)produzida, seu olhar para o lugar, em sua dialética dinâmica de construção, de troca, que permite localizar-se no contexto das múltiplas representações, onde a mudança é uma constante do espaço e do ser humano no tempo, Hallbwachs fala da relação entre o espaço e a memória, e de percepções subjetivas sobre o espaço resultante da dialética que as moldam. Dentre elas, de como dispomos nossa cultura, da estética do espaço relacionando a sociedades sensíveis e invisíveis - objetos. (Hallbwachs, 2006, p. 158).

Fig. 1: Espaços urbanos na comunidade Valparaíso



Fonte: Acervo pessoal 2024.

Fig. 2: A horta que compõe o espaço urbano



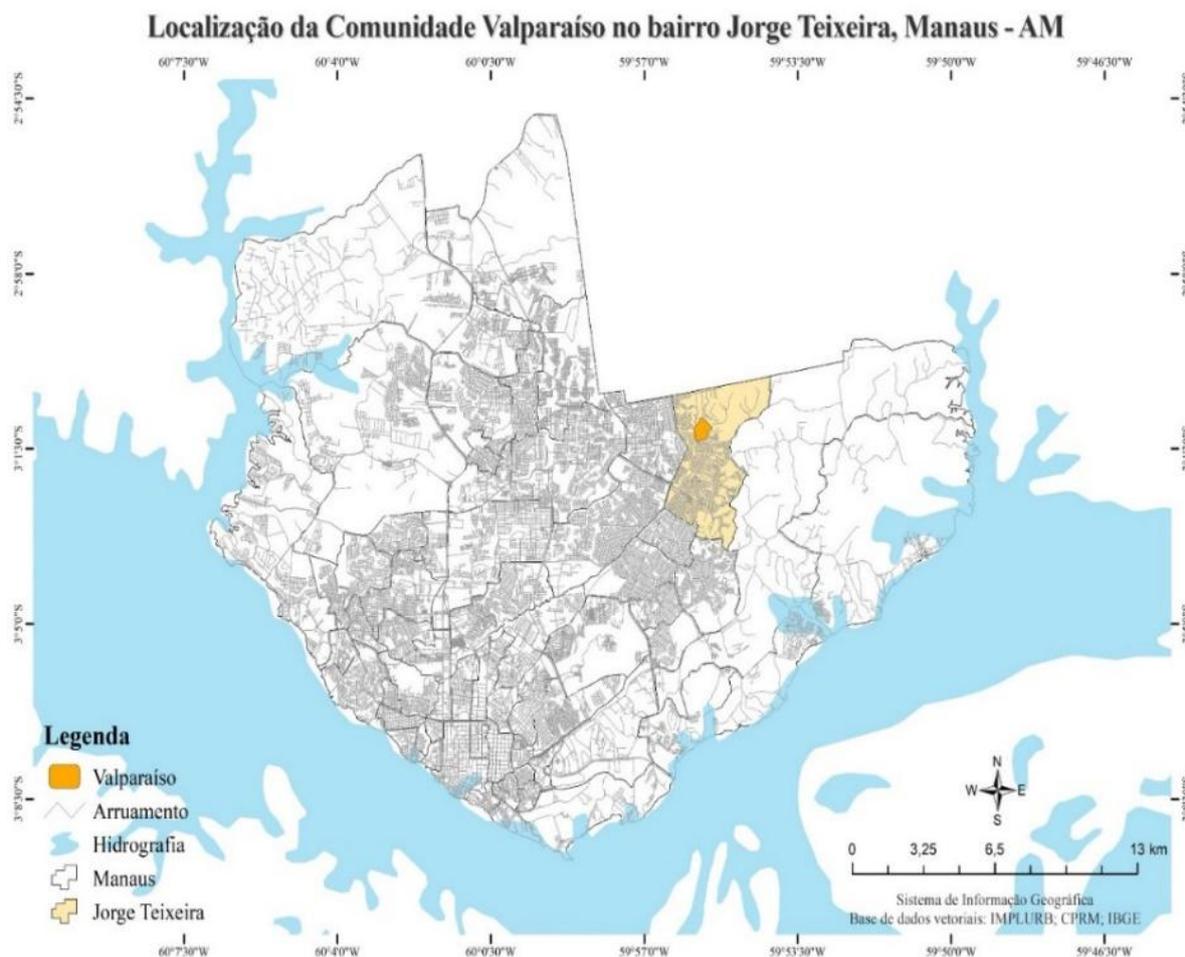
Fonte: Acervo pessoal 2024.

O espaço urbano cresce favorecendo os modelos de separação capitalista, da borracha à Zona Franca de Manaus, proporcionaram ondas migratórias, exploração do trabalho, trocas culturais, de forma desordenada essas pessoas começam a se acumular na margem do centro, entre becos e vielas, flutuantes e palafitas, e, despossuídos de bens físicos e simbólicos (para que se posicione na sociedade), num mundo em que a modernidade traz consigo os ditames do progresso, por estas paragens, representou a reprodução de modelos e valores, que diluíam os regionalismos, e acentuava uma diferença, carregada de estereótipos negativos, para aquele ser humano, e o seu lugar, do encharcado e beira dos rios que margeavam os (centros urbanizados, saneados, atendidos pelo poder público), percebiam as suas ausências do alto das palafitas, ou no banheiro dos flutuantes, dos bodozais, depois Rip Rap, como eram chamados os becos da margem dos igarapés do 40, São Raimundo, Puraquequara, Tarumã, Mestre Chico.

Daí foi para mais distante, rasgando a selva horizontalmente em busca de moradia, fugindo da especulação imobiliária, e dos dispositivos criados para o limitar, conforme o descrito no Plano Diretor do capítulo que trata do perímetro urbano de nº. 644/2002: *Art. 2, A definição dos limites da Área Urbana tem por objetivo conter a expansão horizontal da cidade nas direções Norte e Leste, otimizando a infraestrutura instalada na área urbana consolidada.*

As ocupações surgem dessas dinâmicas relações, a necessidade fisiológica do ser humano por proteção, abrigo, onde pode constituir família, cultivar laços e sentidos, junto à outros grupos, e sua relação com o capitalismo, que possui critérios diferentes para a separação da terra e do homem. Em sua transformação para um espaço urbano, *economicamente produzidos e socialmente vivenciados* (Corrêa, 1995), reproduz modelos, de acordo com suas limitações, os transformando em lugares construídos pelos sujeitos sociais, vértices de suas relações, nas relações diárias, com a vizinhança, na feira, na horta, na escola, em casa, nas ruas da comunidade, aguça o sentido de pertencimento, afetividade e identidade com o espaço do cotidiano, daí também guarda as lembranças, esquecimentos, e suas memórias sociais, fruto da relação do espaço, tempo, e sociedade. Localizada na Zona Leste de Manaus, a ocupação estabelecida dentro dos limites do Bairro Jorge Teixeira, tornou-se a comunidade Valparaíso, sofreu a mesma dinâmica sócio-histórica de outras ocupações de terras em espaço urbano, e estabeleceu uma ordenação, em que a pessoa migrante, ribeirinho, indígena, suscetível às modernidades e seus padrões culturais, pode expressar suas singularidades em modelos específicos, como a horta urbana, saberes tradicionais, e uma profusão de manifestações no cotidiano, de sentidos e afetos desconhecidos, em suas relações sociais com espaços e forças e o tempo, vai moldando o fenômeno coletivo de suas memórias.

MAPA 1: LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO



Fonte: Base de Dados vetoriais IMPLURB, CPRM, IBGE
Org.: Gabriela Mendonça, 2024

Sendo preteridas pelo poder público, que se exige da responsabilidade de atender com serviços básicos a ocupação, mas que serve de moeda de troca em períodos eleitorais, com a condição do apadrinhamento político seja condicionada a sua eleição, para que suas demandas sejam atendidas.

Adaptou-se e desenvolveu estratégias de resistência para conquistar espaço, é um sujeito histórico desconhecido, porque minimizado em seus feitos, outros classificam em estereótipos sua história, dentre outras, a de massa, alienada, separada, da existência diminuída. Fica desta forma memorizado, segundo Candau (2023): “*num mundo ordenado arbitrariamente, os estereótipos serão muitas vezes, as muletas de um pensamento classificatório frustrado ou posto em questão por uma massa de informações desordenada*” (Candau, 2023, p. 84).

As memórias daquele sujeito, contam outra história, onde movimentou-se dentro do seu campo, arguiu, argumentou, confrontou, utilizou de ardil, acatou, evoluiu e adaptou-se, percebendo interesses do clientelismo político, se utilizando da força das imagens das lideranças, ressignificando e impondo sua cultura, estabeleceu relações e convergiu interesses para aquela comunidade urbana, dando outro significado aos estereótipos que o inferiorizam.

A comunidade tem origem neste contexto, das ondas de migrações e ocupações que crescem com o advento da Zona Franca de Manaus, na década de 1970, se expande horizontalmente para Zona Leste de Manaus, com a ocupação de partes da área de mata pertencente à Universidade Federal do Amazonas, que vai originar o bairro do Coroadó, ponto de partida de multiplicação da dinâmica Zona Leste de Manaus.

Nota-se dentro deste complexo campo, além destas flexões de ideias, os efeitos desta disputa para as sociedades excluídas, inserido num espaço construído para ser assim, não de maneira planejada, mas diferente, inorgânico e informal, por não estarem adequados às classificações que ordenam os sistemas e padrões, são representados nos estereótipos negativados, em forma de caricatura.

Essas descrições, que não se encaixam num mundo idealizado, são construídas em contrastes às classificações ideais, para evidenciar as diferenças entre classes em suas representações, são generalizadas, nas suas paisagens desorganizadas, de casas sem reboco e do azul das caixas d'água, das telhas de amianto, ou do zinco corroído pela ferrugem que cobrem os barracos de madeira cinza, dos labirintos de becos e vielas com pouca iluminação, das ruas sem asfalto, sem saneamento e calçadas, inúmeras igrejas, tabernas, bares, violência, muitos filhos e vive de auxílios do governo, dos cachorros que disputam a pista de piçarra com crianças brincando na rua, do trânsito sem regras, onde moram pessoas de diferentes cultura, educação formal e pouca civilidade. Um estorvo que aumenta a dívida pública. Neste conjunto de falas reproduzidas aqui, fazem parte as observações de outros diálogos comuns na cidade, resgatado de memórias pessoais do autor, quando provocado pela pesquisa descrever o que ouve, lê sobre a comunidade, mas não o que vive em suas relações, de troca de saberes em sala de aula, do transitar entre o bar e a igreja, do barulho das feiras, da algazarra das crianças na escola, das práticas e cultivo, e do calor humano.

1.3 Contextos socioculturais e os quadros da memória

Ednéia Mascarenhas aponta as ilusões da modernidade, na Manaus da *Belle époque*, mecanismos e dispositivos que visavam uma padronização estética e controle social, desenvolveram-se, quem não se enquadra, é separado, e se não alcança os termos do códigos de posturas ou leis sanitárias, padecia de uma segregação urbana, o excluído ao se adaptar nas margens, com suas diferenças culturais e econômicas, gera mais medos, (cidade de barro, cidade flutuante, cidade das palafitas), em que é associado aqueles espaços, todas as mazelas físicas e sociais nestes focos urbanos, povoando o imaginário do outro (privilegiados).

Importante análise social para este estudo, em que podemos identificar alguns mecanismos da trama, como *uma armadilha da natureza humana*, o estudo sobre as relações sociais no contexto urbano analisadas na obra: *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder*, baseia-se em um estudo de caso na cidade fictícia de Winston Parva, onde "estabelecidos" e "outsiders" vivem em separados. O estudo revela a reprodução contínua de segregação e exclusão, com os "estabelecidos" mantendo sua posição privilegiada e os "outsiders" marginalizados por meio de estigmatização e controle social. A coesão social dos "estabelecidos" é mantida pela exclusão dos "outsiders", reforçada por práticas informais como fofoca e segregação dos espaços. Elias (2000), destaca que as configurações sociais emergem da interdependência entre indivíduos, criando normas e pressões que moldam o comportamento. No contexto moderno, essas dinâmicas continuam a exercer um poder coercitivo significativo sobre os indivíduos, especialmente através da tecnologia.

O medo de que se possa magicamente privá-los de sua liberdade, pela simples afirmação, pelo simples enfrentamento do fato de que as configurações de indivíduos podem ter um poder coercitivo sobre os indivíduos que as formam, é um dos principais fatores que impedem os seres humanos de reduzir essa força coercitiva, pois somente compreendendo melhor sua natureza é que poderemos ter esperança de ter algum controle sobre ela. (Elias; Scottson, 2000, p. 187).

Essa força coercitiva provoca *manifestações reativas* nos outsiders, segundo Elias (2000), involuntária na maioria das vezes, é nos jovens em suas ausências (A desigualdade social, políticas públicas eficazes, a falta de oportunidades educacionais e profissionais, ausência de serviços de apoio psicológico, programas de inclusão social, educação de qualidade, acesso a atividades culturais e esportivas, fortalecimento dos laços comunitários), que ele exemplifica a insubordinação (delinquência, violência) como manifestação de um

sentimento de inferioridade, uma forma de externalizar a raiva, o medo e a frustração acumulados ao longo do tempo, frente a exclusão e a coerção exercida pelos estabelecidos (Elias, 2000).

Cabe esclarecer os rumos dessas reflexões epistemo-metodológicas, que nestes estudos orbitam sobre a memória do agente social, toma por base as discussões historiográficas sobre o sujeito e o objeto, surgem das considerações dialéticas da historiografia e a subjetividade na memória, exploram a ideia de que a história não é apenas uma série de eventos objetivos, também é influenciada pelas relatividades dos indivíduos que a vivenciam e a narram. *A reintrodução dos agentes nos processos históricos e a diversificação dos instrumentos analíticos*, argumentando que a inclusão de perspectivas pessoais e emocionais torna a historiografia mais humana e acessível, permite, portanto, uma abordagem multifacetada, num transcender do tempo cronológico e permite captura das experiências humanas, a subjetividade oferece a flexibilidade necessária para integrar diversas perspectivas disciplinares (Boutier; Julia, p. 31, 1998).

Se considerarmos os elementos característicos daquela sociedade, que compõe a Comunidade Valparaíso, para além da realidade estabelecida, de um mundo classificado e ordenado, encontraremos vozes que suspiram suas desconfianças, que percebem as forças de controle, coerção e exclusão que moldam suas vidas cotidianas. Essas vozes, ignoradas, revelam consciência das desigualdades estruturais, e as expressam da sua maneira, quando reclamam da dificuldade de acesso à educação, mas precisam trabalhar para sobreviver, quando denunciam a falta de saneamento básico em suas comunidades, resultando em doenças que poderiam ser evitadas, quando protestam contra a criminalização da pobreza, que tornam suas vidas ainda mais precárias, quando falam sobre a insuficiência de transporte público que dificultam o acesso a cuidados médicos, quando lamentam a precariedade das moradias, muitas vezes construídas em áreas de risco, sujeitas a desastres naturais como enchentes e deslizamentos, quando apontam a discriminação e o preconceito que enfrentam no mercado de trabalho, limitando suas oportunidades de emprego, quando da burocracia e do atendimento desumanizado em órgãos públicos, que dificultam o acesso a direitos básicos e serviços essenciais. A percepção dessas forças é evidente nas narrativas de resistência e resiliência que emergem das memórias coletivas e individuais dos moradores, percebidas nos diálogos em sala de aula (EJA) na Escola da comunidade. São ausências que potencializam a exclusão social, deixando os moradores sem acesso adequado a serviços básicos como, a falta de reconhecimento e valorização social gera sentimentos de invisibilidade e inferioridade entre

os moradores, falta de um senso de pertencimento e identidade coletiva, exclusão das esferas de decisão e participação, os indivíduos são levados a acreditar que suas contribuições e existências são menos importantes, condições que não apenas limitam o desenvolvimento pessoal, mas também alimentam sentimentos, que se manifestam em estratégias de resistências, como a cooperativa horta urbana, mercado informal, manifestações culturais.

Como morador do lugar e Professor do ensino noturno, observo as influências negativas destas ausências, de como o aluno-trabalhador, depois de passar o dia-a-dia no trabalho, destaca as dificuldades da sua existência, de como percebe e se desvincula das armadilhas que germinam da exclusão social, e de como resiste a esta existência. Suas narrativas são marcadas pela dureza da vida na periferia e pela constante luta por sobrevivência, a ausência de oportunidades educacionais e profissionais impede que muitos deles vejam a educação como uma porta de saída para uma vida melhor. Sem serviços de apoio psicológico, esses alunos não têm onde buscar ajuda para lidar com os traumas e o estresse acumulado. A falta de programas de inclusão social e acesso a atividades culturais e esportivas limita ainda mais suas possibilidades de desenvolvimento integral. Frequentemente compartilham suas estratégias de resistência, muitos se envolvem em iniciativas comunitárias, procurando na educação uma forma de emancipação, buscando fortalecer os laços locais e construir redes de apoio mútuo.

Naquela comunidade urbana Valparaíso – Manaus/AM, da infraestrutura desassistida e informal, das narrativas estereotipadas, daquelas que generalizam o outro, reproduz os discursos excludentes, e anuncia sobre o perigo das periferias da cidade assombrando o pensamento, que narra de forma caricata ou dramática, o cotidiano amedrontador e seus exemplos diários de medos; a violência, falta de saneamento, asfalto, enchentes e deslizamentos. As mídias, ao enfatizarem somente certos estereótipos e imagens negativas, contribuem para a permanência destas representações do imaginário, que afetam profundamente as dinâmicas sociais e as percepções entre diferentes grupos.

Thompson (1992), afirma que para o entendimento das memórias, é preciso observar alguns pressupostos que perpassam pelo campo dos significados dos sentidos, portanto, a sensibilidade e alteridade ao entrevistar o outro, e relativizar as consequências das relações sociais para a comunidade, no momento da entrevista, do contato com as memórias compostas e recompostas e o silêncio do esquecimento, desenvolve uma sensibilidade de *psicanalistas*, não o de formação específica, mas enquanto "historiadores [cientistas sociais] aprendendo

muitas coisas com ela, a respeito de seu próprio ofício - em relação a si mesmos e a seus informantes" (Thompson, 1992, p. 198).

Nas memórias sociais deste estudo, o esquecimento é um importante elemento, segundo Pollak (1989), o esquecimento e o silêncio não apenas revelam as tensões e conflitos dentro da comunidade, destaca adaptação e formas de resistência, pelo discurso ou ação nas periferias urbanas, por vezes marginalizadas e estigmatizadas, desenvolvem mecanismos de esquecimento seletivo para lidar com a coerção e a exclusão.

O contexto social, que germina uma ocupação urbana, que parte de necessidades e ausências de pessoas e sua relação com a existência (economia, cultural, social), que adere a um movimento de ocupação de terra, que confronta o poder público ao demarcar, desbastar, espaço para tornar-se um lugar, até que vistos, quando não impedidos e escorraçados com violência, se não for inconveniente para o mercado imobiliário e suas especulações, são atendidos superficialmente por aquele poder, por que torna-se oportuno manter aquela massa refém de seus clientelismos, num processo orquestrado que dá voz a intermediários para que atenda a demandas naquela infraestrutura: (o presidente da comunidade, conselheiro tutelar, pastor, padre, e políticos que levam esta demanda, e exigem exclusividade de votos, por exemplo). Como morador e professor, observo que essa dinâmica que reproduz espaços urbanos ocupados irregularmente, nos diálogos em sala de aula com os moradores que frequentam o EJA, noturno, aflui ressentimentos e medos que afetam os sentimentos de pertencimento, estima e identidade dos moradores da periferia. A exclusão e a necessidade de lutar por reconhecimento e direitos básicos moldam a forma como os indivíduos percebem a si mesmos e a sua comunidade. Nesse processo, o esquecimento também desempenha um papel crucial. As memórias dolorosas e os traumas são, muitas vezes, seletivamente esquecidos como uma estratégia de sobrevivência emocional, permitindo que os indivíduos se concentrem nas narrativas de resistência e solidariedade que fortalecem a coesão social. sobre este, Pollak (2006), afirma sobre o esquecimento:

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (POLLAK, 2006, p. 03).

Destaca que o presente reinterpreta o passado a todo instante, favorecendo certas lembranças em detrimento de outras conforme as circunstâncias políticas e sociais, que

quando os clandestinos, inaudíveis, tem a oportunidade de encontrar um canal aberto para sua mensagem, as expõe e afirmam sua memória.

Estas memórias, resgatam aspectos relevantes da história da comunidade Valparaíso e do processo de ocupação do espaço, revelam um momento social, econômico e cultural específico da história da comunidade. Lembranças que são também, produtos de suas interações com outros membros da comunidade e com o ambiente ao seu redor. É possível entender a trajetória de vida dos moradores antigos, pioneiros da ocupação, as estratégias, relações sociais e os eventos que marcaram a história da comunidade, e de como estas lembranças foram construídas, em que esteios desenvolveram estas relações, e a reproduziram.

1.4 Paisagens dos sentidos: medo e ressentimento nas memórias esquecidas

As representações negativas, multiplicadas nas mídias, tornaram-se estereótipos ruins, transformaram-se em *Paisagens do medo*, para os que não estão na margem (que deve ser evitada), tomando emprestado o termo criado pelo geógrafo humanista Yi-Fu Tuan, que explora a relação histórico-espacial do ser humano e seus medos em sua obra *Paisagem do medo*, de como influenciam e afetam o comportamento, interações sociais, a maneira que percebem o espaço ao seu redor. De outros medos, das diferenças físicas e simbólicas representadas na criação humana, das representações, classificações, manifestações. De como causa o efeito de distorção, na percepção do outro naquela sociedade, de informações pré-concebidas, por desconhecimento ou convenção os estereótipos são reproduzidos e generalizados. De acordo com Tuan (2005):

O *medo* que os habitantes das cidades frequentemente têm dos pobres e dos imigrantes, não é apenas uma reação irracional, também uma construção histórica na relação dos espaços e o homem e suas distinções, de forças hegemônicas, que se utilizam dele para manter o outro sob controle (Tuan, 2005, p. 251).

Dentre as possibilidades de interpretações subjetivas, as relações sociais em suas interações simbólicas não horizontais, quando invertida a perspectiva, permitindo o morador da periferia, descobrir que causa medo e repulsa nos outros pode ser uma experiência sensível. Esse sentimento de ser visto como uma ameaça que reforça os estigmas e estereótipos inventados sobre sua comunidade, e podem afetar a autoimagem, internalizando esses estigmas, sentindo-se menos valorizados ou dignos em comparação com outros grupos sociais. Isso acontece, porque a identidade do morador da periferia é muitas vezes criada por

narrativas externas que destacam aspectos negativos, ignorando suas experiências, histórias e contribuições positivas.

Na historiografia contemporânea, a sociologia e a psicologia social desempenham um papel crucial ao aprofundar a compreensão das interações humanas e das estruturas sociais que as moldam, abrangendo as abordagens da memória, as lembranças e os esquecimentos de forma mais abrangente, reconhecendo que a memória coletiva é moldada pelas dinâmicas sociais e culturais do grupo e possibilitam reflexões, sobre as escolhas seletivas das memórias. Essas reflexões, sobre as estratégias de seleção, armazenamento, lembrança e esquecimento, são essenciais para entender as narrativas históricas de uma comunidade como Valparaíso, onde a memória dos moradores antigos e pioneiros da ocupação, relatam experiências de vida, das rupturas e permanências das relações sociais que marcaram a história local, bem como os conflitos, ressentimentos e outros sentidos, que as escondem.

A abordagem historiográfica dos ressentimentos é uma perspectiva que visa entender sentimentos como o ódio, a frustração e a inveja, influenciam a dinâmica social e a história das sociedades. Essa perspectiva está enraizada em uma tradição filosófica e sociológica que remonta a Friedrich Nietzsche e é expandida por pensadores como Max Scheler (1994) e Pierre Ansart (2001):

A questão da memória dos ressentimentos é diferente. Trata-se aqui de se colocar uma questão, mais delicada, e que podemos dividir em várias interrogações: que memória conserva o indivíduo de seus próprios ressentimentos? Por outro lado, que memória conserva dos ressentimentos daquele de quem foi vítima? Que memória conserva um grupo de seus próprios ressentimentos e dos ressentimentos dos inimigos dos quais foi vítima? (Ansart, 2001, p. 30).

Capturar e interpretar adequadamente os sentimentos subjetivos dos indivíduos e grupos, é o desafio dessa perspectiva, além de documentos, memórias e outras fontes que revelem os sentimentos e as percepções dos atores sociais. O autor chama a atenção para além do ressentimento, de critério seletivo da memória ou como móbil da ação, das memórias que surgem ou que somem a partir dos sentimentos, ressaltadas ou esquecidas pela seletividade dos afetos. Num estudo de um grupo social que está classificado no imaginário, como o excluído, e possui estereótipos negativos, a atenção especial à evocação de sentimentos e suas relações com a experiência de exclusão é fundamental. A evocação de sentimentos e suas relações com a história pessoal e coletiva ajudam a entender como esses indivíduos percebem sua posição social e a maneira como se lembram e reinterpretam eventos passados, sugere que

a memória é seletiva, destacando ou escondendo certos eventos conforme os sentimentos associados a eles (Ansart, 2001).

1.5 Cultura, identidade e a formação das memórias da comunidade

Nesse contexto, o ser humano é o resultado do meio cultural em que foi socializado; a cultura em que uma pessoa cresce desempenha um papel crucial na sua identidade, comportamentos e perspectivas. É todo comportamento aprendido (Laraia, 2001, p. 45).

Num momento em que a principal característica da cultura atual é que a criação e distribuição de produtos culturais, não dependem mais tanto das comunidades ou regiões específicas segundo Bauman (2012):

Sugiro que a imagem mais capaz de apreender a natureza das identidades culturais é a de um *redemoinho*, e não a de uma *ilha*. As identidades mantêm sua forma distinta enquanto continuam ingerindo e vomitando material cultural raras vezes produzido por elas mesmas. As identidades não se apoiam na singularidade de suas características, mas consistem cada vez mais em formas distintas de selecionar/reciclar/rearranjar o material cultural comum a todas, ou pelo menos potencialmente disponível para elas. É o movimento e a capacidade de mudança, e não a habilidade de se apegar a formas e conteúdos já estabelecidos, que garante sua continuidade (Bauman, 2012, p. 52).

As identidades não dependem mais de características únicas e fixas, essa fluidez e capacidade de adaptação são o que mantém a continuidade das identidades. Assim, na formação das memórias e da história, essa constante troca e reconfiguração, também influenciam profundamente como as pessoas lembram e constroem suas narrativas pessoais e coletivas, refletindo a natureza dinâmica e em transformação da cultura.

Estas circunstâncias permitem que um pluralismo de identidades, participem da formação social de Manaus, e mesmo que suas singularidades sofram com a homogeneização cultural, afirmam suas identidades através da resignificação e adaptação contínua de suas práticas e saberes. Essa diversidade de identidades resulta em uma confluência de experiências, tradições e narrativas que moldam a identidade coletiva da comunidade. Os indígenas urbanos, por exemplo, trazem consigo conhecimentos que, ao interagirem com a urbanidade, criam novas formas de expressão cultural, mesmo que folclorizadas, suas histórias e costumes, que são inevitavelmente influenciados e modificados pelas novas realidades que encontram, incorporam as mudanças que o contato com o ambiente urbano impõe, sem perder de vista suas raízes. Segundo o Apurinã José Milton Mamureteu, que mora na comunidade do

Valparaíso, enfrentar obstáculos é um desafio constante, nas lutas pelos melhores padrões de vida em Manaus, além dos olhares desconfiados que marca seu estigma indígena, comunga das ausências:

Infelizmente, a maioria de nós vive muito mal, sem emprego, vive de camelô, artesanato, como já falei, mora mal, assim distante, onde o poder público não olha, nessa comunidade aqui, nessa periferia, não tem infraestrutura nenhuma, muita violência, esses meninos todos no tráfico né? Não tem dinheiro, a maldição do mundo é o dinheiro. Eu, aqui ajudo as pessoas com o que aprendi, com o meu conhecimento que aprendi com os meus parentes, eu ajudo as pessoas e elas me ajudam (José Milton Mamureteu).

As narrativas de Mamureteu resgatam uma trajetória da sua infância na aldeia e a chegada dos missionários cristãos, bem como sua saída, ainda criança rumo a cidade grande: Manaus, sob os auspícios de uma integração harmoniosa na sociedade, entra em choque com uma realidade que o repeliu para a margem, para a periferia, aquela cultura outrora originária de sua tribo, nele sofreu mudanças, adaptações, tornou-se um benzedor, rezador, fazedor de garrafadas, que não se vale apenas dos saberes da floresta, agregou outros saberes à sua função, agora faz defumação com cigarro, remenda rasgadura utilizando tesoura e bacia virgem, cura quebranto lendo a bíblia, frequenta culto evangélico, ressabiado, pois é visto com desconfiança pelos outros, não vive numa comunidade indígena, mora só num espaço urbano longe do centro, seus relatos demonstram esta dinâmica de interação, seu conhecimento o sustenta:

- Mas pra mim a medicina tradicional é a mais importante, eu não aprendi com o Pajé, ele não ensina, eu aprendi, com todos, com minha vó, minha tia na aldeia, com meu povo todo, até hoje em dia aprendo uma coisa aqui, ali, eu nasci assim, com esse dom de juntar folhas pra fazer remédio, o Sr. não sabe o bem que faz o Tucupi de arara pra tosse de guariba, Capeba pra gordura no fígado, é bom demais...

- Eu puxo também né? Quando a pessoa chega machucada, fez muita força, a pessoa abre o peito né? Desloca as juntas, e também rasga a carne, que é a rasgadura, se a pessoa tiver fé, eu curo com óleo elétrico, oração e puxando, mas tem que puxar certo, costurar direitinho, se não pode até ficar pior, doente mesmo.

Um grupo de pessoas passam próximo, o saúdam:

- Bom dia seu Milton!

- Bom dia... tá vendo aí? Tudo me conhece por aqui, já ajudei muita gente

- Hoje já não vem muito mais não...

- O pastor ora e cura também né? Acreditam mais nos remédios de farmácia, na dipirona, que é baratinho..

O Sr. frequenta a igreja cristã?

- Vou de vez em quando, mas não muito não, acho que ficam me olhando né? Todo mundo me conhece lá, até o pastor, dia desse perguntou se eu tinha Crajiru, pra dar pra esposa dele, por que lá eu vou em busca de Deus não do homem...(José Milton Mamuteteu)

As ideias se movimentam nesse diálogo entre os sagrados, entre saberes, o popular, a pajelança e o cristianismo, e a força da naturalização da sociedade liberal europeia como a

única possível ou desejável, e como Mamureteu coloca como pano de fundo a sua identidade, para sobrevivência. *“E hoje eu preciso, eu preciso... você vê muitas crianças aqui, por perto com quebrante, com dor de barriga, uma senhora, um senhor, eu ajudo como posso, eu pego uma folha, eu esfrego, eu passo orando, acontece a cura né?”*, nesse processo de adaptação, nessa dialética social em que transita desconfiado sentindo a opressão do modelo naturalizado, resiste trocando em uma espécie de simbiose, quando diz que precisa por que tem que sobreviver, alimentar-se, pagar aluguel, não cobra mas não recusa, recebe em troca o que lhe oferecerem, desconfiados, mas precisam dele, de sua arte, de seu saber e prática, e entre folhas e defumação, a igreja, o culto e a oração, até mesmo o pastor, seu concorrente que ora e cura, o procura atrás das folhas, e mesmo na negação de algumas práticas, que soa de forma dúbia, renega, mas faz assim mesmo: *“Olha rapaz, eu rezo, eu faço defumação, então eu invocava, usava tesoura pra passar por cima, bacia virgem, água de cachoeira, todo essas coisa, hoje eu oro né, mais meu costume nunca deixei, pego desmentidura, tudo eu faço, então depois que aceitei Jesus, já estava com 39 anos, aí eu parei de rezar, por que tava seguindo o evangelho né?”*.

Seu Walter, mas assim, depois de mim, ninguém aqui se interessa em aprender nosso costume, aqui na cidade não, tá muito moderno, muito diferente...

Pergunta- A internet?

- Também, tem tudo aqui né? (puxa do bolso seu aparelho), dia desses meu sobrinho que eu considero, me ensinou a mexer, a pesquisar, muito bom, tem tudo aqui...

Pergunta - Mas tem que pagar né?

- Por isso que não tenho o costume disso, não fico correndo atrás, é só pra caso de algum parente quiser saber de mim.

- Aqui onde moro no Val paraíso, depois de mim, acho que meu costume vai comigo pra debaixo da terra, mas só tenho isso e Deus.

Depois, agradeceu, pediu licença para sair, já eram quase 11:00 e ainda ia atrás do almoço... Tirou o cocar, guardou na sacola, pôs seu documento no bolso, (o tempo todo estava mão, gesticulando com ele), desatou a rede e foi embora. (Mamureteu, José Milton. Manaus, Valparaíso, 13/08/2023)

Antes de Mamureteu desatar a rede, faz algumas reflexões sobre como o que sabe, o que viu, o que conhece está mudando, adaptando ou se perdendo, ele, isolado de sua comunidade indígena e inserido no seio de uma comunidade urbana periférica, sujeita aos auspícios de uma modernidade progressista, encontrou brechas para sobreviver, reconhece a força do moderno, prefere sua medicina tradicional, ao ajudar é reconhecido, respeitado, mesmo com desconfiança, numa dialética social que sempre o confronta com aquela já naturalizada, eurocêntrica, progressista, moderna, traduzida na dubiedade de suas palavras, nas suas práticas que sincretizam outras para potencializar suas curas, quiçá sua aceitação também. Essa diferença cultural gera estranhamentos e preconceitos por parte das demais

peessoas, que muitas vezes não compreendem a importância e a beleza de sua cultura. Nas terras indígenas, a conexão com a terra, os rios, as plantas é parte essencial da vida cotidiana. Na cidade, essas pessoas se veem privadas dessa conexão vital, muitas vezes isolados não se veem representados nos espaços de poder e decisão, sente-se excluído socialmente, mesmo quando tenta se adequar, se encaixar: Sobre frequentar igrejas, *“Vou de vez em quando, mas não muito não, acho que ficam me olhando né? Todo mundo me conhece lá, até o pastor.*

A tecnologia encaixotou o saber num pequeno aparelho que ele possui, consulta-
Também, tem tudo aqui né? (puxa do bolso seu aparelho), dia desses meu sobrinho que eu considero, me ensinou a mexer, a pesquisar, muito bom, tem tudo aqui... às vezes, na sociedade onde vive, tudo tem um preço, e poucas vezes pode pagar, ainda prefere a troca, ele o carrega enrolado num pano, tem muito apreço por ele, tão importante para a sociedade da informação, da comunicação, soa simbólico a necessidade de se fazer ouvir, de falar.

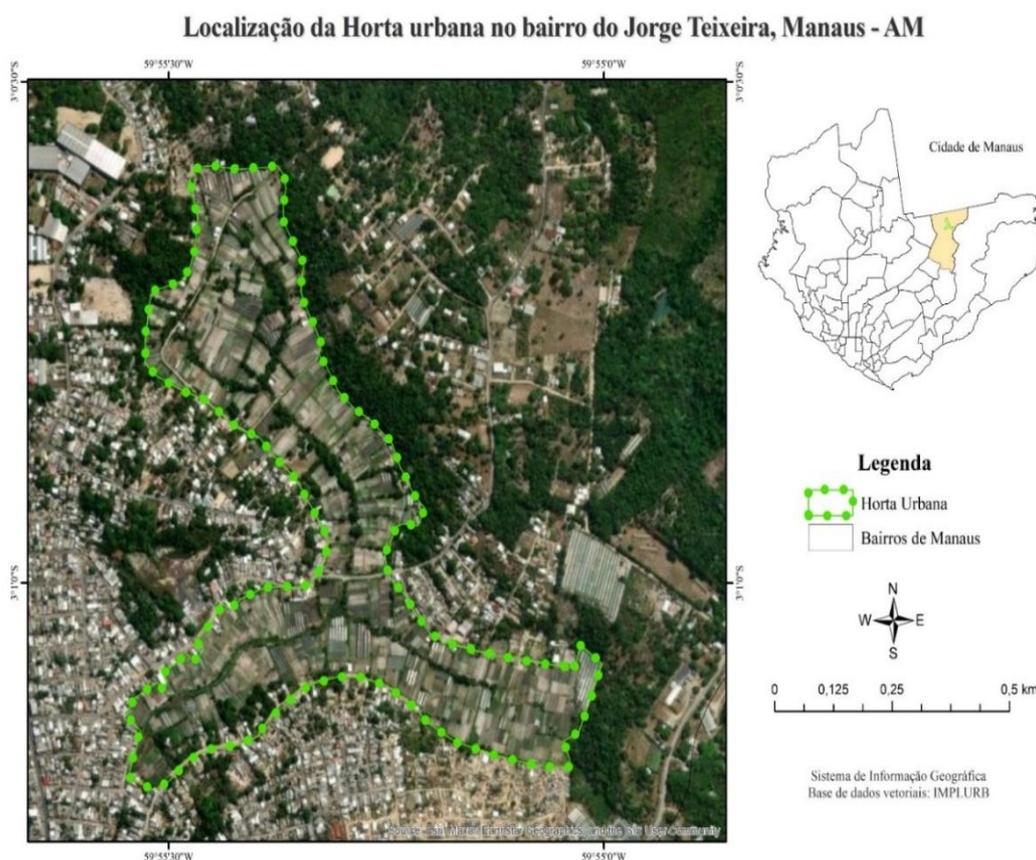
Frequentemente representados de maneira estereotipada, os habitantes da comunidade demonstram uma diversidade de estratégias para sobreviver e prosperar. Migrantes de diversas origens, indígenas urbanos e trabalhadores informais usam dos seus saberes, experiência cotidianas, para transitar naquele tecido social, estabelecendo relações e identidade, nas múltiplas igrejas protestantes, tabernas e bares locais, ouvindo e tocando, resignificando as influências culturais e transformando a paisagem urbana não planejada em um mosaico vibrante de vida. Práticas sociais, que exemplificam como a cultura e a identidade são continuamente reinventadas e negociadas, desafiando estereótipos e refletindo a complexidade e riqueza do cotidiano, a horta urbana, apesar de ser um projeto local, não só assegurou a subsistência inicial da comunidade, também promove a comercialização de excedentes, potencializando outras relações, e reflete uma resposta às dificuldades enfrentadas por aqueles moradores, garantindo uma fonte de renda para suas famílias.

Criada a partir do conhecimento, das práticas adquiridas, é a manifestação das identidades que participaram do seu processo criador, da prática do cultivo da terra a escolha do que plantar, do seu formato cooperativo, da diversidade de pessoas de diferentes origens que partilham do trabalho e renda, gerando um envolvimento comunitário e a integração de diferentes saberes e experiências não apenas garantem a sustentabilidade do empreendimento, mas também fortalecem os laços entre os participantes, gerando um sentimento de pertença e identidade compartilhada. Cada decisão, cada colheita, cada momento de cooperação contribui para a construção de uma memória coletiva, onde as histórias individuais se entrelaçam para formar uma narrativa comum, segundo Thompson *“Que o processo da*

memória depende não só do processo de adaptação do indivíduo mas também de seu interesse, uma lembrança é muito mais precisa quando corresponde a um interesse e necessidade social.” (Thompson, 1992, p. 153).

Assim, o processo de criação e manutenção dessa horta urbana além da atividade econômica, coopera para afirmar identidades, reproduzir as culturas, e trocar experiências através das interações e relações, recordando, lembrando, esquecendo, selecionando memórias, evidencia como a união de diversos conhecimentos e práticas culturais pode resultar em uma comunidade, resiliente e rica em histórias, refletindo a natureza dinâmica e interativa da formação de memórias e identidades, comungando para o estabelecimento e desenvolvimento da comunidade urbana do Valparaíso.

Mapa 2: Horta Urbana na Comunidade Valparaíso



Fonte: Base de Dados vetoriais IMPLURB
Org.: Gabriela Mendonça, 2024.

Como resultado de diálogo de culturas, tornou-se uma opção de trabalho e renda entre os moradores, quando a comunidade começou a buscar alternativas para enfrentar as adversidades econômicas e sociais. Entendemos essas ações como resistência, pois reflete a

capacidade de adaptação dos moradores que encontraram soluções para garantir sua subsistência e fortalecer os laços comunitários, essa dinâmica muda a forma como a identidade e a memória são construídas e preservadas. Recordar ou esquecer, é seguir um fluxo ordenado e classificado de múltiplos mundos, ideias e significados, de acordo com as modalidades históricas, culturais e sociais, que formam suas memórias, e sua relação com a identidade e suas representações no tempo. (Candau, 2023, p.84). Esse espaço se tornou um símbolo de união e resiliência, preservando e transmitindo valores culturais e sociais. É o indivíduo, consciente de sua existência, e das histórias que carrega em suas memórias, que se entrelaçam com outras, moldando as memórias coletivas da comunidade, formando uma teia rica e complexa de histórias vividas, através das lembranças compartilhadas.

Capítulo II: ESPAÇO DA CIDADE E ESPAÇOS DE MEMÓRIA

Memórias das espacialidades urbanas e a história em pedaços no Valparaíso

A comunidade se define não apenas pelo espaço físico, mas como um lugar de construção simbólica, onde história, memória e identidade se entrelaçam na luta por reconhecimento. Um pequeno preâmbulo para que esclareçamos as distinções entre memória e história em Nora.

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a conformam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.

No coração da história trabalha um criticismo destrutor de memória espontânea. A memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e a repelir. A história é deslegitimação do passado vivido. No horizonte das sociedades de história, nos limites de um mundo completamente historicizado, haveria dessacralização última e definitiva. O movimento da história, a ambição histórica não são a exaltação do que verdadeiramente aconteceu, mas sua anulação.

(Nora, 1993, p.09).

O texto contrasta memória e história, destacando como a memória é viva, subjetiva e coletiva, enquanto a história é uma reconstrução crítica e impessoal do passado. Argumenta-se que a história, ao analisar e deslegitimar o passado vivido, pode enfraquecer a memória espontânea dos grupos. Esse embate ressalta a tensão entre a necessidade de preservar lembranças e a busca por uma narrativa histórica mais universal e racionalizada.

Essa dualidade entre memória e história se manifesta na forma como os eventos são narrados e apropriados. A experiência vivida pelos moradores, repleta de desafios e estratégias de adaptação, constrói uma memória coletiva que nem sempre é reconhecida nas versões oficiais. Enquanto a memória valoriza o protagonismo dos ocupantes e suas lutas, a história institucional muitas vezes organiza os fatos em uma perspectiva que privilegia a ação do

Estado, tornando a ocupação um marco administrativo em vez de um processo social complexo.

Essa disputa por significados revela como diferentes agentes – moradores, imprensa e poder público – moldam e disputam a narrativa sobre a origem e transformação do Valparaíso.

Assim, não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço — o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir — que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça. (Halbwachs, 2006, p. 176)

Elisvalda descrevia as impressões de seu trajeto de volta para casa, da correria no Terminal 4 para subir no ônibus que rumava para o bairro era uma disputa para sentar no melhor lugar, perto da janela ou, ao menos, conseguir um assento. Entre sacolas, mochilas e o cansaço acumulado, raramente tinha essa sorte. Rostos suados, passos apressados e olhares atentos acompanhavam o movimento da fila, temendo que a porta se fechasse antes do embarque. Poucas rotas circulavam até o Valparaíso — 063, 065, 068 — e, em dias de sol a pino, exaustão, a lotação, o executivo ou o mototáxi se tornavam alternativas para evitar o terminal. Direto do centro, apenas o 676, sempre cheio. A espera por ele era angustiante, e, no verão, o calor do motor parecia tomar conta do ônibus, tornando a viagem ainda mais penosa.

O retorno do centro de Manaus, especialmente do entorno do mercado municipal, onde vendia cocadas até o sol da tarde se tornar insuportável, era um ritual diário. Por volta das 14h, esse calor intenso servia como um alarme natural para iniciar a viagem de volta para casa. Mais tarde que isso, o trajeto se tornava um teste de paciência, com o ônibus parando a cada ponto para recolher mais passageiros. Essa rotina deixava evidente como o espaço urbano se organiza e se transforma a partir das relações sociais, estabelecendo fluxos, barreiras e hierarquias que estruturam a vida cotidiana.

Halbwachs (2006) argumenta que a lembrança individual nunca existe de forma isolada; ela se ancora em um quadro social que lhe dá significado. No caso das ruas do centro, as memórias eram marcadas pela sobrevivência, pelo trabalho e pela necessidade constante de movimento. O ritmo acelerado das calçadas, o fluxo ininterrupto de pessoas e veículos e a multiplicidade de serviços e comércios evidenciavam um espaço funcional, de passagem, onde a individualidade se dissolvia na dinâmica da cidade.

A espacialidade urbana, portanto, não se restringe ao planejamento físico, mas se desenha no encontro entre práticas e vivências. Se há uma ordem preestabelecida, ela é constantemente subvertida pelos trajetos, os jogos dos passos moldam o espaço, tecem os lugares, pelas formas de ocupação e pelas negociações cotidianas que os moradores estabelecem com a cidade (Certeau, p. 176, 1998). O ir e vir dos trabalhadores, a disputa por espaço no transporte público e as estratégias para encurtar distâncias ou suavizar desgastes são expressões dessas espacialidades insurgentes. Afinal, o espaço urbano não é apenas um cenário fixo, mas um território em disputa, onde as trajetórias individuais e coletivas reconfiguram constantemente seu significado.

Quando eu cheguei aqui eram muitas matas, e não tinha onde a gente comprar comida, tomar água, aqui eu sofri com a minha família, lutemos, chegamos aqui e vencemos.

Aí depois o bairro foi, graças a Deus, multiplicando as coisas, foi melhorando, mas enquanto isso, a gente não tinha água, a gente pegava água do poço, aquelas cacimbas, a gente cavava as cacimbas, uma nós tampava e a outra a gente, com o pessoal, tirava a água, falava a roupa, lavava a louça, e era um sofrimento que nós passeamos aqui.

Aí quando a gente conseguiu fazer um poço, cada um fez um poço na frente da sua casa, porque o poço próprio, né? Foi mais ou menos um sofrimento, a gente tinha que ter a bomba, aí ninguém tinha, a gente fazia aquela carretilha para tirar a água, mas era muito perigoso, a gente tirava assim mesmo. Aí o povo não tinha essa sabedoria, aí eu dava água para todo mundo. Aí no dia de limpar, o pessoal vinha limpar, a gente passava. E aqui, a escola aqui, ainda não tinha começado ainda na época, começou de madeira, era muito humildezinha aqui a escola, a igreja Nossa Sra. Do Rosário também era de madeira, era muito humilde, o Valparaíso era muito humilde. A gente só via o pessoal de manhã, porque de noite ninguém saía, porque era no escuro, no meio do mato ninguém saía, né? Aí foi indo, foi indo, passaram muitos anos, aí foi melhorando. Aí começou a chegar a luz para nós, começou a chegar asfalto nas ruas, fizeram as ruas, mais pessoas chegaram, e a mata caindo, o trator passando, a poeira subindo, o asfalto queimando, pintando de preto aquela piçarra toda.

Nós sofrimos muito, nós. Depois apareceu essas lotações, apareceu os carros fazendo frete. Aí ficou igual, melhorou também, porque tem o Jorge Teixeira, o pessoal de lá destacaram os ônibus para cá, a empresa São José, destacou os ônibus para cá, eram dois ônibus só. A gente não tinha um para o terminal, só tinha um ônibus. Era só o 676, aí para o centro voltava, só pegava o ele, ninguém pegava para o terminal. Aí depois começaram, a gente começou a reclamar lá do fiscal, para ver se eles colocavam o ônibus e a gente ia para o terminal, porque tínhamos gente que já trabalhava, tinha que sair pelo terminal. Uma gente chegava atrasada, muito não, aí nós conseguimos, fizemos uma manifestação para conseguir os ônibus, conseguimos.

Hoje que não deu para fazer aí rua, mas fez uma comecinha de Beco, mas fizeram, porque não tinha como abrir rua, não esqueçam o Beco, porque devido a sair da horta, que ficava muito chavoscada assim, de lama, aí não tinha como fazer rua, aí fizeram o Beco mesmo. Até aqui estamos vencendo, graças a Deus. (Elisvalda, Manaus, novembro 2024).

Fig. 3. Urbanização e vivências da comunidade



Fonte: facebook.com/BairroValparaiso. Acesso em: 11 maio 2024

No entanto, à medida que o ônibus avançava para a zona leste, esse ritmo se transformava. A estrutura urbana se tornava mais irregular, os serviços menos acessíveis, e a paisagem começava a revelar outra lógica, menos impessoal. O trajeto desenhava uma transição entre a cidade planejada e a cidade vivida, entre o espaço ordenado e a experiência cotidiana da periferia, e essa informalidade do transporte é confirmada por Toninha, que relembra as dificuldades enfrentadas no dia a dia, obrigando os moradores a improvisar alternativas. “A gente tinha que se virar. Às vezes, pegava uma lotação ou ia até certo ponto de bicicleta, porque o ônibus não entrava na rua quando chovia.” Os motoristas, muitas vezes conhecidos pelos passageiros frequentes, acabavam criando redes informais de apoio. Eles conheciam a rotina da gente”, relembra Toninha, evidenciando como a precariedade do sistema era amenizada por relações de proximidade e solidariedade.

Pois é. Não tinha ônibus, tinha um cata-corno, que... O ônibus deixava a gente, acho que lá, no Tancredo Neves, de lá, esse cata-corno trazia a gente. Não é linha não, chamavam de transporte ilegal, mas era o único. É particular, um cacareco, o Bigode cobra 5 reais. Inclusive, até hoje, ele leva pra feira, coloca, o pessoal dentro pra ir lá pra Panair comprar peixe, o ponto é ali na Feira do Produtor. (Toninha, novembro, Valparaíso, 2024).

As ruas no Valparaíso são mais do que caminhos de passagem; constituem territórios de pertencimento. A cidade não é um espaço homogêneo, mas um mosaico de experiências, onde diferentes grupos sociais negociam significados e formas de ocupação. (Velho, 1994).

Para Elisvalda, a relação com o centro urbano de Manaus era predominantemente pragmática e impessoal, pois era ali que buscava seu sustento. Na periferia, a vivência era diferente: laços comunitários estruturavam a identidade local, e a construção do espaço ocorria de forma coletiva, adaptando-se às necessidades e possibilidades dos moradores. Assim, enquanto no centro a cidade se impunha sobre o indivíduo, no Valparaíso, a experiência urbana era construída no cotidiano, nos encontros, nas redes de sociabilidade e na resistência à desigualdade. Era nesse território que sua memória se ancorava, onde as ruas de barro, os pequenos comércios e as casas que cresceram junto às famílias se tornavam mais do que paisagem – eram testemunhos de um pertencimento construído na prática da vida urbana.

Ao percorrer aquele trajeto de ônibus, sua memória era ativada pelas paisagens em transformação, pelos contrastes entre o centro e a periferia. mais rico, infraestrutura organizada, ruas bem pavimentadas e uma oferta ampla de serviços. No entanto, à medida que adentrava a zona leste, percebia como essa estrutura se diluía, num rastro de desigualdade que se intensificava a cada quilômetro, sinalizando a transição rumo a outro espaço urbano e o lugar onde mora, levada pelas ruas que se modificavam, mudavam de formas e nomes: Ruas Epaminondas, matriz, Getúlio Vargas, Djalma batista, André Araújo, Autaz mirim, Itaúba, Brigadeiro Hilário Gurjão, Alarico Furtado, Cada uma dessas vias parecia marcar um novo estágio da cidade, como se atravessá-las fosse percorrer camadas de uma história não oficial, escrita nos gestos e trajetórias dos que ali vivem.

Fig. 4: Paisagens urbanas da periferia (Valparaíso-Manaus).



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2024.

Os prédios altos e iluminados do centro ficavam para trás, dando lugar a construções mais simples. O trânsito perdia a fluidez, os comércios de grandes redes eram substituídos por

pequenas vendas e barracas, e os rostos nos pontos de ônibus carregavam uma espera pelo transporte, e outras oportunidades.

O caminho, geográfico e simbólico, revelava em cada mudança da paisagem algo sobre a estrutura social da cidade — sobre quem pode ficar e quem precisa se mover, sobre o direito de permanecer e a exigência de ir cada vez mais longe para garantir o sustento. As ruas, com seus nomes oficiais, escondiam os nomes populares, os apelidos dados pelos moradores, os becos que não aparecem nos mapas, mas que desenhavam a verdadeira geografia do cotidiano.

Valparaíso, seu destino, marcava o fim dessa trajetória. Mas, ao contrário da relação transitória que tinha com o centro, ali sua vivência era outra. Passageira e parte do lugar, recordava das ruas de barro que ajudou a abrir, das casas que cresceram junto com as famílias, tabernas, comércios improvisados e compunha o quadro de referências que dava forma à sua identidade. Na experiência compartilhada com outros moradores, sua memória encontrava eco e continuidade.

A minha casa foi de papelão, foi de madeira, hoje em dia é de alvenaria, mas por muito esforço que eu passei, e estou passando aqui no bairro, era muito mato, na minha rua a gente tinha que subir, eu convidava minhas vizinhas e a gente ia fazer uma ladeira, uma ladeirinha, capinava, para a gente ir. Onde a gente comprava comida, era lá no Jorge Teixeira, primeira etapa, a gente se destacava daqui, porque não tinha condição para a gente ir, então a gente sofria na ida e na vinda, que era muito longe, tínhamos que deixar nossos filhos. A invasão começou da horta para cá, Jorge Teixeira. Já, só existia a horta quando eu vim para cá, existiam muitos moradores, mas era do Monte Sião, Cidade de Deus, e tinha o pessoal da horta também. Quando vim lá do João Paulo, para cá, eu vim amigada, com o pai das minhas filhas. Aí, no tempo, quem tinha que ir na frente de nós aqui, do nosso terreno aqui, era a irmã, era uma irmã da igreja, Uma freira, a irmã Helena, que era a frente de tudo. Só ela, e tinha mais duas pessoas que apoiavam, ajudavam, né? Ela vinha fazer as nossas reuniões, de vez em quando, uma semana sim, outra não, uma vez no mês ela vinha, ela explicava tudinho para nós, que quem tivesse de vontade de ter sua casa própria, tinha que estar ali nas reuniões para escutar o que ela falava, para a gente poder obedecer, para conseguir a nossa casa própria, né? Nessa época que ela entrou aí, esse terreno ainda não tinha nada. Só agora, foi de 90 e 2000, e de 2000 para cá que já começou a melhorar o bairro, né? Nós, não tinha luz aqui, a gente usava vela, querosênio. (Elisvalda, novembro de 2024)

A fala de Elisvalda revela a experiência concreta dos moradores na transformação do espaço, alinhando-se à ideia de que a paisagem não é apenas um dado natural, mas um território construído pela ação humana. Seu relato evidencia como a adaptação ao terreno se deu de forma gradual e coletiva, desde as primeiras moradias improvisadas até a consolidação

das casas de alvenaria, acompanhando o avanço da urbanização e a chegada de infraestrutura básica.

Lefebvre (2013) entende como um processo dinâmico de produção do espaço social a interação contínua entre práticas cotidianas, construído e reconstruído pelas experiências. A urbanização do bairro, descrita no segundo trecho, não se deu de forma homogênea ou planejada, mas emergiu da interação entre a paisagem original e as práticas de seus habitantes, que, como artífices da mudança, imprimiram sua marca no território. Assim, a floresta que cedeu lugar às ruas e vilas reflete não apenas a transformação física do espaço, mas também a transformação das relações sociais, dos modos de vida e das dinâmicas culturais que se estabelecem no cotidiano. Os hábitos, os costumes e as estratégias de sobrevivência dos moradores ressignificam o território, tornando-o um espaço vivido, onde memórias e experiências se entrelaçam à materialidade urbana, configurando um ambiente em constante reconstrução.

Então, a paisagem adaptada pela singularidade do terreno pelo morador se modifica, as árvores deram lugar à piçarra das picadas que iam se multiplicando, contornando os lotes e subindo as pequenas colinas, logo tornaram-se ladeiras asfaltadas. A floresta permanecia viva, mesmo enquanto novos caminhos eram traçados em sua paisagem, transformando em ruas, vilas e becos, os atalhos, dividindo em quadrados simples ou compostos, os lotes, as casas que abrigam o morador, artífice das mudanças que operavam naquele lugar.

2.1 A Jornada da moradia: história e memórias de resistência na ocupação

Os córregos foram sendo margeados por Rip-rap, uma improvisação do saneamento básico, que se tornou regular. Após a consolidação da ocupação, o Estado atende à demanda, operando os serviços de infraestrutura básicos, junto a outras instituições, preparando o terreno para habitação dos moradores, foi assim com o São José, Jorge Teixeira e Valparaíso. Segundo a imprensa da época, a partir da abertura da via urbana grande circular, como era conhecida, que uniu as Zonas Leste e Norte, do São José a Cidade Nova, este traçado urbano, planejado no papel, virou um rasgo na selva, um caminho para o morador adentrar e modificar a paisagem nas suas margens. A mata ficou pouco tempo ociosa, logo a população não atendida em suas reivindicações em outras ocupações, como a do São José, inicia outras naquele espaço. A iniciativa privada aciona o capital especulativo imobiliário, e constrói suas obras.

A Prefeitura de Manaus cria o bairro do Jorge Teixeira em 1989, para atender trabalhadores, desempregados e migrantes regionais, aqueles remanescentes de outras ocupações, principalmente do São José, aos poucos, o bairro Jorge Teixeira foi ganhando forma. Alguns postos auxiliavam na instalação dos novos moradores, como a Casinha Branca, da URBAM (Empresa Municipal de Urbanização), que despontava solitária naqueles sertões, a FUNDACOM (Fundação de Amparo Comunitário Municipal), que prestava serviço de assistência social, entidade municipal extinta em 1999, a Prefeitura de Manaus cria em 1993 a Secretaria Municipal de Organização Social e Fundiária (SEMOSF), com o objetivo de regularizar os terrenos e amenizar as ocupações. Era então uma ocupação regular, organizada pela Prefeitura, e apoiado pela igreja Católica, cuja paróquia São Sebastião foi atuante com a Pastoral da criança, coordenada por Frei Mário Monacelli. Num piscar de olhos, aquela mata foi derrubada, substituindo os sons da natureza pelo barulho mecânico das máquinas e o ritmo das mãos humanas que, como em um ajuri, uniram forças para limpar o terreno e abrir espaço para novos lotes. A paisagem se transformou com a pressa da urbanização, impulsionada pela necessidade de moradia e pelo desejo de conquistar um espaço em meio ao caos. Casas improvisadas começaram a surgir, construídas com madeira, papelão e o esforço comunitário. As interações entre os moradores e o espaço moldaram não apenas a geografia, mas também a identidade coletiva da comunidade que ali se formava. As ocupações se expandiram para além do Jorge Teixeira.

O processo de ocupação ordenado e pacífico do local veio abaixo, nos anos seguintes em que ocorreram sucessivas invasões que resultaram na criação das quatro etapas do bairro, mais o João Paulo II, o Nova Floresta, Bairro Novo, Monte Sião e o Valparaíso (Jornal do Commercio, 23/10/2006).

O crescimento diário do número de pessoas reivindicando moradias impulsionou a expansão das fronteiras para além do bairro Jorge Teixeira, configurando novas ocupações e demarcações de lotes sob diferentes lideranças. Nesse contexto, destaca-se o papel fundamental de Irmã Helena Walcott, conhecida religiosa ativista das causas perdidas, dos excluídos e moradores sem teto, que em articulação com a Pastoral da Terra, liderou os primeiros assentamentos, que dariam origem aquela comunidade. Esses assentamentos não foram apenas espaços físicos, mas espaços de memória, nos quais os primeiros moradores construíram narrativas identitárias que transcendiam as circunstâncias materiais da ocupação.

A urbanização inicial contou com serviços básicos realizados pela Prefeitura de Manaus, e a comunidade, formada por migrantes vindos do Pará, Maranhão, e da capital e

interior do estado do Amazonas, das regiões de Cacau-Pirêra e Iranduba, conhecidas por sua produção agrícola – bem como por deslocados das áreas centrais de Manaus, são grupos sociais heterogêneos, como afirma Jacy Seixas, sobre os percursos das memórias, "*que apreendem o mundo presente e reconstróem sua identidade, inserindo-se assim nas estratégias de reivindicação por um complexo direito ao reconhecimento*" (Seixas, 2004, p. 42). Desses deslocamentos de pessoas para a região do Valparaíso, observa-se a resultante do processo de gentrificação e urbanização promovido por programas como o Prosamim, que alteravam profundamente as paisagens urbanas alagadas do Centro, foram reservados lotes de terra para as pessoas daquela área ocupada.

Eu mesmo não gostei, morava pertinho do centro da cidade, quando disseram que era pra cá, não quis não, longe sem água, no meio do mato...não demorou muito eu dei o lote pro meu genro morar, passou o tempo ele comprou outra casa no Monte das Oliveiras, e deixou construído, como não tinha pra onde ir, e não queria pagar aluguel, eu vim de volta e estou até hoje, saí do Santa Luzia, não fui contemplada com o Prosamim de lá, por que onde eu morava não era casa própria, aí deram os lotes pra gente aqui no Valparaíso (D. Natália, Manaus, Valparaíso, novembro 2024).

A complexidade desse espaço comunitário e suas espacialidades revela dinâmicas de pertencimento, conflitos e estratégias de adaptação frente às transformações das sociedades, materiais e simbólicas, o processo de reassentamento forçado, como exemplificado no relato de Dona Natália, evidencia não apenas as dificuldades materiais, *mas também os impactos subjetivos do deslocamento compulsório dentro da própria cidade* (Velho, 1994). A experiência de ser deslocado de um território já consolidado para um espaço periférico ressignifica as relações dos moradores com o urbano, alterando suas trajetórias e redes de sociabilidade. Para muitos, a mudança representa uma ruptura com modos de vida anteriores, exigindo a reconstrução de vínculos e a adaptação a uma infraestrutura urbana muitas vezes precária. No entanto, ao longo do tempo, esses moradores desenvolvem formas de apropriação do espaço, criando novas centralidades e estabelecendo práticas comunitárias que reafirmam sua presença na cidade.

O depoimento de dona Natália ilustra como essas trajetórias são marcadas por negociações constantes, seja na tentativa inicial de evitar a mudança, seja no retorno ao lote por necessidade. Essa circulação entre diferentes territórios urbanos reforça os estudos de Velho sobre a flexibilidade das estratégias individuais diante das estruturas sociais, espaço de reconstrução identitária e reivindicação onde diferentes histórias de vida convergem na luta pelo reconhecimento e pela permanência na cidade.

A pobreza não é um sistema fechado de valores imutáveis, mas um fenômeno complexo, atravessado por relações de poder, dinâmicas estruturais e múltiplas temporalidades (Souza, 2009). As comunidades marginalizadas, longe de serem passivas, constroem narrativas próprias e desenvolvem estratégias de resistência para reivindicar seu espaço na cidade, a memória urbana é constantemente renegociada, as interações sociais nesses territórios tecem redes de pertencimento e participação.

O artigo do Jornal do Commercio que relata as dificuldades da ocupação do Valparaíso, em 1996, que iniciou logo após a inauguração do bairro Jorge Teixeira em 1989, e que serve como fonte para compreender as transformações culturais e sociais da época, evidenciando as mentalidades que moldaram a relação entre os primeiros ocupantes e o espaço urbano. A reportagem reflete uma perspectiva de valorização das ações do poder público, apresentando o prefeito Eduardo Braga como figura central na solução dos problemas habitacionais da comunidade de Valparaíso. As representações sociais e simbólicas que legitimam a ação estatal como benevolente e transformadora, enquanto os moradores, embora gratos pelas melhorias, expressam uma esperança cautelosa diante das dificuldades persistentes, como a falta de urbanização e a precariedade laboral. Essa narrativa reforça tanto a conformidade quanto a resistência implícita nas expectativas da população, evidenciando a complexa relação entre os discursos oficiais e a vivência cotidiana na periferia.

Fig. 5: Matéria jornalística abordando o início da ocupação e os moradores



Fonte: Jornal do Commercio. 26/03/1996.

Os casos em que os nomes dos lugares têm uma relação sócio-histórica com as pessoas evidenciam como a toponímia reflete aspectos das identidades, relações e dinâmicas de poder, frequentemente resultam de escolhas deliberadas ou de eventos que associam a um lugar a enredos marcantes, figuras relevantes, paisagens, tradições culturais. Claval (2014), argumenta que estes espaços, são construções culturais que refletem também na escolha dos nomes. Val paraíso, Valparaíso, junto ou separado, tem em seu significado, traduzido da língua espanhola, Vale do paraíso, que logo nos remete ao aspecto religioso, idílico espaço metafísico do nome, e a ruralidade poética presente na junção de uma característica físico-geográfica às subjetividades presentes nos simbolismos, cria um espaço híbrido que transcende a mera descrição do terreno. Essa junção confere ao “Vale do Paraíso” uma dimensão poética, onde o palpável (a paisagem rural) e o intangível (o ideal de um lugar perfeito) coexistem. Um nome com roteiro e intenção. Ele se torna um espaço metafísico porque ultrapassa o simples significado geográfico e passa a simbolizar um estado de espírito, um desejo humano de encontrar refúgio em um lugar que é ao mesmo tempo real e idealizado. O espaço vivido em união da imaginação, lembranças e percepção. (Bachelard, 2008).

Não destoa de outros nomes de bairros fundados por Irmã Helena Walcott, em Manaus, que apoiava e organizava, junto a pessoas interessadas em adquirir lotes de terra para moradias, entre os anos 70 e 80. Deu destaque aos movimentos de ocupação, utilizou de estratégias para viabilizar a legalidade das terras, articulou com o poder público, argumentou com a mídia e consolidou sua liderança pela causa. Com seus protestos e ocupações, a freira criou pelo menos 15 novos bairros em Manaus, entre eles: Zumbi dos Palmares I e II, Terra Nova, São José, João Paulo II, Nossa Senhora de Fátima, Novo Israel, Armando Mendes, Japiim, Nova Luz, Santa Etelvina, Monte das Oliveiras, Lírio do Vale, Redenção e Valparaíso. Nomes relativamente relacionados as referências culturais ecoadas da identidade da mulher negra, freira católica e ativista social. A análise toponímica dos nomes de bairros nomeados pela irmã Helena, no contexto de movimentos sociais de ocupação de terra, revela um interessante cruzamento entre identidade cultural, memória histórica e luta social no espaço urbano. A toponímia ganha profundidade ao considerar como a irmã Helena utilizou esses nomes para reforçar valores e narrativas que dialogam com a história da ocupação de territórios urbanos e as aspirações das comunidades marginalizadas. Ao nomear os bairros, pode ter contribuído para a construção de uma identidade coletiva, utilizando referências que fortalecem o sentimento de comunidade e promovem um legado cultural que transcende a ocupação inicial.

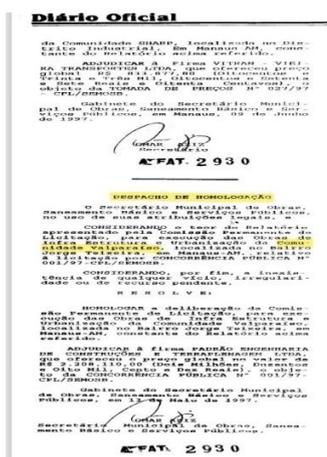
Nesta comunidade os espaços sofrem com a imprevisibilidade das circunstâncias, as casas, as ruas, os becos, os bares, o comércio, as igrejas, as tabernas, apesar de parecerem permanentemente imutáveis, estão em constante movimento, e mais rápido os lugares vão sendo reconstruídos sobre outras memórias, de outras pessoas que não aquelas de outrora, ao caminhar junto ao tempo e espaço de diferentes contextos, absorve e adequa seus elementos às novas demandas sociais, econômicas e culturais, criando camadas de significados que dialogam entre passado e presente. De acordo com o pensamento de Gilberto Velho sobre sociedades complexas, esses espaços refletem a multiplicidade de trajetórias individuais e coletivas, onde memórias e identidades são constantemente negociadas e transformadas.

A imprevisibilidade das circunstâncias e a velocidade das mudanças tornam esses lugares marcados pela heterogeneidade, onde diferentes grupos sociais convivem, frequentemente em tensão, adaptando-se e reinterpretando o espaço de acordo com suas próprias necessidades e perspectivas. Esse movimento contínuo revela como a comunidade funciona como um microcosmo da sociedade urbana mais ampla, marcada pela pluralidade e pelo conflito entre tradições e inovações.

Os lugares abrigam histórias, e são palco de disputas por significados e usos, refletindo as desigualdades e contradições presentes na sociedade. Para Velho (1998), essa constante reconstrução dos espaços e a absorção de novas experiências demonstram a complexidade da vida urbana, onde os indivíduos e os grupos estão em permanente processo de ressignificação, criando redes de pertencimento e exclusão e adaptabilidade ao mesmo tempo.

Para entender como as pessoas lembram e esquecem, é essencial observar como se conectam com os lugares onde vivem. A memória, longe de ser fixa, é um fluxo que molda a identidade coletiva, ativado por espaços, símbolos e experiências compartilhadas. Ao mesmo tempo, esquecimentos ocorrem sob a influência da cultura e das dinâmicas sociais. Essa relação entre permanência e transformação se manifesta no cotidiano da comunidade e pode ser percebida em intervenções urbanas, como as ações de infraestrutura autorizadas.

Fig. 6: Documento que homologa ação do poder público



Fonte: Diário Oficial do Estado 14/05/1997

Toninha, antiga moradora, reconstitui esse cenário ao narrar a passagem do tempo, evocando sons, cheiros e ressentimentos que ressoam como ecos dentro desse horizonte de possibilidades. Como destaca Bachelard (2008), as impressões sensoriais funcionam como âncoras da memória, ligadas ao espaço vivido e convertendo lugares cotidianos em territórios carregados de significado. Nesse processo, as espacialidades se constroem na interseção entre o espaço vivido e o espaço praticado, onde as dinâmicas cotidianas e as representações urbanas dialogam. A infraestrutura e as transformações urbanas tornam-se, assim, elementos que não apenas reconfiguram a paisagem, mas também ativam novas camadas de lembrança e pertencimento. Nasceram as ruas, onde caminham o ser humano e a máquina, cruzando-se e traçando percursos que moldam a paisagem urbana e orientam a vida cotidiana. Ao longo dessas vias, histórias se entrelaçam, memórias se fixam no concreto e no asfalto, enquanto o tempo imprime novas marcas sobre o espaço. Entre ruas, becos e atalhos, a comunidade se redefine, refletindo tanto os fluxos de progresso quanto as resistências daqueles que nela habitam. São ruas que se tornam símbolos, enquanto os passos que as percorrem as transformam em lugares carregados de significado.

As circunstâncias impõem a resiliência como uma das poucas opções de continuidade para os moradores, que ajustam suas rotinas e estratégias às adversidades de uma infraestrutura precária. O bairro, povoado por famílias de baixa renda que enfrentam exclusão social e econômica, torna-se um espaço onde a sobrevivência se ancora em redes locais de apoio e na construção coletiva de pertencimento.

Essa comunidade emerge dentro de um processo urbano não planejado, nascido da informalidade e das necessidades humanas de adaptação a um tecido social hierárquico. Em

constante transformação, ajusta-se ao contexto, mas imprime sua própria marca, carregando singularidades frequentemente esquecidas.

Nesse cenário, Toninha representa a trajetória de muitos. Funcionária pública, técnica administrativa da Escola Municipal Dom Jacson e moradora antiga da comunidade, é migrante do interior que chegou a Manaus em busca de qualidade de vida. O tempo deixou marcas em sua pele e em sua memória, que ela articula com precisão ao recordar suas vivências. Seus relatos trazem sons e cheiros que atravessam sua história: o barulho do motosserra, a resina das árvores, o ressoar do apito, as músicas, os paletes e as lonas, as muitas utilidades do prego e do chiclete. Para ela, o primeiro lugar sempre foi a casa – o abrigo da família e o centro de seus desejos e esforços.

Vim de Tabatinga, é eu vim de Tabatinga, porque lá a gente não tinha casa boa, melhores condições. Eu vim e me embora para cá, eu vendi um terreno com o dinheiro, eu vim, comprei uns paletes, não tinha quem carregasse na época, carregava o palete na cabeça, e a minha casa não era aí não, era embaixo, mais embaixo, sobe e desce ladeira, carreguei, fiz minha casa de palete, aí passou uns três meses, mudei de lote, resolvi invadir, invadi lá em cima, onde é minha casa agora, fiz uma casinha de palete lá, eu fiquei, cobri com papelão e plástico, mano, eu acho que tinha uns 30 e tal na época, e num dia, de repente deu-lhe uma chuva, Walter, o plástico voou e o telhado todo furado, e a gente já comprava chiclete para mastigar, para grudar nos buracos, sabe, do telhado, e com os pregos era o ferrolho, da porta, janela, não podia faltar o arame recozido, pra amarrar, consertar, mas aquilo suja, enferruja, como num acampamento mesmo. Aí deu o temporal, mas foi incrível, aí o telhado não estava bem pregado, o vento levou e nós pegamos as telhas e botamos em cima da gente, da minha filha, para não chover, assim nós passávamos a noite, e assim foi crescendo, o povo foi invadindo, invadindo, muitas casas. Aí, nas reuniões que a irmã Helena fazia, né? Aí, ela dizia que todas aquelas pessoas que tinham sido cadastradas e aquelas pessoas que não tinham casa que pudesse acompanhar ela em todas as reuniões, tá? E a gente... Eu ia de curiosa mesmo. Porque eu já tinha casa. Eu gostava de assistir, aí, eu ia embora. Aquele monte de gente. Olha, a gente vai cantar alguma coisa. Ela ia na frente, ela tinha um apito, e apitava pra chamar atenção da gente. É. Bora cantar, gente... Vem vamos embora que esperar não é saber... não sei o quê (esqueceu a letra).

A irmã Helena usava o apito, como comando de ordem né? Chamando para reunião. Tá? Era lá na casinha branca. Tá bom. Então, vamos pra reunião. Aí a irmã Helena falou que ela ia... Que ele não tinha casa, ia fazer o cadastro, preencher o papel lá, né? Nome, RG, CPF, tá? Que ela ia conseguir os terrenos. Ela ia organizar pra liberar os terrenos. Mas era só pra quem não tivesse casa. Se ela descobrisse quem tivesse casa, ela não ia dar. Aí, tá. Por que que era casinha branca? Era um... Casinha branca ali...

(Toninha, Valparaíso-Manaus, 11/10/2024)

Pode ser diretamente conectada à narrativa de Toninha, pois ela descreve a relação íntima e emocional que as pessoas têm com os espaços e as vivências cotidianas. A memória não está apenas nas grandes questões nacionais, mas na história concreta de sua casa, seu território e as dificuldades enfrentadas para criar um lar. A descrição de sua chegada a um

novo local, a construção de sua casa com paletes e os desafios diários enfrentados, seja contra a natureza, ou as limitações daquela circunstância. Revela como o espaço vivido, por mais simples que fosse, se torna o epicentro de suas memórias afetivas e identitárias.

A narrativa de Toninha se alinha à reflexão de Halbwachs sobre os espaços de memória, pois evidencia como a experiência do espaço vivido carrega significados que transcendem sua materialidade. Para Toninha, as ruas, a casa improvisada de paletes, o plástico que voava com o vento e as reuniões comunitárias conduzidas pela irmã Helena representam muito mais do que eventos isolados.

Nesse cenário, o espaço urbano revela não apenas os desafios materiais, mas também as dinâmicas sociais e subjetivas de quem ali vive. As narrativas dos moradores, ancoradas em memórias de suas vivências, das relações e interações que constroem identidades coletivas marcadas pela resiliência, enquanto projetam anseios de transformação e melhorias que transcendem o cotidiano adverso. Os monumentos, condicionantes dos lugares de memória são outros, em seu texto memória e espaço, Halbwachs (2006) faz a seguinte afirmação sobre lugares de memória:

Temos de levar em conta o fato de que os habitantes são levados a prestar uma atenção muito desigual ao que chamamos de aspecto material da cidade, mas que a maior parte se sentiria bem mais sensibilizada com o desaparecimento dessa rua, desse prédio, daquela casa, do que pelos acontecimentos nacionais, religiosos, políticos mais sérios (Halbwachs, p.161, 2006).

A transitoriedade dos lugares e espaços é evidente: mercados trocam de nomes, feiras mudam de local, e o comércio frequentemente altera seu ramo de atuação. A diferença entre os lugares de memória em um centro histórico e em uma periferia urbana revela dinâmicas distintas de preservação e significação. Nos centros históricos, os lugares de memória tendem a ser mais estáveis e monumentais, muitas vezes protegidos por políticas de preservação patrimonial. Esses espaços, como igrejas, praças e edifícios antigos, são frequentemente vinculados a narrativas oficiais e à identidade nacional ou regional, simbolizando marcos históricos amplamente reconhecidos.

Na periferia urbana, os espaços de memória são mais transitórios e dinâmicos. Mudanças que refletem a própria instabilidade que marca a vida social e econômica desses espaços. As memórias na periferia, também estão enraizadas mais nas práticas cotidianas e na vivência dos moradores do que em elementos materiais estáticos. Esses lugares não têm a fixidez de um monumento, mas ainda assim são profundamente significativos para os habitantes e refletem a dinâmica entre os indivíduos e o meio, sendo impregnados por práticas

cotidianas e histórias de luta que os transformam em marcos simbólicos, e mantêm sua relevância, conectando memórias pessoais a experiências coletivas e dando forma à identidade de seus moradores. Significa que os lugares onde as pessoas vivem e trabalham acabam contando a história delas, lembram como o lugar onde compravam alimentos, conversavam com os vizinhos e criavam laços, criando sensação de pertencimento, porque essas memórias e experiências se tornam parte de quem elas são. A relação entre memória, espaço e identidade se manifesta de forma intensa nas disputas territoriais da periferia, onde a posse da terra e da moradia se entrelaça com histórias de luta e resistência. Abrigo físico, e símbolo de pertencimento e conquista, constantemente ameaçado por remoções, conflitos e apropriações indevidas. Assim como os locais de convivência, os espaços de moradia carregam marcas das experiências pessoais e coletivas, sendo ressignificados a partir das trajetórias de seus moradores que exemplificam como os espaços refletem as vivências individuais, e condensam a dinâmica social e política da comunidade, reafirmando a identidade de quem os ocupa.

A pior coisa é fazer uma casa no quintal da sogra. Eu, logo que eu vim para cá, né? Aí tá, lá em cima, fiz uma casa de palete.

Aí, quando veio a eleição, o Arthur ganhou e mandou tirar aquilo lá tudinho, né? Passado os quatro anos, né? Veio o Amazonino e deu para a gente aquilo lá. Ele liberou para nós. Aí tá, fiz uma casa, aí eu fui trabalhar lá para a Colônia Antônio Aleixo, eu trabalhava com Lupércio na época, morando na casa de uma amiga...

Aí, tá, passei três meses para lá. A gente passava três meses sem receber naquela época, né? Quando eu voltei aqui no meu lote, já tinham derrubado minha casa. Tinham feito uma casa atrás... misericórdia!!!

Aí tá, eu procurei saber e voltei, fui lá no 9º DP, naquele tempo era o Dr. Bezerra que estava lá, né? Delegado. Cheguei lá, dei queixa e falei para ele morrendo de chorar, que tomaram minha casa. Viemos com ele e duas viaturas... Aí, chegou lá, bateu lá e perguntou logo. Com ordem de quem você derrubou?

- Não, mas não tinha ninguém, a dona não estava aqui.

- Aí, ele explicou que eu trabalhava lá na Colônia Antônio Aleixo e não dava para vir todo dia reparar o barraco.

Aí tá, o homem não queria sair não, dizia que não...

- Você vai preso. Você invadiu uma casa!!!

- Era de palete de papelão, mas era uma casa. Levou ele preso. Chegou lá, pegou umas peíngas, e ficou detido lá. Aí, quando foi no outro dia, ele falou para o delegado, que soltasse ele, ele vinha e tirava a casa. Soltou. Ele não tirou a casa, não. Ele foi lá na **Casinha branca** e pegou um papel lá, sabe? como se fosse um documento, né? E ficou lá.

Aí, voltei lá de novo. Aí, trouxeram de novo ele com os policiais. Aí, pegou umas porradas e levou preso de novo.

Aí, nós fomos lá na **Fundacom**. Nós fomos lá. Naquele tempo, eu esqueço até o nome do homem lá. Mas, é dele. Ele estava com o papel. O papel é casa. Não, não é, não. Eu sei que foi uma briga e tanto.

Aí, acionei o Lupercio. O Luperio veio com a turma dele e veio com a televisão, né? Aí, tá. Vai lá e para cá. Tá. Pegou o papel e me deu. Agora, vai lá na Casinha branca.

Viemos na casinha branca. Aí, o cara que tinha dado esse papel para o moço, já tinha se mandado. Não estava mais lá, não. Aí, ele perguntou para uma senhora que ficava lá ajudando ele. E aí, de quem é esse terreno mesmo? É desse moço que deu o documento ou é dela? Aí, a mulher ficou lá de um lado para o outro. Não, é dela. Então, tá. Aí, o Dr. Bezerra pegou o papel, né? E rasgou do moço e me

deu. Agora, vá para a sua casa. Aí, vim para ele.
 Muita luta, né?
 Deu três dias para tirar aquela casa de lá. Uma casa bem bonita de madeira, tá? Que ele tinha feito. Também era de palet. Tinha derrubado. Tu acredita que ele não tirou a casa? A casa ficou aí por quase um mês.
 Todo dia eu arrancava uma tábuia. Todo dia eu arrancava uma tábuia. Ele não tirou. Aí, eu fui de novo lá. Aí, quando ele viu que veio a viatura, ele se mandou. Ninguém achava mais ninguém na casa. Aí, o Dr. mandou derrubar a casa todinha lá. Derrubado. E disse, quem quiser tábuia, pode levar. Qualquer coisa, pode ir lá no DP comigo.
 (Toninha, Valparaíso, Manaus. 11/10/2024)

As dinâmicas e relações sociais são permeadas pela precariedade material e pela luta cotidiana destacadas aqui. A cultura se manifesta como um campo de significados compartilhados, no qual os moradores constroem e ressignificam suas experiências, forjando laços de pertencimento e identidade. Nesse sentido, o espaço urbano não é apenas um território físico, mas um **lugar**, onde memórias, práticas e relações se entrelaçam na construção da vida cotidiana. Tornam-se palcos da formação de memórias, construídas a partir das recordações e dos esquecimentos que atravessam as vivências pessoais e coletivas (Bosi,1984) permeadas de oralidade e emoções, revela a importância simbólica do espaço urbano.

A casa, inicialmente construída de paletes, é a representação de pertencimento, conquista e identidade. Ao mesmo tempo, os conflitos em torno da posse e da legitimidade desse espaço mostram como o ato de habitar é constantemente tensionado por forças externas, como a política, o poder público e os interesses individuais. Cada lugar, que adquiriu significado com a experiência dos moradores (Tuan 2013), carrega consigo memórias que são ressignificadas pela sua experiência, essas recordações constroem uma parte da história pessoal, e refletem os processos de esquecimento que operam no espaço urbano. Lugares antes significativos, como a "Casinha Branca", "Fundacom", perdem sua função original e desaparecem da memória coletiva à medida que são apropriados, transformados ou abandonados.

Fig. 7: Notícias da fundação da casinha branca



Fonte: Jornal do Commercio 03/10/1989

A relação entre memória e lugar é marcada pelas ausências, das desigualdades estruturais à instabilidade que afeta os territórios e as vivências cotidianas, perpetuando ciclos de luta pela sobrevivência e adaptação em cenários de constante transformação. As ausências e reconfiguram o significado dos lugares e das vivências associadas a eles. Assim, a memória, longe de ser fixa, torna-se fluida e adaptável, respondendo aos seus sentidos e afetos, mudanças no ambiente e às condições sociais que definem a vida cotidiana (Candau, 2023). Não são estáticas, se entrelaçam com os processos de mudança que os transformam ou estratificam. A relação entre memória, identidade e espaço se constrói não apenas pela materialidade dos lugares, mas também pelo significado que lhes é atribuído ao longo do tempo. Os eventos que envolvem a permanência ou a perda de um território — como a derrubada de uma casa ou o confronto com um invasor — transcendem a experiência individual e se inscrevem na história coletiva, constituindo um repertório simbólico compartilhado. Nesse sentido, a noção de Imaginário, conforme apontado por Durant (2002), revela-se essencial para compreender como essas experiências se articulam em um campo mais amplo do pensamento humano. A interseção entre diferentes dimensões da vida social e cultural permite interpretar os acontecimentos não apenas como fatos isolados, mas como elementos que se interconectam na construção das narrativas e dos significados atribuídos aos espaços urbanos.

O conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens – aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano. O Imaginário é esta

encruzilhada antropológica que permite esclarecer um aspecto de uma determinada ciência humana por um outro aspecto de uma outra (Durant, 2002, p. 18).

A arquitetura reta das casas multiplica o quadrado simples dos espaços pequenos. 2 quartos 1 banheiro, sala e cozinha, é o padrão das construções, geralmente tem sua incompletude representada nas ausências de rebocos externos, e a fossa encravada no chão, improvisação que virou regra. Divisões, compartimentos, estantes, prateleiras, móveis baratos, louças que brilham de tão *areada*, o vermelhão encerado do piso de madeira ou concreto, cerâmica ou cimento. As telhas de amianto, de canaleta fina são as mais baratas, utilizada em urgências, cobertura temporária que torna-se permanente, até ficar melhor, as finanças, troca para as folhas de zinco. Vãos de abertura, com portas e janelas de ferro, comprados na metalúrgica do bairro, que padronizam o modelo mais simples, mais baratos e seguros, que o morador pode pagar, mais seguro que a de madeira, mas tem que pôr o cadeado por dentro. O ladrão quando quer, torce o tambor da fechadura com o alicate de pressão, pé de cabra, chave de fenda, e entra mesmo. Os roubos diminuiram, dizem, sussurrando, que um emaranhado de fatores fez crescer outro poder que subjuga pela força e é paralelo ao Estado, também tem códigos e leis, a dos 3 macacos não se discute, ser faccionado, pagar tributo, obedecer a códigos e valores próprios que diz, por exemplo, impedir assalto de moradores, furtos de casas, punição para quem foge à regra, em troca de silêncio. Mas também pode se tornar um traço cultural generalizante, pois é uma especificidade circunscrita dentro daquela espacialidade urbana, apesar de não ser o todo, como configurado nos estereótipos sobre a comunidade, mas que subverte a ordem estabelecida ou pensada para o espaço, ao se evitar ou transpor atalhos, becos ou ruas. A espacialidade vivida emerge desses deslocamentos e apropriações. Se a rua planejada deveria ser um eixo de passagem, pode se tornar um limite a ser evitado. Se um beco deveria ser secundário, pode assumir centralidade como rota preferencial. O trajeto idealizado pela urbanização formal se altera no dia a dia, pois os passos dos moradores moldam novas configurações do território. Em algumas áreas, a ausência de presença policial fortalece redes de controle paralelas, ao mesmo tempo em que as dinâmicas comunitárias criam sistemas próprios de circulação e pertencimento. Caminhar por determinados caminhos, escolher onde e quando estar, evitar certas esquinas ou se agrupar em pontos estratégicos são práticas que revelam como a cidade não se define apenas pelo que está desenhado, mas sobretudo pelo que é vivido (Certeau, 1998).

As dinâmicas sociais nesses espaços são marcadas por interações constantes que nem sempre ocorrem de forma harmoniosa. A convivência na comunidade envolve disputas por

recursos, território e reconhecimento, gerando tensões entre o individual e o coletivo. Essa ideia é sustentada por Velho (1994), que destaca como os espaços urbanos são construídos a partir de estratégias de ação individuais que se chocam ou se articulam com expectativas coletivas. Além disso, Bourdieu (2001) contribui para essa discussão ao evidenciar como a reprodução social acontece por meio das relações de poder e da internalização de estruturas simbólicas que organizam a vida cotidiana, e conforme destaca Le Goff, a representação, resultado desse processo, é uma chave fundamental para compreender como a memória se constrói e se transmite.

É tradução mental de uma realidade exterior percebida e liga-se ao processo de abstração. O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade (Le Goff, 2001, p.05).

A comunidade surgida nos anos 1990, unida por circunstâncias e aspirações comuns, rapidamente transformou seus espaços em arenas de interação e habitação. A casa, a escola, o caminho, a horta, o comércio, a praça, o campo de futebol, a igreja e o bar tornaram-se cenários de sociabilidade e disputas, nos quais os moradores negociavam sua presença e consolidavam sua identidade coletiva.

A rua principal é a Alarico Furtado, margeada por comércios que já tiveram outros nomes e funções. Mercadinho do Povo, na esquina com a Rua Moapão, a Panificadora Pão de Ouro, o Restaurante Cheiro-Verde, a quadrinha da Rua Janaúba e o campo de terra batida no final da Alarico Furtado, próximo à comunidade agrícola Chico Mendes, entre o Ramal do Areal 2 e a Rua das Mangueiras. Na Rua Paracanaxi, a Comunidade Nova Esperança, sítios, lotes e chácaras formam o cinturão verde do Valparaíso, impulsionando a horta urbana.

A rua principal agrega uma gama de estabelecimentos comerciais, educacionais, religiosos, além da horta urbana, as ruas que a entrecortam ou a tangenciam diminuem de tamanho, na medida que avançam para seu interior, também encontra o caminho da horta urbana na comunidade nova esperança, é só virar à esquerda, na altura do Supermercado Pão de ouro, pela rua abóbora do mato, e encontrar a rua Paracanaxi, e mais à frente à rua Chico Mendes, comunidade de mesmo nome. às vezes afunilando em ruas sem saídas, que se diluem em pequenos Rip-rap. Becos e vielas se multiplicam para receber um número crescente de pessoas, que chegam e se vão. Assim como os comércios menores, tabernas e serviços de toda sorte (bicos) são oferecidos, kitnets são o modelo de moradia preferido, dos jovens trabalhadores, muitas vezes água e luz são incluídos no valor, *o gato mia e não é pouco*. As

casas de alvenaria de vários tamanhos, algumas se destacam por serem maiores e de acabamentos finalizados, contrastando com aquelas que deixam a mostra o amarelo cru dos tijolos não caiados e a caixa d'água azul. A maneira como o morador imprime sua marca, evocando dos quadros e contextos em que se relaciona, as memórias, lembranças, e manifesta e molda sua identidade e cria seus próprios lugares. Os padrões que busca são construídos coletivamente, numa constante interação entre o individual e o coletivo (Velho, 1994). As cores, a fachada ou mesmo o cuidado com o jardim ou quintal, refletem também a influência dos vizinhos, da memória coletiva da comunidade e do imaginário compartilhado, e suas representações.

O Restaurante cheiro verde, Merceria obidense, Ferragens Marabá, Auto mecânica do Pará, expressam uma identidade territorial, que se utiliza de símbolos para se identificar ante o outro, revela um processo de territorialização, onde símbolos identitários reforçam vínculos culturais e de pertencimento. Segundo Paul Claval (2001), o território é uma construção simbólica, e para Marandola (2014), a identidade territorial emerge da interação entre espaço, memória e práticas cotidianas. Assim, ao adotarem nomes ligados a seus locais de origem, os comerciantes ressignificam o espaço urbano, transformando seus estabelecimentos em pontos de encontro e reforço cultural.

Fig. 8: Restaurante Cheiro Verde



Fonte: Acervo do autor, 2024.

Fig. 9: Ferragens Marabá



Fonte: Acervo do autor, 2024.

Os estabelecimentos comerciais se tornam marcos simbólicos no bairro, resgatando memórias da terra natal e fortalecendo a identidade dos migrantes. A escolha de nomes regionais revela a conexão dos comerciantes com suas origens, conferindo um novo significado à paisagem urbana e materializando a memória coletiva no cotidiano.

Esse processo reflete uma apropriação simbólica do espaço, onde cada nome comercial carrega um valor afetivo e histórico. Como aponta Haesbaert (2022), a territorialidade se constrói a partir de práticas sociais que atribuem significados e reforçam identidades. Assim,

esses estabelecimentos vão além da função econômica, tornando-se expressões concretas de pertencimento e resistência cultural. Funcionam como pontos de referência dentro da comunidade, permitindo que os migrantes recriem laços com sua cultura de origem, mesmo inseridos em um novo contexto urbano.

Além do aspecto identitário, esses espaços desempenham um papel fundamental na dinâmica do bairro, estimulando relações de sociabilidade e colaboração entre os moradores. A presença desses comércios movimenta a economia local e contribui para a construção de vínculos comunitários, demonstrando que o sentido de território não depende apenas de delimitações geográficas, mas também das interações e experiências compartilhadas no dia a dia.

Dessa forma, a nomeação dos estabelecimentos é parte de um processo mais amplo de construção identitária no espaço urbano. Ao inscrever referências de suas origens nos nomes de seus negócios, os comerciantes transformam o bairro em um território de pertencimento, onde memórias, cultura e identidade se entrelaçam, consolidando a presença dos migrantes na paisagem da cidade.

Fig. 10: Representação da periferia



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2024.

Nesse cenário, os becos e vielas tornam-se circulação: eles são tecidos nas interações humanas, onde histórias são contadas, relações são construídas e memórias são ancoradas.

A rua, com seus sons, cheiros e cores, faz parte de um território, um lugar vivido e significado, onde a memória coletiva é constantemente reatualizada e a identidade dos moradores se afirma na relação com o espaço e os outros. O espaço, enquanto conceito abstrato, ganha contornos específicos à medida que se torna familiar, impregnado de memórias, histórias e afetos. Essa transição ocorre por meio da vivência cotidiana, das relações sociais e da construção simbólica, tornando o lugar algo reconhecível e dotado de

valor subjetivo. Nas comunidades urbanas, esse processo é especialmente relevante, pois a luta pela permanência e pelo direito à cidade reforça a ressignificação dos espaços, convertendo-os em territórios de identidade e pertencimento.

Frequentemente se funde com o de lugar. Espaço é mais abstrato que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor (Tuan, 2013 p.14).

Os caminhos usados para separar os lotes, logo são asfaltados e tornam ruas, muitas sem calçadas, por causa do avanço das casas que beiram a pista o que reflete tanto a pressa quanto as limitações econômicas da construção inicial. Seguem uma lógica de grupo, mesmo sem ninguém organizando tudo. Isso acontece porque as pessoas repetem as mesmas práticas e têm necessidades parecidas, criando uma paisagem urbana que reflete a funcionalidade e a adaptação às condições locais, que emerge da prática compartilhada. Reproduzem esses padrões (Lefebvre, 1980), como resposta às condições materiais e culturais, mas também como expressão de escolhas e aspirações individuais e coletivas.

Os espaços construídos dentro da lógica capitalista seguem a padronização e o individualismo desta racionalidade, são, portanto, espaços abstratos, primados pela razão estética e pela força das imagens. A cotidianidade moderna se resume a uma constante programação de hábitos sempre direcionados para a produção e o consumo, produzindo uma “sociedade burocrática de consumo dirigido” (Lefebvre, 1980, p. 47).

Esse modelo urbano, ao mesmo tempo homogêneo e diverso em suas adaptações, cria uma estética própria, onde a precariedade coexiste com a criatividade e a resiliência. Esses espaços são constantemente adaptados e ampliados à medida que as famílias crescem ou que suas demandas se transformam.

Não são todas iguais, as periferias. Ainda que compartilhem lógicas da informalidade e respondam a um sistema de ordenação voltado para o consumo, cada território se molda no cotidiano, na singularidade das relações e interações sociais que o constituem. Segundo Michel de Certeau (1994), o espaço urbano é um campo de práticas e apropriações diárias. Ele se transforma pela forma como as pessoas se movem, interagem e ressignificam os lugares, muitas vezes subvertendo a lógica imposta pelo planejamento formal. A cidade não se limita a suas ruas e prédios; ela é vivida e reinterpretada continuamente pelos que nela habitam. Essa relação entre biografia e contexto destaca o caráter dinâmico das interações sociais, mas também, como afirma Ingold (2016), a fluidez e a reciprocidade presentes nesses

processos, onde os indivíduos moldam e transformam o ambiente, assim como são transformados por ele.

Aqui o bairro é tranquilo, a violência é lá entre eles pra lá, também não é assim, como pintam como se fosse uma guerra, é comum que nem nos outros bairros, tem época que aumenta devido essa disputa né? As vezes sobra pra gente sim, recentemente uma criança morreu na calçada, tinha saído pra comprar pão na taberna, pertinho de casa, por isso que a gente não pode abusar da sorte, o Senhor sabe que muitos anos não andam mais com o celular, deixam em casa, evita de perder, a noite é diferente do dia, aqui tem pouca iluminação, e os mal-intencionados ficam ouriçados, ninguém quer cruzar com dois meninos na moto de noite, já pensa logo que é roubo. Roubar trabalhador menino, pobre roubando pobre, num tá errado isso? E eles se acham esperto, bandidão.

(Dona Vilma, Valparaíso, Manaus. Novembro 2024)

Dona Vilma, que frequenta o EJA noturno, aos domingos desce a Rua Chico Mendes, encarando a ladeira sinuosa de sua casa para ir ao culto na IEADAM. O domingo ainda se assemelha a uma romaria de cristãos caminhando para suas congregações, com mais mulheres e crianças no percurso. Depois do culto, dona Vilma precisa organizar as mudas e o adubo que prepara para vender. Seu esposo cultivava plantas medicinais e ornamentais – Jucá, Carapanaúba, Jatobá, Jambu, Crajiru – e, quando não tem alguma espécie, recorre à chácara do vizinho.

A procura maior é por ervas de efeito desinflamatórias, como crajiru e mastruz. As mudas são cuidadosamente dispostas em um carrinho adaptado para percorrer as ruas do bairro, transformando as calçadas em pontos de comércio e troca. Atrás da Escola, na Rua Irene Maciel, há uma família Kambeba, amigos do esposo de dona Vilma, que possuem e compartilham de seus saberes e práticas, quando encostam em sua casa para prostrar. Quando conseguem apurar algum dinheiro, descem até o Mercadinho do Povo para comprar a mistura.

À noite, dona Vilma ainda caminha até a Escola do Município Dom Jacson. A igreja oferece um momento de descanso e refúgio. “Estudar o evangelho é salvação”, diz. Com a vista cansada, não consegue mais ler a Bíblia, mas assiste às pregações e ora constantemente, pedindo proteção. Poderia ser melhor se os poderosos olhassem para os pobres, que o povo não se distanciava tanto de Deus, o tanto de miséria no mundo, disseram que se o Lula ganhasse, ele ia acabar com as igrejas, mas inventaram muita coisa do Bolsonaro também, onde eu ouvi? Todo canto, aqui na escola, na igreja, eu agora não confio mais, confio um pouco de política na direita né, que por onde eu ando todo mundo diz que é melhor, por que defende o certo,

2.2 Espaços de memória e a transitoriedade dos lugares: a igreja, o bar e os discursos

É fácil compreender por que a igreja participa de um espaço totalmente diferente daquele das aglomerações humanas que a rodeiam. No interior do recinto sagrado, o mundo profano é transcendido. Nos níveis mais arcaicos de cultura, essa possibilidade de transcendência exprime-se pelas diferentes imagens de uma abertura: lá, no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses; conseqüentemente, deve existir uma "porta" para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu. Assim acontece em numerosas religiões: o templo constitui, por assim dizer, uma "abertura" para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses. (Eliade, 1992, p. 17).

Eliade demonstra como o espaço sagrado se diferencia do espaço profano ao funcionar como um ponto de mediação entre o humano e o divino. Essa distinção evidencia a necessidade simbólica de lugares que transcendam o cotidiano, reforçando a ideia de que o sagrado não apenas organiza o espaço, mas também estrutura a experiência e a identidade coletiva.

As igrejas cristãs, estão fortemente presentes nas periferias, sendo parte da espacialidade urbana e do seu imaginário, e que não pode ser desconsiderada para a compreensão da complexa formação de um quadro social de memórias dessas áreas. Igrejas Pentecostal do Brasil, Adventista do Sétimo Dia, Adventista da Promessa, Missão Evangélica Pentecostal, Plenitude, Visão do Arrebatamento, Assembleia de Deus Madureira, Casa do Pai, Metodista Fonte de Água Viva, Ministério Aprisco das Ovelhas, Avivamento Bíblico. A espacialidade da igreja se expande para além de seus muros: ela se insere nos percursos dos fiéis, nos cultos ao ar livre, nas visitas pastorais, nas redes de solidariedade que se formam entre os crentes. No caso, sua presença reorganiza o espaço vivido, transformando ruas e praças em extensões do templo, onde a fé se manifesta e reconfigura o território.

Sempre presente na igreja da periferia, a política se manifesta de maneira sutil, mas decisiva. E aqui pontuaria uma atenção sobre o fenômeno social a ser observado e o contexto sócio-histórico do recorte específico, para que não haja generalizações negativas sobre a função social da igreja, mas como estudo que resgata memórias, capturar em observação, as interações que fazem essas reverberações de ideologias nas igrejas. Igrejas que compõem o quadro urbano da periferia na sua espacialidade e mentalidade para os membros.

Nota-se o poder do discurso e sua influência, também nas percepções do cotidiano, nos diálogos em sala de aula, em conversas informais com vizinhos, na calçada, na taberna, nas paradas de ônibus, no noticiário e nas mídias. Mutável e flexível os contextos e

adaptações, cabe observar que as reflexões estão inseridas no recorte de uma realidade entre 2013 (Impeachment Dilma) e tempo presente, remetendo a uma disputa histórica na disputa de poder no Brasil, polarizada entre a direita e esquerda e respectivos valores. Como aponta Pierre Bourdieu (2001), o capital simbólico exerce influência sobre a forma como os indivíduos percebem e se posicionam no mundo, demonstrando que a política não se restringe ao espaço institucional, mas está enraizada nos hábitos, valores e interações diárias da sociedade. A adesão ao neopentecostalismo vai além da falta de instrução, sendo marcada por experiências concretas de vida e busca por pertencimento. A conjuntura política que permeia a religião, possui lógicas internas que estruturam tais crenças dentro de uma realidade marcada por precariedade, luta, ressentimentos e resiliência, e longe de uma visão reducionista que vincula fé à ignorância.

Mas, na verdade, a relação entre a condição de classe e a religiosidade dos “crentes” diz respeito a aspectos muito mais profundos; esta se deve a características muito mais radicais da existência dessas pessoas do que à suposta “burrice” ocasionada pela falta de instrução escolar. Na verdade, longe de ser a causa principal, a falta de conhecimento é, juntamente com a predisposição para a conversão mágica, um efeito de condicionamentos que remontam à totalidade do modo de vida dessa classe social (Souza, 2009, 205).

Os fiéis vivem o desafio de equilibrar sua fé com as demandas da vida cotidiana, navegando entre o pertencimento à comunidade religiosa e as tensões sociais que emergem desse posicionamento. Igrejas de estruturas muitas vezes improvisadas e adaptadas às condições locais, onde é comum encontrar fachadas discretas e interiores organizados de maneira funcional, com cadeiras plásticas enfileiradas, um púlpito simples e instrumentos musicais para os momentos de louvor, instaladas em garagens, pequenos galpões ou edificações de alvenaria simples, muitas vezes identificáveis apenas por faixas ou letreiros pintados à mão. Outras ocupam prédios maiores, com fachadas chamativas, se destacam no meio urbano por suas cores, letreiros luminosos e sonoridade que ecoa pelas ruas, principalmente durante os cultos, muitas, desempenhando um papel que vai além da religiosidade, oferecendo acolhimento, assistência e senso de pertencimento, o morador que se apega a vertente religiosa, porque muitas vezes oferece alívio, para suas dificuldades diárias. Diversos e diferentes em suas trajetórias, convergem seus pensamentos em torno de uma vivência comunitária singular, observando os critérios que estruturam a coesão do grupo, estabelecendo normas de convivência, pertencimento e reciprocidade. Nesse contexto, a religião atua como mediadora das relações sociais, fornecendo sentido às experiências individuais e coletivas, ao mesmo tempo que influencia práticas culturais, valores morais e

engajamento político na comunidade. Presente nos espaços físicos e simbólicos da comunidade, as igrejas constituem aquela espacialidade urbana.

Fig. 11: Igreja N. Sra. Rosário



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2024.

Fig. 12: Igreja Pentecostal do Brasil



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2024.

Fig. 13: Igreja Assembleia de Deus



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2024.

Após aceitar o convite de uma aluna para assistir um culto de oração na igreja onde ela congrega, retomei, ainda que momentaneamente, um hábito que outrora foi regular: visitar igrejas cristãs — prática que, com o tempo, havia se arrefecido. Como as eleições se aproximavam, essa experiência ganhou contornos particulares. A descrição a seguir tem o intuito de relatar essa vivência e suas impressões. A igreja, grande e organizada estava ornamentada para um evento que seria anunciado, próximo a entrada, pessoas que recepcionavam os visitantes e membros, distribuíam brindes singelos feitos a mão, uma caixa com um doce. Os cânticos iniciais eram entoados nos primeiros minutos, do livro de coros, um hinário com cânticos antigos, e da atualidade, acompanhados por uma banda da igreja. Nem bem eram sete horas da noite quando cruzei o olhar com minha anfitriã, que encaminhou-me às cadeiras próximo ao púlpito. Após os cânticos, um intervalo para o quadro de avisos e

pedidos de oração. O pastor, iniciou a pregação, destacando temas de fé e superação. Logo, o ambiente se encheu de intensidade e emoção para as pessoas, que se levantando, iam se aproximando do altar para orações. A banda acompanhava com cânticos, e o momento se tornou um espaço de busca espiritual, orações e gritos de epifanias preenchiam o ambiente, mesmo com o ar condicionado, suamos devido o calor e a movimentação dos corpos.

O culto pentecostal inicia-se ao entardecer, quando os fiéis começam a chegar ao templo iluminado por luzes fluorescentes e decorado com bandeiras brancas e douradas.

Do lado de fora, obreiros e diáconos recepcionam os membros com sorrisos e apertos de mão, enquanto um grupo de louvor já entoava cânticos de adoração no altar. A atmosfera é vibrante, repleta de palmas ritmadas e exaltações a Deus, lembrando o conceito de consciência utópica para descrever uma espiritualização coletiva, mas de uma utopia que não deve ser vista como uma fuga da realidade, mas como um horizonte que orienta práticas concretas de mudança. Segundo Bloch (2005) essa é a ideia de uma percepção da possibilidade de um mundo melhor, alimentada pela esperança e pelo desejo de transformação, e que impulsiona a ação política e social.

No púlpito, o pastor presidente saúda a congregação com fervor. Ele lembra a importância da união entre fé e cidadania, destacando que os fiéis têm o dever de escolher governantes que compartilhem dos mesmos valores cristãos. O sermão da noite é baseado em Romanos 1:5: "*Pelo qual recebemos a graça e o apostolado, para a obediência da fé entre todas as nações, pelo seu nome.*" O tom é didático e envolvente, misturando passagens bíblicas com exemplos do cotidiano e testemunhos de transformação pela fé.

Após o louvor e a pregação, chega o momento esperado. O pastor convida ao altar o candidato apoiado pela igreja. Ele é apresentado como um homem temente a Deus, comprometido com os princípios da família e defensor da liberdade religiosa. O público, composto em sua maioria por fiéis de longa data, recebe o candidato com aplausos e expressões de aprovação.

O candidato, vestindo um terno sóbrio e segurando uma Bíblia, toma a palavra. Seu discurso é pautado na defesa dos valores cristãos, na importância da honestidade na política e no combate a ideologias que, segundo ele, afastam a sociedade dos caminhos do Senhor. Ele agradece o apoio da igreja e reforça o compromisso de atuar em favor da liberdade religiosa, da família tradicional e do bem-estar da comunidade.

Ao final de sua fala, o pastor pede que toda a igreja se levante para um momento de intercessão. De mãos erguidas e olhos fechados, os fiéis oram com fervor pelo candidato,

clamando para que Deus o guie e o proteja. Alguns irmãos oram em línguas, outros choram, e há quem profetize a vitória nas urnas como um desígnio divino.

O culto se encerra com mais um período de louvor e um apelo para que todos se mantenham firmes na fé e conscientes da responsabilidade de votar. Na saída, voluntários distribuem panfletos com informações sobre o candidato, reforçando a mensagem de que a igreja precisa estar representada no cenário político. O clima é de entusiasmo e convicção, com abraços e despedidas calorosas entre os fiéis, que retornam para suas casas sentindo-se parte de um propósito maior. A reafirmação das afinidades político-religiosas ocorre nas interações cotidianas, do púlpito às conversas informais, fortalecendo laços e legitimando posições coletivas. Para Velho (2013), a identidade se constrói na dinâmica social, onde discursos se multiplicam e reforçam pertencimentos.

Esse quadro de memórias sociais, também é composto de ressentimentos, que nascem da insegurança econômica, da precariedade dos serviços públicos e da desestruturação familiar, gerando um sentimento de abandono. No culto, essa frustração encontra eco na fé, que oferece consolo e um direcionamento moral, ao mesmo tempo que canaliza a indignação para alvos concretos, como o governo ou valores percebidos como ameaçadores³. A religião, assim, não apenas conforta, mas também pode organizar a revolta, transformando a dor individual em um senso de pertencimento e ação coletiva.

A exaltação do grupo nacional fornece ao sujeito um objetivo para suas necessidades de vínculo, embasamento para sua autoestima e orgulho pessoal, ao mesmo tempo que equilibra este vínculo pela difamação das nações rivais. Podemos observá-lo nas comunidades religiosas, nas seitas e em toda coletividade que se encontra em rivalidade com outras (Ansart, 2004, p. 25).

As recordações daquele culto não ficavam restritas ao ambiente da igreja. Elas se projetavam nas ruas, nos debates entre os fiéis, nas conversas após o culto. Os jovens, em pequenos grupos, comentavam com entusiasmo a necessidade de uma "representação verdadeira", enquanto os mais velhos reforçavam a importância de defender a igreja de ideologias que viam como ameaças. O espaço sagrado se expandia para o cotidiano, redefinindo a forma como seus membros percebiam o mundo e seu papel nele.

³A ascensão da direita populista no Brasil foi impulsionada por um discurso neoconservador que se apropriou de símbolos nacionais e religiosos para consolidar sua base política. Inspirado pelas ideias de Olavo de Carvalho, o governo Bolsonaro adotou uma postura combativa contra instituições democráticas e setores progressistas, reforçando alianças com lideranças evangélicas para garantir apoio popular (PINTO, Céli Regina Jardim; REIS, Luiz Felipe Osório. *Bolsonarismo: Ideologia, Conservadorismo e Política no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Editora XYZ, 2021).

Como aponta Bourdieu (1989), a religião pode funcionar como um campo de poder, onde a mobilização simbólica legitima líderes e consolida laços sociais.

Após o culto, fomos a uma reunião informal na casa de seu Luíz, onde algumas pessoas se reuniram, incluindo o candidato, o pastor, dona Vilma e eu. Enquanto o café era servido, a narrativa passou a ser atrelada a uma visão política que identificava inimigos comuns – a corrupção da esquerda, a decadência moral e a desconstrução dos valores tradicionais, e a trajetória política do candidato, que relatou suas origens humildes e sua caminhada até ali. Ele destacou sua relação com a igreja e como a fé havia moldado seu compromisso com a comunidade, sempre reforçando a importância de eleger representantes que defendessem os valores cristãos. O pastor ouvia atentamente, fazendo intervenções pontuais para reforçar a conexão entre política e princípios religiosos.

Presente nos espaços físicos e simbólicos da comunidade, as igrejas constituem aquela espacialidade urbana, no entanto, esses espaços não são neutros; são também arenas de disputa e influência de poder. Ao longo dos anos, tornaram-se pontos de encontro onde memórias individuais e coletivas se entrelaçam, ressignificando o sentido de pertencimento à cidade. A atuação de grupos religiosos na mediação de conflitos, no apoio a famílias vulneráveis e na reivindicação de direitos urbanos demonstra como as igrejas, ao lado de outras instituições comunitárias, não apenas oferecem assistência, mas participam ativamente da disputa pelo espaço e pelo direito à cidade. Seu papel vai além da solidariedade, configurando-se também como um campo de poder onde diferentes atores negociam influências, legitimam discursos e consolidam projetos políticos e sociais.

Nem tudo se reduz a circunstâncias ou determinismos. Perceber, exige presença e vivência, não apenas ocupar um lugar, olhar sem ver, ouvir sem sentir. Sidney Chaloub (2012), usa o termo "observatório popular" encontrado em suas pesquisas em jornais, para descrever os botequins. Emprestado o termo, para descrever como palco das representações onde os frequentadores expressam suas experiências, debatem questões do cotidiano e constroem redes de sociabilidade, o bar assume um papel central na dinâmica social do bairro. Relatos sobre o dia a dia e comentários perspicazes, fofoca, sobre os acontecimentos da cidade. Os frequentadores, com seus diferentes percursos de vida, compartilham estratégias para lidar com dificuldades, narram casos pitorescos e reconstróem coletivamente a memória local. No ambiente do botequim, as conversas revelam percepções sobre a cidade, o trabalho e as dificuldades enfrentadas, funcionando como um espaço de troca e reafirmação identitária. (Magnani, 1994), assim como as igrejas e outros espaços de encontro, esses locais

desempenham um papel fundamental na formação de consciências coletivas, influenciando comportamentos, valores e até mobilizações sociais. Na espacialidade urbana da Comunidade, um lugar lembrado como espaço de lazer para uso do tempo livre, questão advinda do universo do trabalho, na sociedade moderna, é um conceito historicamente construído, vinculado à separação entre tempo de trabalho e tempo livre. No Valparaíso, que tem uma transitoriedade de lugares elevada, também devido a instabilidades financeiras, dentre outros, estes espaços tanto trocam de nome quanto de local, adega, cachaçaria, botequim, taberna e bar.

O colorido vivo e desbotado das paredes das casas e dos comércios combina com a música alta que toca no bar, quase no final da rua, reconheço alguns ex-alunos, estavam comemorando a vitória do flamengo, dei um pulo e me enturmei um pouco, a música variava entre pop e brega, esqueci os nomes. Absortos em trivialidades defendidas aos berros, e xingamentos, envolvia um ambiente de frequentadores pobres, o bar, para algumas pessoas, é visto como um espaço de ociosidade, vício e desvio, associado à marginalidade e à fuga das responsabilidades, atribuídas a *construções históricas que atribuem a uma depravação moral e uma tendência a desordem* (Chaloub, 2001, p. 79). No entanto, para outros, é um ponto de encontro, troca de experiências e sociabilidade, onde se constroem laços, se compartilham histórias e se reforça a identidade coletiva, mesmo que exista a possibilidade *da existência dessas leituras diferentes ou divergentes, ela é garantida pelo próprio caráter desigual, contraditório e político de todo sistema sociocultural* (Velho, 1989, p.43).

As pessoas se aglomeravam nas mesas, numa tarde de domingo. Eram pessoas comuns: trabalhadores, pedreiros, padeiro, agricultores, desempregados e donas de casa. Naquele momento, o espaço tornava-se democrático, nivelando as diferenças sociais no compartilhamento da conversa, da bebida e do tempo.

O bar se configura como um espaço de sociabilidade, onde esses sujeitos transformam o ambiente em ponto de encontro e troca. Mais do que um local de consumo, ele articula relações de confiança, negociações informais e redes de pertencimento. Os trajetos que levam até ali conectam diferentes pontos do bairro, evidenciando a fluidez das interações cotidianas. Como parte orgânica da comunidade, o bar não apenas reflete a dinâmica social local, mas também fortalece a memória coletiva, os vínculos afetivos e os laços que sustentam a vida urbana.

Fig. 14: Bar do João no Valparaíso



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2024.

No lugar, entabulamos a conversa generalizadas, triviais, sobre futebol, política, custo de vida e outros, que que a algazarra transformava em piadas, mas que, na informalidade dessas trocas, emergem simbolismos e significados que afloram das experiências compartilhadas. Essas interações cotidianas, preenchem o tempo, mas também articulam pertencimentos, revelam tensões sociais e ressignificam vivências. O que parece mera conversa fiada, na verdade, expressa valores, códigos e percepções sobre o mundo, consolidando laços e reafirmando identidades no fluxo da vida urbana.

Não se pretende fazer uma análise sociológica do bar, mas evidenciar como espaço de memórias, conforme argumenta José Guilherme Magnani (1996), os bares e botecos compõem de interação que transcendem o espaço físico e perpassam diferentes dimensões da vida urbana. Esses circuitos são fundamentais para a compreensão da vida nas cidades, pois revelam práticas sociais que fogem da rigidez das instituições formais e resgatam a espontaneidade das relações interpessoais.

É nesses espaços onde se tece a trama do cotidiano: a vida do dia-dia, a prática da devoção, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais [...] resultado de práticas coletivas (entre as quais as de lazer) condição para seu exercício e fruição (Magnani, 1996, p.13).

Nem que estes traços estereotipem o lugar, mas observar as reações populares às ideologias que permeavam as circunstâncias e contextos já indicados permite compreender as dinâmicas de apropriação simbólica e os modos pelos quais diferentes grupos ressignificam os discursos políticos. E num dado momento, aquelas notícias, que aqueciam a mídia e estimulavam a imaginação dos frequentadores, dando substância para as narrativas, e dentre uma conversa e outra, surgiam os causos de bar, aqueles que só são contados depois de certa

familiaridade com o lugar e as pessoas. Na TV, a reportagem em forma de documentário, resgatava a rotina dos acampamentos, a ascensão e vertigem da direita, como um passado distópico, o vídeo evocou lembranças, que tornaram-se disputas política entre frequentadores, como se torce por futebol. Manoel recordava do dia que aquele trio de amigos, frequentadores do bar não se deram muito bem, e retornaram para contar suas desventuras. Eram tempos que os acampamentos fervilhavam em campanhas de oração, gestos de patriotismo e devoção em frente aos quartéis:

— E o golpe, hein? — resmungou Seu Maneca, girando o copo americano com os dedos grossos.

— Qual golpe, Maneca? O da pinga? — retrucou Zé do Rádio, (Porque consertava todo tipo de eletrodoméstico), arrancando risadas da mesa ao lado.

— Golpe de Estado, homem! Aquele que prometeram na frente do quartel! Fizeram vigília, cantaram hino, rezaram, até mandaram pix pro general... e nada!

Dona Clo, que até então observava tudo em silêncio, bateu o copo na mesa.

— Vocês já viram militar perder mordomia pra governar? Só se fosse maluco! e tomou um gole demorado, lógico que vão aproveitar a oportunidade e ficar, no poder.

Do outro lado do bar, Maurício, Tote e Paulo entraram na conversa. Tinham acabado de voltar da tal manifestação e estavam visivelmente abatidos. Sentaram-se, pediram uma dose e começaram a contar sua história.

Maurício explicou que, quando viu o protesto pela TV, achou que era uma festa: churrasco, oração, comida de graça. Chamou os amigos, com a desculpa de lutar contra o Lula, mas, na verdade, só queriam garantir a boquinha. Se vestiram com uniformes emprestados da seleção brasileira, e rumaram para lá. No começo, tudo parecia promissor. Arrumaram amigos, rezaram junto com os fiéis, Maurício até conseguiu uma namorada crente. Mas depois de alguns dias, o interesse foi diminuindo. Resolveram dar uma escapada pra Ponta Negra, beberam além da conta e voltaram para a manifestação já trocando as palavras.

Na hora dos gritos de guerra, Tote, trançando as pernas e a língua, errou feio:

— É isso aí! Esse Bolsonaro é um filho da puta!

O silêncio tomou conta. Quando se deram conta da besteira que ele tinha gritado, já era tarde demais. Levaram uns tabefes, foram expulsos do acampamento e voltaram para o Bar do João com a cara inchada e a moral no chão.

O silêncio que a atenção do caso contado dispensou, foi quebrado pelo gargalhar exagerado, de quem afina discursos e presepadadas, suas e de conhecidos, e outros casos foram narrados, mas aquele evocou memórias que exalavam o cinismo — aquele de Diógenes —, que percebe e ironiza o teatro da política nacional como palco de disputa para personagens que, entre golpes de efeito e promessas ocas, revezam-se no mesmo roteiro gasto.

(Manaus, Valparaíso, 12/11/202).

É ali que a crítica social se disfarça de piada, e as interações simbólicas, entre um brinde e outro, compartilham suas inquietações, esperanças e desilusões. Nos espaços informais, a conversa cotidiana se torna um campo fértil para a construção da memória coletiva e a circulação de narrativas populares. É nesses ambientes que o discurso oculto da informalidade dos subalternos se manifesta, onde a crítica social se disfarça de piada e as interações simbólicas, entre um brinde e outro, compartilham inquietações, esperanças e desilusões.

Também nos espaços informais, como bares e praças, os grupos subalternos articulam uma resposta ao discurso hegemônico, criando narrativas próprias que contestam a dominação social. Se, historicamente, a contenção da raiva foi uma estratégia de sobrevivência, é justamente nesses encontros cotidianos que se revelam formas sutis de resistência. Através do humor, da ironia e da ressignificação de símbolos, os grupos dominados invertem e negam ideologias impostas, construindo uma subcultura que desafia, ainda que de maneira velada, o poder estabelecido, James C. Scott (2013), ao analisar as formas de resistência cotidiana, destaca como esses discursos ocultos operam à margem da estrutura oficial, expressando insatisfações e contestando a ordem dominante sem confrontação direta.

Na oralidade popular, contos e anedotas protagonizados por figuras marginalizadas servem não apenas como entretenimento, mas como formas de subversão simbólica, reafirmando a capacidade dos grupos subordinados de contestar, reinterpretar e até mesmo reverter, no imaginário, as relações de dominação que vivenciam no cotidiano.

Nada ilustra melhor a resistência cultural velada dos grupos subordinados do que as chamadas histórias picarescas. Seria difícil, penso eu, encontrar uma sociedade de camponeses, escravos ou servos sem uma figura picaresca lendária, seja sob forma animal ou humana. Normalmente, o pícaro faz uma travessia triunfal por um território perigoso, cheio de inimigos apostados em derrotá-lo ou em comê-lo. E fá-lo, não através da força, mas graças à sua astúcia e engenho. À partida, o pícaro é incapaz de vencer qualquer confronto direto, visto ser mais pequeno e mais fraco do que os seus antagonistas. Com efeito, só consegue escapar às suas garras e obter vitórias através do conhecimento que tem dos hábitos dos inimigos, enganando-os, tirando partido da sua ganância, do seu tamanho, da sua credulidade ou da sua impaciência. Por vezes, as figuras do bobo e do pícaro surgem associadas, e a manha do subordinado consiste em fazer-se de tonto ou em fazer jogos de palavras tão engenhosos que acabam por ludibriar o seu inimigo. Não é preciso entrar em análises muito sutis ou complexas para constatar que a posição estrutural do herói pícaro e os estratagemas que ele usa apresentam uma semelhança notória com o dilema existencial dos grupos subordinados. O lema do herói pícaro foi, aliás, muito bem captado por um provérbio dos escravos da Carolina do Sul: «Os bukrah [brancos] têm esquemas, os pretos têm truques, e quando os bukrah fazem um esquema, os pretos fazem dois truques.» (Scott, 2013, p.228).

No calor das conversas, o bar se transforma em um espaço onde o imaginário coletivo se expressa, moldando percepções sobre o mundo e reforçando laços comunitários.

A memória coletiva, conforme destacado por Maurice Halbwachs (2006), não se mantém apenas nos registros oficiais, mas também nos discursos e nas práticas sociais do cotidiano. Assim, nesses espaços de sociabilidade, o passado é constantemente revisitado, reinterpretado e transmitido, muitas vezes de forma fragmentada e subjetiva. A multiplicidade de interações – simbólicas ou não – que esses lugares proporcionam permite a construção de

significados diversos, articulando memórias, identidades e práticas sociais que refletem as dinâmicas culturais e históricas da comunidade.

Nessa rede de sociabilidades, os diálogos do bar funcionam como um campo associativo que dá forma à condução das ideias e dos comportamentos, constituindo uma parte da substância do imaginário de um grupo. A partir desses encontros, discursos emergem e se ressignificam, ecoando tensões e disputas que atravessam a sociedade.

Um pequeno recorte histórico e espacial permite observar, por exemplo, como esses espaços foram atravessados pelos fenômenos da ascensão da direita conservadora ao poder. As conversas informais, que antes giravam em torno da economia local ou das dificuldades do cotidiano, passaram a refletir ideologias que fundamentam disputas políticas, configurando uma verdadeira guerra de culturas. Entre manifestações, ações e palavras, esses encontros cotidianos se tornaram arenas onde a memória política é construída, contestada e transmitida, evidenciando o papel fundamental dos espaços informais na produção e perpetuação de discursos sociais.

2.3 A Horta Urbana: O cultivo como herança e identidade

Seu Lopes acordava cedo para lavrar a terra, precisava aproveitar a chuva que tinha caído no dia anterior indicando o fim do verão, que calor, michou a plantação um pouco. Acompanhado dos trabalhadores que o auxiliavam na sua leira, plantavam, colhiam e selecionavam as mudas e plantas, para a venda. Era a rotina do trabalho observar o tempo, chuva ou sol para o trabalho se concentrava na irrigação e na colheita das hortaliças mais sensíveis ao clima seco. Vistoriava os canteiros com zelo, as técnicas aprendidas foram aperfeiçoadas com as informações dos vizinhos e amigos, também agricultores. O canteiro, a cobertura, a base, a irrigação, o adubo e as plantas: cheiro-verde, cebola e coentro eram cultivados com cuidado para garantir qualidade e sabor na colheita.

Hoje não lida diretamente com a terra, mas acompanha de perto a produção, pois a horta faz parte de uma cultura agrícola que antecedia a ocupação urbana e cresceu em meio às transformações do território, mantendo-se essencial para a subsistência de muitas famílias.

- Aqui tem mais de 300 famílias trabalhando nessas comunidades agrícolas como A Nova Esperança e Chico Mendes, além das chácaras e do Ramal do Areal. A gente segue firme, mantendo a tradição do cultivo, tirando o sustento da terra, fortalecendo e se unindo, na medida do possível. Morando aqui a gente aprende a lidar com as mudanças, se adapta ao

que vem pela frente, mas sem esquecer o que nos trouxe até aqui. A terra ensina, a gente escuta. O jeito de plantar pode mudar um pouco, mas a essência é a mesma: respeitar o tempo, dividir o aprendizado e garantir que todo mundo tenha o que colher. É assim que seguimos, cultivando não só o alimento, mas também o companheirismo e a resistência.

Fig. 15: Plantação



Fig. 16: Colheita



Fig. 17: Comércio



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2024.

A matéria do *Jornal do Commercio* (1995) evidencia a **Colônia Agrícola Chico Mendes**, na Zona Leste de Manaus, como um espaço vivido, onde cerca de 130 famílias transformam a terra em sustento, apesar da precariedade estrutural. A luta pela ampliação da produção revela a relação dos agricultores com o lugar, um território que resistia entre a memória rural e a urbanização crescente. As reivindicações são constantes das circunstâncias do trabalho, e representam o desejo de enraizamento e permanência, expressando o ato de pertencimento e construção simbólica do espaço. Agora quase vinte anos depois segue ameaçada, muitas famílias abandonaram o ramo, os jovens foram atraídos pelo comércio e indústria. Contratos prévios os mantêm ativos, fornecendo para os supermercados locais, feiras e outros, até hoje.

A trajetória da agricultura na região reflete um equilíbrio entre tradição e adaptação, como evidencia a fala de Adailson. Enquanto comunidades agrícolas como Chico Mendes e Nova Esperança mantêm o cultivo como sustento, enfrentando desafios da urbanização e da precariedade estrutural, agricultores como eles e seu Lopes seguem resistindo.

Adailson trabalha com agricultura em um lote arrendado, alugado de outro agricultor que se mudou para a estrada. "Pra gente pagar a renda. Eu sou do... Acima do Manacapuru. Aqui não deu certo não, A cooperativa, mas o pessoal tentou colocar, mas não... Não deu certo, Ah, tentaram fazer a cooperativa, mas não deu certo, acho que por que cada um queria cuidar do

seu próprio lote, sem depender dos outros. Além disso, era difícil juntar dinheiro e organizar tudo certinho. As famílias quase todas que dependem daqui. Da renda daqui. Tanto as pessoas que têm as hortas, né? As donas de hortas e as pessoas que trabalham."

A produção é voltada para mercados locais, mas não há venda direta para supermercados. "Tem um terceirizado, né? Tem gente que atravessa pro supermercado. E tem gente que vem comprar direto aqui, de feira, né? Às vezes vem de supermercado mesmo. Não é assim que a gente fala. Às vezes o camarada levanta a empresa. Aí ele assina com o supermercado. Aí ele vem buscar, faz o misto e faz o emprego."

Cada produtor é responsável por seu lote, sem um sistema cooperativo. "Isso é lote. Cada um é proprietário de um lote. Nada de cooperativo. O senhor é empregado, recebe por semana, né? Aí é o que eu produzo. Eu tiro, né? Aí eu pago a renda que sobra aqui. Ah, o senhor é arrendado? É, arrendado. Vai, tira uma foto nossa aí, velho."

A produção segue o ritmo das estações, sendo o verão mais favorável para o plantio. "E essas hortaliças que o senhor produz, o senhor planta o ano todo ou tem época que é melhor? Tem época, né? No inverno é mais difícil. No caso, o verão é melhor pra produção? É, no verão sai mais."

Para garantir a irrigação, utilizam bombas para puxar água de um igarapé próximo. "A gente usa bomba, né? Vai puxando a água do igarapé. Ah, tem um igarapé próximo então? Tem, aí pertinho."

O controle de pragas é um desafio constante. "A gente usa uns remédios naturais, mas tem umas que só com veneno mesmo."

Ele tem o desejo de possuir um lote próprio, mas reconhece as dificuldades. "Seria bom, né? Mas é difícil, porque os lotes aqui são caros. E como o senhor vê o futuro da comunidade? Rapaz, se organizasse melhor, dava pra melhorar pra todo mundo."

Adailson trabalha na produção agrícola há cerca de 15 anos, cultivando alface, cheiro-verde e cebolinha. "O que produzimos vai pro mercado, né? Os mercados mais próximos a gente vai distribuindo, no nosso caso é quase igual um contrato, né? Não é um contrato porque ainda não... Ainda não tem ainda aquele selo da fábrica, né? Que tem que ter, né? Pra abrigar uma empresa, ainda não tem. Mas aí, vamos ajudando e dando trabalho para as pessoas que moram próximo, né? Que não tem de onde tirar, e ganhando uma diária já melhora muito a vida do povo."

A sazonalidade afeta diretamente a produção. "É tipo... Lá, como dá, tem época que dá seca. Quando vem a seca, no verãozão, o povo sofre um pouco, mas pior com muita chuva, pra mim. E o tempo que não tem a praga. Ainda tem tudo isso, pra poder a gente se beneficiar."

O cultivo segue um método tradicional. "O modo de plantar, não tem nome a gente chama de canteiro, né? A terra, em cima fica a horta lisa, né? Vem tipo uma muda, uma muda. Aí daí a gente tem que pegar um zopozinho, fazer uma implantação, igual uma esponjinha, por dentro desse zopô. Quando ela brota, aí passa mais acho que uns cinco dias, ela já tá no ponto de ir pra horta. E aí a gente tem que regar todos os dias, até aquela florzinha. E os outros são plantas que você vai plantando, vai colhendo assim, vai dando."

A comercialização segue um fluxo contínuo. "Quando não tá vendido, praticamente é quem chegar. A pessoa chega e diz, olha, eu quero... Tem algumas pessoas que compram com ela, com a menina aí que está vendendo, já são praticamente certas. Por quê? Porque eles pegam aqui e vendem no supermercado. Ou na feira. Essa venda no supermercado, na feira, é certa. Então ele tem que ter com ela algo certo assim: Você vai me oferecer cem por semana. Tu garante aí? É o caso dela. Ela... Na véspera a pessoa diz, olha, eu tiro, quero para amanhã cento e cinquenta mais. Agora ela só está vendendo cebolinha, porque o cheiro... Está chovendo, aí não está dando. E ela aproveita para plantar cebolinha. Vai tirando a cebolinha. Mas, como eu falei, tudo que você plantar, vai dando aí. Graças a Deus, vai dando o suficiente." (Manaus, Valparaíso, 12/11/2024).

Os agricultores, como Adailson e seu Lopes, enfrentam a pressão do crescimento urbano, a especulação imobiliária e a falta de infraestrutura adequada para manter suas produções. Muitas vezes, lidam com a escassez de recursos básicos, como acesso à água e insumos, ao mesmo tempo em que precisam garantir espaço para o cultivo em uma cidade que prioriza a expansão de empreendimentos e vias. Ainda assim, persistem, não apenas preservando saberes ancestrais ligados à terra, mas também reivindicando o direito à permanência e à valorização de seu trabalho.

Essa resistência se manifesta no próprio ato de plantar e colher, reafirmando um modo de vida que se recusa a ser apagado pelas dinâmicas excludentes da urbanização. Ao insistirem no cultivo, esses agricultores não apenas desafiam as adversidades do contexto urbano, mas reafirmam sua identidade e seu papel na construção de um território que reconhece e respeita sua história.

Fig. 18: Reportagem As dificuldades da agricultura urbana (Comunidade Chico Mendes)



Fonte: Jornal do Commercio, 23/02/1995.

Nas hortas, os moradores que plantam e cuidam dela criam uma conexão com o lugar porque isso faz parte do dia a dia deles. Isso lembra as origens, como a vida no campo, e faz com que se sintam unidos como grupo. Assim, o que eles fazem, sentem e vivem naquele espaço ajuda a mostrar quem eles são, tanto para eles mesmos quanto para os outros. É como dizer: "Isso aqui é nosso, é a nossa história."

A horta é um legado, também do migrante interiorano, mesmo antes da ocupação e expansão em lotes agrícolas, pequenas chácaras isoladas no lugar, já praticavam agricultura para subsistência das famílias. Pimenta, cheiro verde, coentro e cebola, são os elementos que temperam a memória do espaço, carregando consigo a continuidade de práticas enraizadas na relação do ser humano com a terra são muito mais que simples produtos da terra; são expressões de uma intimidade entre o ser e o lugar, Tuan (2001) descreve como "topofilia" o laço emocional que conecta as pessoas aos espaços. Essas hortas, mesmo em um contexto urbano como Valparaíso, carregam a essência do mundo interiorano, transformando o território em um espaço vivido e significativo.

Pequenos lotes de terra compõem a área agrícola urbana da comunidade Valparaíso. Os trabalhadores que a cultivam, portadores de saberes herdados e transformados pela experiência, repassam esse conhecimento, ampliando e renovando as práticas agrícolas. Esses processos vão além da subsistência, gerando novas formas de interação social e trabalho. Podem ser uma representação da resistência frente ao avanço urbano desordenado e às adversidades impostas pela exclusão social, ressignificando o espaço e reafirmando sua presença e contribuição na dinâmica da cidade. A interação entre a memória coletiva e as condições materiais do entorno permite que os agricultores criem novas formas de pertencimento e adaptação em um espaço urbano, a dinâmica entre a memória e a prática molda as relações de trabalho e reforça a identidade local, transformando o cultivo em um ato que vai além do sustento material, conectando a comunidade às suas raízes e projetando novos horizontes.

As ruas estreitas com calçadas de barro e capim se estendem como pequenos caminhos que levam para dentro das comunidades de hortas, Chico Mendes, Santa Marta, Bela Vista Nova Esperança, são alguns nomes dos conjuntos de lotes de horta, que não ficam afastados das casas, como espaços integrados ao cotidiano da comunidade, extensões da própria vida doméstica, onde a terra e o lar se encontram. Tornam-se pontos de convivência e trabalho, espaços compartilhados que sustentam as famílias e fortalecem os laços entre os moradores. O cheiro de terra úmida e mato fresco se mistura, Seu Antônio Lopes, com sua fala carregada de experiência, rememora uma época em que cada detalhe do plantio era cuidadosamente planejado.

Naquele tempo era tão atrasado que pra fazer a linha certa, como se houvesse a leira certinha assim, ele amarrava uma corda aqui, esticava a corda, quanto ele queria de metro, 30 metros de leira⁴, aí esticava uma corda aqui, aí cavava, riscava no chão, aí ia cavando, tinha pra cá, riscava, que era com um metro de largura, riscava do outro lado, cavava pra cá, amontoava.

Cada lote um tem o seu dono, esse aqui é um dono, aquele ali é um dono, aquele ali é um dono, assim, no meu caso eu cerquei o meu, é cercado, com barrotes, os esteios, até lá o final é cercadinho, tudo cercado, e cada um tem o seu lote.

Esse aqui eu sou dono, aquele ali é o seu Lázaro, aquele ali é o Silas, aí vai dividindo, cada um tem um pedaço. Só coloca aqui, o seu Lopes, O seu Lázaro, o Silas, Tereza, como é o nome do marido da Jacira? Antônio, mas é o Antônio da Jacira. Antônio da Jacira, esse que mora bem aqui pertinho.

⁴ Leira: se refere a um canteiro elevado de terra preparado para o plantio. É uma técnica comum na agricultura, usada para facilitar a drenagem da água, evitar encharcamento e melhorar a produtividade das plantações. Os agricultores costumam marcar as leiras com cordas para garantir alinhamento e organização, criando fileiras bem definidas para o cultivo de hortaliças e outros alimentos.

Até quando eu contabilizei, eram 300 famílias, mas só que é assim, deixa eu lhe dizer, não é só esse aqui, esse baixo aqui, esse baixo aqui, sobe lá, por lá tem uma estrada, se o senhor vier depois e eu já tiver a bom da na minha mão, nós vamos pegar o carro, vamos dar uma volta, assim, para o senhor ver a distância.

É muito longe, muito longe. Por ali vai também, por lá, sobe lá, dá a volta e sai por aqui de novo. É tudo um círculo. E essa área aqui, quando eu cheguei, contavam que tinha 300 famílias, mas não tinha mais, porque foi assim.

Hoje, hoje, só trabalha aqui as pessoas velhas, idades. Por quê? Porque o jovem, ele já foi conseguir um trabalho no distrito, foram conseguir no mercado.

E o jovem ainda tem aquela ideia de que a roça, o campo é atrasado, ele quer estar no shopping, na fábrica, tem um cafezinho, ele quer estar na segurança, carteira fichada e tudo mais.

Não era somente o local pra moradia, mas também como tirar o meio de subsistência dali daquela fábrica. Por isso é que cada um, quando comprava o terreno, pra ele era interessante que tivesse mais um pedacinho pra ele plantar. Por quê? Quase todos os que vieram que moram aqui, eles vieram das margens dos rios, vezes trazidos por um parente que convidava, que chamava pra vir trabalhar, vir morar aqui, que é melhor.

E os que vinham pra cá...

Você gasta muito adubo aí? Gasta muito adubo. A areia é branca.

De lidar com a terra, seus pais... Na beira do rio, nas margens do rio, e quando eles chegavam aqui, eles plantavam, começavam a trabalhar, exatamente pra tirar o pão de cada dia, a subsistência.

E por falar em semente, o que é produzida aqui, em sua maioria?

Na horta o que dá mais agora, é a cebolinha. Cebolinha, cheiro verde, pimenta, o que você plantar, dá. Agora...

Que nem a pessoal, a doutora da Embrapa, que esteve aqui comigo, ela disse aqui, aqui só dá porque é o adubo. Porque se não fosse o adubo, não daria. Se não for com adubo, não dá.

Porque a areia é branca e a areia é morta. A areia é branquinha, branquinha. Só serve de base. Só serve de base. A gente tem que adubar para poder dar. Mas como diz o velho ditado, que adubando dá, então aí a gente vai adubando e tira bem, graças a Deus, porque tudo, a agricultura, é preciso você ter um cuidado, porque cada horta tem o seu tempo. A cebolinha, ela dá no verão com mais força. No inverno ela dá também. Já o cheiro verde, ele dá mais no verão, porque com a chuva ele amarela, morre muito. (Sr. Antônio Lopes, Manaus, novembro 2024).

Moldadas pelas práticas sociais dos moradores, as hortas urbanas carregam marcas de um passado vinculado às origens ribeirinhas e às tradições agrícolas, ao mesmo tempo em que refletem a resistência frente à modernidade. Seu Antônio Lopes, com sua memória detalhada, transforma essas hortas em narrativas vivas. Ele relembra a época em que centenas de famílias ocupavam o território, moldando-o com suas mãos e seus sonhos, e reflete sobre o presente, onde os mais velhos continuam a cuidar da terra enquanto os jovens buscam novos caminhos na cidade. A corda que alinhava as leiras e a areia branca que exige adubo são testemunhos materiais de uma luta diária que combina conhecimento ancestral e adaptação às condições locais. Esses elementos transformam o espaço da horta em um arquivo vivo de práticas culturais e de resistência, simbolizando a continuidade cultural e a conexão entre gerações

Se tornam expressões da memória coletiva, como descrito por Halbwachs (2006, p.159). Esses espaços refletem a maneira como os grupos sociais constroem e mantêm suas

memórias por meio de práticas e lugares compartilhados, preservando elementos do passado em meio às transformações urbanas e à modernidade.

Seu Antônio Lopes, com sua memória detalhada, transforma essas hortas em narrativas vivas. Ele relembra a época em que centenas de famílias ocupavam o território, moldando-o com suas mãos e seus sonhos, e reflete sobre o presente, onde os mais velhos continuam a cuidar da terra enquanto os jovens buscam novos caminhos na cidade. A corda que alinhava as leiras e a areia branca que exige adubo são testemunhos materiais de uma luta diária que combina conhecimento ancestral e adaptação às condições locais. Esses elementos transformam o espaço da horta em um marco social, onde memórias individuais se entrelaçam com experiências coletivas. A fala de Maurício Fernandes, que possui um lote na comunidade evidencia a materialidade do trabalho agrícola e a dinâmica de aprendizado coletivo que sustenta a produção na horta. O conhecimento sobre o solo, os ciclos da plantação e os desafios do controle de pragas não é apenas transmitido entre gerações, mas também compartilhado entre os trabalhadores, em uma rede de cooperação que molda o espaço da horta como um marco social. A troca de saberes, mencionada por Maurício, demonstra como a vivência cotidiana constrói uma memória comum, onde cada experiência individual se entrelaça com a história coletiva da terra e do trabalho.

Aqui? O meu? Não, eu vou na arredadeira. Não sei quantas famílias vivem aqui, mas é uma porção. Essa área, por exemplo, tem um igarapé que divide os terrenos. De um lado, uma família; do outro, outra. Você já foi pra lá? Já, fomos até o seu lote, mas ainda não subimos mais. Aqui, a terra é dividida entre famílias, mas não sei ao certo quantas. Acho que mais de 60.

— Aqui a gente trabalha na empeleita.

— Como assim?

— Por exemplo, se eu tenho um maracujá pra plantar, eu contrato alguém pra fazer o serviço. Depois, fico cuidando: adubo, veneno, rega. Esse é meu trabalho.

— Entendi. Mas tem gente que contrata trabalhador fixo também, né?

— Sim, sim, mas eu prefiro assim. Tem um menino aí que eu chamo pra enterrar muda. Trabalha um ou dois dias, pago ele e pronto.

— E a forma de plantar?

— Primeiro a gente coloca a areia, depois o adubo. Chamamos de canteiros. Quando chove muito, usamos a estufa.

— Cada um vai aprendendo com o tempo, né?

— Isso. A gente pega experiência com o próprio trabalho e também com os vizinhos. Se tem um bicho no meu terreno que não sei como lidar, pergunto pro colega. Ele me orienta, a gente troca ideia, vê o melhor jeito.

— Essa troca faz a coisa funcionar.

— Exatamente! Se ficar só na cabeça de um, pode virar um problema maior. Aqui, por exemplo, se usar sempre o mesmo veneno, o bicho acostuma. Tem que mudar o sistema.

— Você usa aquela maquininha de aplicação?

— Sim, mas esses venenos de hoje são perigosos. O agrotóxico é forte. A gente vai aprendendo com o tempo, observando a melhor época pra plantar, os insetos, o solo (Maurício Fernandes, Manaus, 02/11/2024).

O modo como descrevem o trabalho na horta urbana demonstra uma relação profunda com o território, onde a produção agrícola não se resume a uma prática isolada, mas se constrói coletivamente, entre vizinhos que compartilham conhecimentos e estratégias para lidar com os desafios do cultivo. O imaginário que emerge dessa conversa é um misto de tradição e inovação. A “empeleita”, método de contratação pontual para determinadas tarefas, evidencia uma dinâmica de trabalho flexível, onde a terra exige cuidados constantes, mas cada agricultor organiza sua produção conforme suas possibilidades. O aprendizado ocorre na prática, guiado pela observação e pelo diálogo com os outros trabalhadores da horta. Se um inseto ataca uma plantação, a solução pode estar na experiência do vizinho, numa técnica transmitida pela oralidade e testada ao longo do tempo. O espaço da horta, descrito como dividido por um igarapé e compartilhado entre diversas famílias, remete a um senso de pertencimento e interdependência. Mais do que um terreno para plantar, é um território vivo, onde a relação com a terra é moldada pelas memórias, pelos desafios e pelas soluções construídas em conjunto. A cada safra, novas descobertas e adaptações reforçam essa identidade agrícola urbana, que resiste diante das transformações da cidade e das incertezas do futuro.

Outras, menos evocadas ou aparentemente irrelevantes no momento atual, ficam adormecidas ou relegadas ao esquecimento, mas permanecem como no fundo, escondidas. Assim, as memórias que flutuam e se mantêm vivas são aquelas que encontram ressonância nas necessidades e experiências do presente. A horta é um espaço que carrega marcas do passado, moldado pelo trabalho daqueles que vieram antes e continuamente transformado pelos que o cultivam no presente.

Ainda que algumas lembranças se percam com o tempo, elas não desaparecem completamente; permanecem como camadas que conferem profundidade à memória coletiva, e se entrelaçam nesse espaço, onde práticas, conhecimentos e experiências individuais se somam à história compartilhada da terra e do trabalho. Escondidas na memória implícita ou na memória afetiva, que muitas vezes operam de forma inconsciente (Candau, 2013). Essas lembranças permanecem guardadas nas camadas mais profundas da memória coletiva ou individual, emergindo através de estímulos sensoriais, como um cheiro, um som ou um objeto que conecta o presente ao passado.

O conjunto das falas reunidas ao longo deste capítulo evidencia a complexidade das experiências que compõem a história da Comunidade Valparaíso. As narrativas dos moradores, marcadas por trajetórias diversas, revelam os desafios enfrentados na construção

do espaço urbano, assim como as estratégias de resistência, pertencimento e reinvenção cotidiana. Esse conjunto de memórias constrói um quadro social que vai além dos registros oficiais, pois dá voz às percepções, aos sentimentos e às dinâmicas que moldam a identidade local. Seus relatos demonstram que a comunidade não é um espaço físico isolado, mas um campo de relações, afetos e disputas. As lembranças individuais e coletivas se entrelaçam, criando uma memória social que fortalece laços e reafirma a presença de seus protagonistas na história da cidade. A Comunidade Valparaíso não pode ser compreendida apenas por meio de mapas ou estatísticas. É na palavra dos que vivem e constroem esse espaço que se encontra sua verdadeira essência.

CAPÍTULO III: AS VOZES FALAM AS HISTÓRIAS: NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS DAS MEMÓRIAS SOCIAIS E AS TRANSFORMAÇÕES DO COTIDIANO URBANO

A passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever da memória faz de cada um historiador de si mesmo (Nora, 1985, p. 17).

Nesse sentido, ao revisitar suas experiências e inscrevê-las na narrativa da cidade, os moradores da periferia reivindicam um lugar na história, contrapondo-se às classificações que, ao longo do tempo, impuseram barreiras simbólicas e materiais. Se a memória é um campo de disputa, a oralidade se apresenta como um meio de resistência, permitindo que sujeitos historicamente marginalizados reescrevam, por si mesmos, os sentidos do espaço que habitam. As narrativas remetem ao início e à formação da comunidade Valparaíso, onde os moradores evocam suas memórias de forma intimista, resgatando lembranças e esquecimentos que moldam a identidade, o imaginário e a organização do espaço na periferia urbana.

Memórias do sujeito, separado no tempo e espaço daquele recorte, por construções classificatórias que atuam como barreiras simbólicas e materiais, através de mecanismos históricos e culturais que estabelecem distinções entre grupos, hierarquizando identidades e delimitando acessos a direitos, recursos e espaços.

Lembrar é um ato tanto individual quanto social, afirma Bosi(1987), e permite a observação de uma *comunidade de destino*, constituída aqui nestes estudos, nas origens socioculturais do autor e moradores, que estabeleceram relações de pertencimento e coletividade a partir de suas trajetórias de vida. As memórias, registros e construções do passado, conferem significado à experiência vivida, conectando os sujeitos históricos a um contexto marcados por ausências, desafios e superações. As narrativas que seguem expressam não apenas memórias individuais, mas as representações coletivas que moldam a experiência dos moradores da Comunidade Valparaíso. Ao reconstituírem suas trajetórias, eles revelam as formas como a periferia é percebida, vivida e simbolicamente construída ao longo do tempo., suas vozes traduzem mentalidades — sistemas de valores, crenças e imaginários compartilhados — que orientam modos de sentir, interpretar e agir sobre o território. São histórias que ressignificam o espaço urbano e reafirmam identidades, articulando passado e presente na construção da memória social.

Essas histórias, revelam as experiências e obstáculos que os distanciam da igualdade social, além da diversidade de vivências, evitando tanto a generalização quanto a noção de uma experiência única e homogênea, manifestando-se em representações de culturas urbana massificada pelos discursos dominantes, das singularidades e regionalismos que a permeiam. Seus lugares de entretenimento ou fé, seus medos e ressentimentos, e relações de poder.

As representações dessas vivências são construídas e reconstruídas continuamente, (Chartier, 1990). As narrativas da comunidade Valparaíso expressam a experiência da subalternidade, a desigualdade social e a diversidade de trajetórias urbanas. Essa mobilidade material e simbólica se manifesta de diversas formas no Valparaíso. Na comunidade, por exemplo, jovens crescem entre as tradições familiares, como festas tradicionais, juninas, religiosas, natal, carnaval, a solidariedade entre vizinhos, ao mesmo tempo em que são influenciados por valores globais, consumindo cultura globalizada, tendências midiáticas, reproduzindo linguagens e comportamentos, aprendidos e esquecidos na rapidez da modernidade líquida que nos embala (Bauman, 2012).

É uma comunidade urbana, que recebeu muitos interioranos do Amazonas, de outros estados também, principalmente do Pará e Maranhão, chegaram aos poucos, se estabeleceram quando toda aquela região era conhecida como Morro da Catita, trouxeram consigo saberes tradicionais sobre plantio e cura por ervas, simpatias, brincadeiras, lendas e cantigas cantadas a noite por seus parentes. Vieram beirando os rios, trazidos pelos barcos coloridos, em viagens longas, mais rápido ir embora que chegar aqui. Seus filhos e netos, já criados na cidade, transitam entre referências herdadas e novas exigências da vida urbana. A educação formal lhes oferece possibilidades, mas não apaga as vulnerabilidades estruturais que moldam suas trajetórias. Entre oportunidades e limitações, encontram-se em um território de fronteira, onde a desigualdade, a precariedade e disputam espaço com os sonhos e as tentativas de ascensão.

Os indivíduos modernos nascem e vivem dentro de culturas e tradições particulares, como seus antepassados de todas as épocas e áreas geográficas. Mas, de um modo inédito, estão expostos, são afetados e vivenciam sistemas de valores diferenciados e heterogêneos. Existe uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão. Esta afirmativa vale mais como tendência geral do que como uma tentativa de generalização dogmática. Por outro lado, a construção de identidades básicas subordina-se a constelações culturais singulares e a conjuntos de símbolos delimitáveis. O que está em jogo é um processo histórico abrangente, e a dinâmica das relações entre os sistemas culturais com repercussões na existência de indivíduos particulares (Velho, 1984, p. 21).

A experiência migratória e os deslocamentos dentro das cidades expõem os indivíduos a sistemas de valores distintos, criando desafios e possibilidades na construção de

identidades. Como destaca Velho (1984), a modernidade intensifica essa mobilidade material e simbólica, tornando as referências culturais mais fluidas, mas sem eliminar os vínculos com tradições e pertencimentos específicos. No caso das periferias urbanas, essa dinâmica se manifesta na convivência entre migrantes e residentes, novos e antigos, nas trocas culturais e nas tensões geradas por diferentes formas de enxergar o mundo. É nesse contexto que Tia Ray compartilha sua percepção sobre pertencimento e adaptação.

3.1 Educação e pertencimento: memórias de mudanças e permanências

Lembranças de Tia Ray: Maria das Chagas, que chegou de Santarém ainda “mocinha” em Manaus, por volta de 94, gostava de ler mais os livros de romance, colecionava revista de fofoca, admirava os artistas. Gosta de cantar por que alivia a a tristeza. É triste por que sente saudades de onde veio, dos pais, da família que o tempo enterrou. Quando ccheou aqui, foi morar numa Kitnete na Compensa, ficou quase 2 anos, quando soube das ocupações que ocorriam na Zona leste, por uma amiga de trabalho, do restaurante em seu primeiro emprego aqui em Manaus, comprou um lote, e construiu uma casa onde mora até hoje. Trabalhou como babá e cozinheira, realizando com o magistério, cursado em Santarém, o alcance desejado em educar crianças em idade escolar, alfabetização e reforço, na comunidade que nascia, Valpaíso. Tornou-se tia Ray desde então, suas memórias eleitas para narrativa permeiam suas lutas na escola, de seus alunos e pais, de suas interações com a comunidade.

Raimunda Assunção Chagas Coelho, mas todo mundo me chama de Tia Ray. Esse apelido veio da minha profissão de professora, que é algo que eu amo muito. Nasci no dia 15 de agosto de 1969, lá em Santarém, no Pará. Tenho 55 anos, venho de uma família grande, com nove irmãos, e sou mãe de quatro filhos. Antes de me tornar professora, fui babá e cozinheira.

Cheguei aqui no ano de 1998 e, dois anos depois, vim morar na comunidade Valparaíso. Quando cheguei, a maioria das ruas ainda não era asfaltada e o abastecimento de água era feito por poço, mantido por um morador pioneiro chamado Seu Bascote. Aos poucos, fui conhecendo as pessoas e me envolvendo... Desde que me mudei para cá, percebi que muitas crianças precisavam de reforço escolar. Então, comecei a ensiná-las no quintal da minha casa, embaixo de um cajueiro. Assim nasceu a Escolinha da Tia Ray. No primeiro ano, recebi uma ajuda e consegui instalar a escolinha dentro da minha residência, onde ela funciona até hoje. Já são 24 anos dedicados à educação das crianças daqui.

A comunidade era bem diferente do que é hoje. Valparaíso completou 33 anos no dia 27 de agosto de 2024, e quando cheguei aqui, muita coisa ainda precisava ser feita. Aos poucos, fui me envolvendo mais, participei da criação da associação comunitária e, junto com os moradores, conseguimos várias melhorias, como asfaltamento, iluminação e espaços de lazer para as crianças.

Quando cheguei, comecei trabalhando em um restaurante. Foi uma fase difícil, porque eu não conhecia ninguém e Manaus era muito diferente de Santarém.

Comecei lavando pratos, depois fui ajudante na cozinha. O trabalho era pesado, mas aprendi muito.

Como sempre gostei de crianças, no restaurante, ajudava os filhos das minhas colegas de trabalho com os deveres de casa. Quando consegui comprar minha casa aqui na comunidade, percebi que muitas crianças precisavam de reforço escolar e comecei a dar aulas no meu quintal e era muito simples. Eu tinha um quadro pequeno que comprei com meu primeiro salário e algumas cadeiras emprestadas. Às vezes, nem cadeira tinha, as crianças sentavam no chão. Mas o importante era o aprendizado. Com o tempo, as famílias foram confiando em mim, e o grupo cresceu. (Tia Ray, Manaus, novembro de 2024)

Fig. 19 Escola Infantil e de Reforço Tia Ray



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

As identidades vão se constituindo a medida que as memórias as moldam e se ajustam às circunstâncias dos pedaços urbanos que permitem o trânsito e mobilidade do morador, na composição do espaço urbano da comunidade, onde comércios, igrejas, tabernas e casas multiplicam-se em um emaranhado de ruas estreitas e becos sinuosos, Tia Ray encontrou seu lugar, e em meio às dificuldades de uma realidade economicista, caminhos para expressar sua vocação e o compartilhar de seu saber ajuda a criar perspectivas que não são alcançadas pelo Estado, com materiais alternativos, jornais, biblioteca comunitária formada a partir de doação de livros e parcerias com comerciantes, criou um lugar a partir a partir do que tinha ao seu alcance, transformando a escassez em possibilidades, suas memórias se entrelaçavam às paredes daquele espaço. Lembrava-se que fora, equilibrando cadernos gastos entre as mãos enquanto caminhava pelas mesmas ruas de terra batida. A história de Tia Ray, como migrante e moradora do bairro Valparaíso, reflete as dinâmicas de pertencimento, resistência e transformação social nas periferias urbanas. Sua trajetória, marcada por desafios e adaptação, é representativa de muitos migrantes que, por meio do esforço coletivo, constroem novas realidades.

Os fluxos migratórios envolvem aspectos diversos, trajetórias distintas e experiências que se entrelaçam às dinâmicas sociais dos territórios de chegada, a migração aqui é abordada como um fenômeno que envolve as memórias e identidades no processo de mudanças e ressignificações, advindos com a separação dos lugares.

No mais das vezes esse fenômeno é apreendido apenas indiretamente, avaliado em termos de volume, pela diferença entre o balanço demográfico global de determinado período e o balanço de natalidade correspondente (Sorre, 1984, p. 124).

Sorre (1984) observa sobre a abordagem subjetiva do deslocamento ao destacar os limites da quantificação, afirma ainda que migração não é apenas uma mudança geográfica, mas um processo complexo que envolve a ressignificação do espaço e da identidade. Para os migrantes ribeirinhos que chegam às periferias urbanas, esse deslocamento implica em adaptação a um novo ambiente físico e a reorganização de suas referências culturais, afetivas e sociais. Essas representações ganham mais poder no campo do imaginário, em que seus símbolos, sua casa e pobreza, se diluem ante a possibilidade de extrair do espaço, a substância de sua vontade, desejos, afetos e sentidos. As imagens do espaço vivenciado por Tia Ray refletem, em essência, o conceito de "casa onírica" de Bachelard (2008), onde o lar se torna um refúgio de memórias e simbolismos, marcando a identidade dos que o habitam.

Que imagem de concentração do ser, essa casa que se aperta contra seu habitante, que se torna a célula de um corpo com suas paredes próximas! O refúgio contraiu-se. E mais protetor, tornou-se exteriormente mais forte. De refúgio passou a reduto. A choupana transformou-se em fortaleza da coragem para o solitário que nela deve aprender a vencer o medo. Tal morada é educativa (Bachelard, 2008, p. 62).

A escolinha, surgida no quintal sob um cajueiro, simboliza um espaço de proteção e construção do saber, reafirmando a importância dos espaços íntimos na constituição das lembranças. Assim como a casa bachelardiana, esse espaço educativo não se limita à materialidade, mas se expande no imaginário dos que o vivenciam, tornando-se um território de afeto e resistência. *“Desde que me mudei para cá, percebi que muitas crianças precisavam de reforço escolar. Então, comecei a ensiná-las no quintal da minha casa, embaixo de um cajueiro. Assim nasceu a Escolinha da Tia Ray”*. A sala de aula improvisada adquire uma dimensão poética, em que o aprendizado e a convivência se entrelaçam na formação de memórias coletivas. Dessa forma, a escolinha de Tia Ray, tornou-se uma morada simbólica, um abrigo que fortalece os vínculos com os comunitários em suas interações.

As narrativas revelam como os sujeitos subvertem e reinventam normas por meio de práticas cotidianas, desafiando estruturas de dominação cultural e ressignificando espaços e identidades (de Certeau, 1998).

Tia Ray, por exemplo, encarna essa subversão ao transformar sua casa em ponto de encontro, refúgio e resistência. Suas ações para transformar o espaço, num lugar de ensino e acolhimento rompem com a lógica institucional e desafiam a ordem imposta, sem licença, sem meios econômicos, sem estrutura, persiste e alimenta sua identidade na comunidade.

Como aponta de Certeau (1998), são nas pequenas táticas do dia a dia que os sujeitos subordinados negociam sua existência no território urbano, encontrando brechas para afirmar sua presença em um espaço que, muitas vezes, lhes nega legitimidade. Assim, a periferia não se constitui apenas pela privação, mas pela potência de seus habitantes em recriar suas realidades, negociando entre a obediência e a transgressão, entre a norma e a invenção.

Lembranças de Leila: Conheci Leila nos corredores da Escola, filha de Professora e agricultor, vinda do interior, mas não fez do cultivo sua profissão. Técnica administrativa na Escola, trabalha e convive com os colegas e a comunidade, desde a juventude. Moradora da rua abóbora do mato, desfez os paletes e construiu uma casa bonita, de paredes azuis e um pequeno jardim com plantas. Seu tra tem poucas lembranças da infância, mas carrega na memória os cheiros e as cores da infância em Itacoatiara. A plantação de melancia do pai era o cenário de seus primeiros anos, uma terra fértil onde a família trabalhava unida. A lembrança desse tempo ..., um passado que ainda ressoa na maneira como ela enxerga a vida. Os rumos da vida tomaram direções inesperadas, foi em Manaus que sua trajetória se redefiniu, atravessando processos de adaptação e ressignificação no contexto urbano. A mudança veio cedo. Ainda criança, seguiu os passos da mãe, que já ensinava na comunidade e, ao passar no concurso, trouxe a família para Manaus. A educação, que já fazia parte de sua casa, abriu caminhos que iam além da roça e do cultivo da terra. Na cidade, o estudo não era apenas uma exigência, mas uma ferramenta que transformava o jeito de viver e de se mover na periferia. Mais do que seguir trajetórias pré-definidas, aprender significava descobrir novos percursos e criar outras formas de pertencimento ao espaço urbano. Primeiro, um lar no Lírio do Vale, depois, a conquista de um pedaço de terra no Valparaíso, onde construiu sua casa aos poucos. A trajetória se fez de improvisos e persistência, como tantas outras histórias de migrantes que chegam "na tora", enfrentando desafios para firmar raízes. A escola, tornou-se parte de sua

identidade. Desde os tempos em que a estrutura era de madeira até a inauguração do prédio definitivo, esteve ali, vivendo a transformação do espaço e das pessoas.

Na juventude encontrou na dança um momento de expressão e alegria, mas a vida a levou por outros caminhos. A perda do irmão foi um marco, uma dor que a fez repensar sua trajetória. A dança ficou para trás, dando lugar à fé. Na igreja, encontrou refúgio e sentido, uma nova maneira de seguir adiante em meio às ausências que o tempo lhe impôs. O luto se acumulou—o irmão, depois o pai, a mãe—mas a crença a sustentou, moldando sua visão sobre a vida e sobre o que realmente importa.

O olhar de Leila sobre a educação reflete os desafios do presente. O tempo trouxe mudanças que nem sempre são fáceis de compreender. Os jovens de hoje parecem dispersos, distantes, mergulhados nas telas dos celulares. O ensino se tornou um campo de batalha entre a atenção e a distração, entre o esforço dos professores e o desinteresse dos alunos. Para ela, a escola precisa de suporte, de psicólogos, de assistência, de um olhar mais atento para aqueles que chegam carregando dores invisíveis.

Leila, como parte desse processo dinâmico, vivenciou as transformações que afastaram sua família da terra. Ao compartilhar suas memórias no presente, ela contribui para a construção de um imaginário que se manifesta em representações. Essas representações (memórias, narrativas e experiências que Leila compartilha), conferem profundidade ao seu cotidiano, transformando o espaço que habita em um espaço vivido, conforme as concepções desenvolvidas por Lefebvre. Inserida na estrutura formal do trabalho e da escola, Leila enfrenta desafios e contradições que emergem dessa experiência. Sua trajetória evidencia diferentes estratégias de apropriação da cidade e distintas percepções sobre os desafios urbanos na comunidade Valparaíso.

Vim da cidade de Itacoatiara, né, pra Manaus, Na comunidade da Conceição, na Conceição, né. Ali a gente era família, tudo junto. Lá, a gente trabalhava com melancia. Meu pai tinha uma plantação só de melancia, só melancia mesmo, nessa época, eu tinha três anos de idade. Era uma maravilha, né? eu já vim pra cá pra Manaus, já com uns quatro anos, vim pra cá morar com a minha mãe, né? E, devido a ela, eu tenho até hoje meu trabalho, meu emprego de escola, de ATM, de administrativo, né? Vim pra cá pra estudar. Já vim arranjar um companheiro daqui uns 20, 25 Anos por aí. Aí, vim pra cá pra Manaus. Meu primeiro emprego foi em escola. Quando você veio pra Manaus, você já se instalou aqui no Valparaíso ou não? Já, me instalei aqui no Valparaíso. Na verdade a gente veio na tora, vamos dizer, a caminho pra cá. Só que antes de eu vir pra cá pro Jorge Teixeira, eu morava no Lírio do Vale. Aí depois que a minha irmã pegou um terreninho pra mim, foi aí que eu fui construindo a minha casinha devagarzinho, aqui no Valparaíso mesmo. Como eu já vim pra cá, eu já entrei nesse emprego em 98, em 97. Foi no ano que a escola era de madeira. Aí em 98 foi inaugurada a escola Dom Jackson. Então já faz muito tempinho já.

A minha passagem na dança foi um motivo de juventude, de se divertir, entendeu? Mas eu era uma dançarina daquela banda Pintacuiá, né? Da antiga ainda, e eu e meu irmão, né? Mas aí depois que meu irmão se foi, né? Aí eu resolvi tomar uma posição na minha vida, que a gente fica numa posição na nossa vida, né? E seguir a Deus, né? Seguir a Deus. Aí eu deixei isso de lá. De lado e reconhecer que Deus é tão maravilhoso na nossa vida, que sem Ele a gente não é nada, sem Ele a gente não conquista nada. Me batizei e congrego na Igreja Deus é Amor Pentecostal Deus e Amor.

Aí depois que ele faleceu, meu irmão, e devido a esse acontecido, que eu vim já aceitar Jesus. Aí eu já não tinha mais ânimo pra dança, pra nada... Porque depois dele já veio o papai, depois do papai já veio a mamãe. Foi um atrás do outro.

Mas Isso aí sempre Deus me confortando, sabe? Sempre Deus ali. E não sinto assim... a morte. Não, é... A gente tem que seguir a vida, né? A gente segue a vida e Deus ali toma conta da gente.

Então é assim que a vida vai levando a gente. Mas é... Foi bom, né, no momento que eu arranjei aqui esse trabalho, né, inclusive foi através da minha mãe. A tua mãe, ela tinha conhecimento com o político? Sim, tinha conhecimento com a dona... a dona Sara, que é ela da semédia, né. Acho que até hoje ela nem mais nem vive mais, porque ela é uma senhora bem idosa já, ela. Aí, através dela,

Que eu entrei. A mamãe era Professora. Ela trabalhava até aqui na E.M. Moacir Ruas, há muito tempo. Ela trabalhou aqui também há muito tempo, né? Então, inclusive hoje tem até as coisas dela, que o pessoal faz, né? Falam dela, né? Como foi a trajetória dela. Ela é lembrada, né? Sim, ela é bem lembrada, entendeu? Aí, então, é assim. E estou até hoje, estou aqui nessa escola, né? Eu agradeço muito a Deus por isso, né? Que a gente deve agradecer a Deus por tudo, né?

Pelo nosso trabalho, pelo nosso dia-a-dia, pela nossa família, né? E tô aqui até hoje. Tô de cabelo branquinho, mas tô aqui até hoje. Hoje em dia, o estudo tá complicado. O professor não tem acesso ao aluno, e ele não quer aprender. Tá horrível.

Olha, a juventude de hoje... Pra quem trabalha na educação – professor, secretaria –, eu vejo os jovens, no dia de hoje, que não querem nada com nada. Desde que surgiu o celular, ele tomou conta da mente deles. Jogos, joguinhos... O professor tá ali dando aula, e eles tão jogando. Como é que vai aprender? Não aprende nada.

Eu achei legal essa lei, só não sei como a escola vai se posicionar. O aluno não pode mais usar celular na sala de aula. E é verdade, o celular é o que mais tira a atenção dos jovens hoje. Mas também tem aqueles que têm problema em casa, muitos estão depressivos. Alguns vêm pra escola e até se cortam. Como é que a gente entende a mente dos jovens de hoje?

É complicado. Muito complicado.

Eu acho que a direção deveria fazer uma triagem. A escola precisava ter um apoio, um suporte de assistente social, e o psicólogo deveria vir pelo menos uma vez por semana. Porque a gente sozinho não dá conta.

Se o aluno tá assim, você não alcança. Não tem como. Pra trabalhar com os jovens de hoje, tem que ter muita sabedoria, paciência, e saber lidar com eles. Porque eles são rebeldes, não respeitam. E isso vem de casa. "Eu faço isso porque minha mãe é assim." Já chegam na escola desse jeito. Então, psicólogo tinha que ter sim. Porque muitos jovens precisam. Já teve caso de aluno que até quis tirar a própria vida.

Mas nessa muita luta teve muita sofrimento também, né? Claro que a tragédia...teve muitas situações que a gente prefere esquecer. Até apaga da minha mente, porque afeta o coração. Afeta o nosso sentimento, a nossa vida em tudo, penso dessa forma, né? As dores são ruins, mas elas servem pra fortalecer a gente. A gente era 14 filhos 3 já se foram agora são os 10. Meu trabalho foi esse, na educação. Eu não tenho uma outra profissão ainda, não experimentei, né? Sempre foi essa, né? Até onde Deus me conceder, né? Nesse trabalho. Mas tô aqui. Com lutas, mas a gente tá aqui pra vencer. Não pra desistir, sim pra conquistar, né? É a vida da gente é complicada.

As pessoas não entendem. A gente que veio de uma situação... Nós somos pobres. O tempo que a gente ocupa melhorando. A gente não faz mal. Não é humilhação. A gente está ocupando ali. Está pelo contrário fazendo bem. As pessoas que tem esse pensamento de que você está extrapolando a função, é aquela pessoa que é contra a vontade, né?
 Porque a gente já chegou a ficar aqui sem limpeza, né? Sem serviço geral, né? Então, eu saía da secretaria, eu ia varrer. Eu, mas a Lúcia, nós duas iam varrer. Ia lavar banheiro. E por isso... Ah, não vou porque eu sou do outro lado. Não, porque é isso. A gente tem que ser mais humilde, né? Eu penso dessa forma também. Lógico, porque tem um momento que você tem vários problemas, tá estressado com a vida fora da escola, e nesse momento mano, Deus fala e me toca que você vai...Eu vou, eu varro, eu lavo o banheiro. Se não tiver ninguém, eu vou, varro, lavo o banheiro. A gente tem que compreender o ser humano, tudo que você tem que esperar é o momento do ser humano (Leila, Manaus 23/11/2024).

Perceber Leila como sujeito histórico implica reconhecê-la como parte dos processos de migração, adaptação e transformação da periferia urbana. Sua trajetória evidencia as dinâmicas sociais que moldam o território, desde a saída da família da zona rural até sua inserção no mercado de trabalho e na estrutura educacional da cidade. Seu percurso reflete estratégias de resistência e apropriação do espaço, demonstrando como as experiências individuais dialogam com processos coletivos. Ao compartilhar suas memórias, Leila contribui para a construção de um imaginário urbano que não está nos mapas oficiais.

Lembranças de Gleika: A narrativa de Gleika complementa e amplia a de sua irmã Leila, revelando diferentes dimensões da experiência vivida na Comunidade Valparaíso. Os moradores mais jovens da comunidade carregam perspectivas que, embora enraizadas no território, escapam a determinismos rígidos. Diferente de alguns dos moradores mais antigos, cujas identidades são fortemente marcadas pela experiência da migração e pela luta concreta pela posse da terra, os mais jovens tiveram acesso a dinâmicas que ampliam suas possibilidades, como a educação formal, a mobilidade urbana e as redes digitais. Essas circunstâncias atenuantes fazem com que suas identidades sejam mais fluidas, transitando entre o pertencimento à comunidade e aspirações que ultrapassam seus limites geográficos. Se os mais velhos consolidaram suas vidas a partir da adaptação a um novo espaço, os mais jovens, inseridos em um contexto de transformações, negociam constantemente sua relação com o lugar (Candau, 2013).

Enquanto Leila resgata as cores e os cheiros de sua infância em Itacoatiara, Gleika já nasceu em Manaus e vivenciou a transição entre diferentes moradias até sua família se estabelecer no bairro. O relato de Gleika apresenta um olhar mais crítico sobre as mudanças

na comunidade, especialmente em relação à segurança, ao saneamento e à forma como a mídia constrói a imagem do local e de seus moradores.

Ela enfatiza as dificuldades enfrentadas, como a precariedade das condições de vida e o estigma associado à periferia, que se manifesta em piadas e preconceitos. O passado de maior solidariedade, em que vizinhos se ajudavam com água e materiais de construção, contrasta com o presente marcado pelo medo e pelo aumento da criminalidade. Essa percepção dialoga com a ideia de que a ocupação inicial do bairro era um espaço de luta coletiva, enquanto hoje os moradores enfrentam desafios que vão além da estrutura urbana, incluindo a violência simbólica e o descrédito social.

Outro ponto em sua narrativa é a crítica ao uso da religião como instrumento político. Diferente de Leila, que encontrou na fé um refúgio e um sentido para seguir adiante, Gleika questiona a instrumentalização da igreja e sua interferência nas eleições. Sua visão sobre política é de desconfiança, baseada na análise criteriosa das propostas e não na adesão a um partido específico. Essa postura reflete um posicionamento mais pragmático, cético em relação às promessas eleitorais e atento ao histórico dos candidatos.

Ambas as narrativas constroem um panorama rico da comunidade e de suas transformações. Leila resgata a memória afetiva e a trajetória de formação da identidade no bairro, enquanto Gleika traz um olhar mais contemporâneo, atento às dinâmicas sociais, políticas e religiosas que moldam o Valparaíso hoje. Se Leila expressa um sentimento de pertencimento consolidado, Gleika expõe os desafios que ainda precisam ser enfrentados para que esse pertencimento seja reconhecido e valorizado também por aqueles que olham de fora

Eu nasci em Manaus, a minha mãe tinha uma casa no Lírio do Vale, ela vendeu, só que ela não conseguiu comprar outra. Aí ela tornou morar alugado. Foi quando a minha irmã (Leila), que já morava aqui no bairro, no tempo da invasão, né? Tinha pegado um terreno. E a minha mãe também conseguiu, o prefeito no tempo, era o Alfredo Nascimento. Só que o da minha irmã, como já tava um barraco montado, e a minha mãe, pra sair do aluguel, veio morar na casa da minha irmã enquanto a casa dela ainda não tava pronta, né? Foi quando a gente veio pra cá, tinha uns 6 anos e eu vou te dizer assim, não foi tão alegre, mas também não foi tão triste. É alegre porque eu fui uma criança de brincar, né? Eu tinha a liberdade de brincar com as minhas irmãs também, né? Fui criança quieta... menina de igreja, cantei no coral Eu tenho muitas memórias dos meus irmãos. Mas triste pelo fato do pai, né? dele ser alcoólatra, né? Então aí a gente... Acaba que a nossa infância fica um pouco corrompida, né? Hoje sou amigada e tenho dois filhos, um casal. vivo junto, estudo. é... eu tô cursando agora o terceiro período em pedagogia. Atualmente eu só estou estudando mesmo. Tô em casa tomando conta das crianças, né? E estudando, fazendo faculdade. Tô fazendo essa graduação. Antes de morar no bairro, minha irmã às vezes ia me buscar, né? Porque ela tinha as filhas delas e ela ia me buscar lá onde eu morava no Lírio do vale pra passar às vezes o final de semana com ela. E já moravam aqui, era o que já tinha, né? Os lotes demarcados, uns vazios, outros ocupados.

Quando viemos pra cá, a estrada era de barro ainda, tinha bastante pé de cana nas beiras, tinha muita árvore, e que tinha que pegar água na cacimba, no poço também pra lá, mas também tinha muito mais solidariedade... Quando um precisava, principalmente nesse fato de buscar água, tinha gente que tinha mais idade e os mais novos iam buscar, encher, traziam pra eles. Uns faziam um carrinho de madeira, eu lembro que antigamente faziam bastante carrinho de madeira também, que transportava água, tijolo, areia, compras, eles faziam com peças que sobrava das oficinas e palete, e ajudava muito. Porque quando a minha mãe conseguiu, construir a casa dela. A gente terminou de se criar aqui, né? Eu vim pra cá, acho que eu tinha uns 06 anos de idade.

Ela também, por ser professora, veio trabalhar aqui também na comunidade. Trabalhava no antigo Chapéu de Palha, lá no antigo Nossa Senhora do Rosário. E acabou que eu cresci e acabei formando família também aqui, No Valparaíso. Antigamente a gente podia dormir de porta aberta. Hoje em dia, tu for dormir de porta aberta, tu acorda até sem roupa. E ficou muito, muito precário mesmo. É triste, porque a gente se criou aqui, né? A gente conhece as pessoas antigas, a gente conhece os que estão chegando agora, mas por causa dessa criminalidade que tem aumentado muito aqui, talvez as pessoas só procuraram ver por esse lado. Elas não procuram saber que aqui mora gente de bem, mora criança, mora idoso. Moram professores, moram médicos, moram enfermeiros, moram até advogados. Mas pra eles, por conta talvez até da muita exposição à mídia, eles acreditam que só moram pessoas ruins, só moram assaltantes, só moram assassinos, ladrões. É isso, e acaba que entristece a gente, porque às vezes a gente deixa até de ser reconhecido por alguns feitos por conta disso. É até engraçado a maneira que tratam quando falo que sou daqui, tirando a gente com piadinhas... Me rouba logo. Ah, ela mora lá no malparaíso. Ixi, me rouba logo. A gente sofre muito bullying em relação a isso. Claro que se olhassem pra cá com mais atenção, principalmente, ao que mais afeta a gente hoje em dia. A saúde, a segurança, o saneamento, porque aqui ainda muitas pessoas moram, aqui tem muita igarapés, tem muitas pessoas que moram ao redor desses igarapés que estão todos poluídos... Tempo de chuva. Elas são as que mais sofrem. Muita gente conhecida, gente que é trabalhadora, que trabalha nas hortas, outras trabalham nas escolas, e acabam que são muito prejudicadas também por isso. Então eu acho que se o poder público tivesse um olhar mais carinhoso, não só em tempo de eleição, de chegar aqui e pedir o voto, mas oferecer sim a, vamos dizer assim, ganhar mesmo a confiança da pessoa que confiou nele também ali no seu voto.

Poxa, essas comunidades me abraçaram, então o que eu posso fazer para melhorar ela? Para fazer com que agradeça esses votos que eu ganhei? Porque tem muitos aqui, muitos dentro do bairro já se candidataram, mas eles não conseguem, porque os outros vem de fora, promete, promete, às vezes compra o voto do povo e acaba que ele leva esses votos e não traz o retorno que a comunidade precisa. E olha que não sou de esquerda ou de direita, não sou nem de um, nem sou de outro, porque eu estudo muito, muito mesmo proposta. Eu vou lá no histórico, o que que fez, o que que não fez, o que que pode fazer, para ver se vai valer a pena mesmo votar ali naquela pessoa. Não tem um partido certo, mas uma coisa que eu acho muito errado é política na igreja, porque estão deixando de lado, tem gente que está até deixando de lado a sua santidade, se vendendo praticamente e levando assim, porque muitos pastores, principalmente, que eu já vi nas igrejas, eles praticamente tem uns que obrigam os fiéis a votar no candidato dele para benefício próprio e fala que é para benefício da igreja, só que não é benefício da igreja. Então, como eu vi, eu fui mesária na eleição e eu vi muitos comentários, uns chegavam que eram da mesma igreja e falavam assim, olha, não vai esquecer do que o pastor falou, não vai votar ao contrário. Muita fake news também. Então, assim, eu acredito que Deus é uma coisa muito séria. Deus, ele não é para ser levado em uma brincadeira. O altar da igreja, ele é santo, ele é sagrado, ele não é para ser usado para pedir voto, para oferecer dinheiro, para vender, para comprar a fé, praticamente estão comprando a fé do povo.

O povo, ele vai para a igreja com fé e acreditar naquilo que ele quer. Ele quer ser curado, ele quer que Deus abra uma porta, ele quer que Deus abençoe quem guarda. Aí muitos pastores estão fazendo o quê? Mas para você ter sua benção, tem que fazer isso aqui, tem que encaminhar no jeito que eu estou te falando... Então, para mim, esses são até considerados falsos profetas, porque talvez muitos deles podem até ler a Bíblia, como a gente vê por aí, Mas não é só ler a Bíblia, ser cristão não é só ler a Bíblia, ele tem que viver aquilo que ele prega. Se ele pregar uma coisa na igreja, então ele não tem que ser só pastor dentro da igreja, ele tem que ser pastor lá na rua, ele tem que ser pastor lá na casa dele, entendeu? Ele tem que ser pastor onde quer que ele seja, ele tem que ter aquela postura de pastor, de cristão, não só dentro da igreja, não só ali para ganhar oferta do povo, dizimo, eu acredito muito nisso (D. Gleika, Manaus, 27/11/2024).

A fala de Gleika a ressoa com essa dualidade apontada por Gramsci(2011). Se, por um lado, a escola pode reforçar a hegemonia ao reproduzir valores e perspectivas dominantes, por outro, também pode se tornar um espaço de conscientização e ruptura. Para aqueles que percebem a educação como ferramenta de transformação, o conhecimento não é apenas um meio de ascensão individual, mas um instrumento de questionamento das estruturas que moldam a vida na periferia.

É preciso destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia é algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. É preciso, portanto, demonstrar preliminarmente que todos os homens são 'filósofos', definindo os limites e as características desta 'filosofia espontânea', peculiar a 'todo o mundo', isto é, da filosofia que está contida: 1. na própria linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2. no senso comum e no bom senso; 3. na religião popular e, conseqüentemente, em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de agir que se manifestam naquilo que geralmente se conhece por folclore (Gramsci, 2011, p. 93).

Enquanto muitos ao seu redor se concentram na sobrevivência imediata, Leila enxerga na educação a possibilidade de romper com ciclos de exclusão e ampliar horizontes, demonstrando que, mesmo dentro de um sistema marcado por desigualdades, há brechas para a emancipação e para a construção de novas narrativas.

A reprodução do discurso educacional, mesmo dentro de um sistema que pode reforçar a hegemonia, também oferece benefícios ao possibilitar a construção de identidades e pertencimentos, como apontado por (Goffman, 1984). No contexto interacionista, a escola e outros espaços de socialização funcionam como palcos onde os indivíduos representam papéis, negociam significados e constroem suas identidades a partir das interações diárias. Para Gleika, essa dinâmica permite que sua busca por ensino e esclarecimento seja legitimada e compartilhada, criando redes de apoio e reconhecimento dentro da comunidade. Ao

interpretar e ressignificar os discursos educacionais, ela não apenas absorve conhecimento, mas também participa ativamente da sua circulação, influenciando outros a enxergarem a educação como um caminho possível. Assim, mesmo dentro das limitações impostas pelas estruturas sociais, há brechas para a agência individual e coletiva, onde a repetição de certos discursos pode, paradoxalmente, abrir caminhos para novas formas de resistência e transformação.

3.2 Identidades e espacialidades urbanas: Trajetórias que definem os caminhos

Lembranças de Edson: As trajetórias individuais, entrelaçadas às dinâmicas sociais, revelam o campo de possibilidades próprio à sociedade complexa moderna. Como aponta Velho (1989), em determinados espaços e períodos, cruzam-se diferentes caminhos e experiências, formando novas redes e significados. No caso de Edson, sua migração do interior para Manaus evidencia os percursos diversos que compõem a periferia urbana: a herança nordestina, o trabalho árduo, a religiosidade e as estratégias de adaptação. A persistência em certos hábitos – como a maneira de preparar o peixe ou a resistência ao trabalho na horta – reflete tanto a continuidade das raízes quanto a necessidade de negociação constante com o ambiente urbano. Suas experiências, desde o esforço no EJA até a rotina no setor de materiais de construção, ilustram como esses cruzamentos socioculturais não apenas ampliam horizontes, mas também tensionam identidades e pertencimentos, compondo o mosaico das periferias amazônicas.

Edson veio de Beruri, onde morava com sua família na comunidade do Arumã, de família descendente de nordestinos que fugiam da seca e tornaram-se soldados da borracha. Saiu jovem do interior, assembleianos, vieram casados para Manaus, mas separou, a mulher tomou gosto pelas festas, só ele ficou congregando, já faz mais de 20 anos que está em Manaus, e não consegue comer peixe diferente do modo que aprendeu no lugar de origem, salgado no dia anterior, não seco e desidratado, depois é só lavar com limão e preparar como quiser. Chegou a trabalhar na horta, mas na empeleita paga pouco diz ele, e a diária não compensava o tanto que o sol queimava muito a pele, segundo dizia. Até pouco tempo desafiava o trânsito, os buracos das pistas, Alarico Furtado, Abóbora do mato, Japará, Verbaco, Paranacaxi, Serpão, Pau-Ferro, Rinchão, fazendo entrega dos pedidos do material de construção em que trabalha, num carrinho de mão. O chato eram as ladeiras, tanto pra subir,

quanto pra descer, correndo perigo de perder a carga numa queda, tijolo, areia, cimento. Agora já dirige uma moto carga, ficou melhor. Coursou o EJA noturno, participou de projetos na Escola, que continuou até o final, cansado e resiliente descrevia nos diálogos da aula, sua relação com o cotidiano e seu trânsito naquele tecido social urbano, a fala de Edson reflete as desigualdades estruturais que Jessé Souza aponta ao discutir a lógica da meritocracia.

A legitimação do mundo moderno como mundo “justo” está fundamentada na “meritocracia”, ou seja, na crença de que superamos as barreiras de sangue e nascimento das sociedades pré-modernas e que hoje só se leva em conta o “desempenho diferencial” dos indivíduos. Afinal, se alguém é 50 vezes mais produtivo e esforçado que outro, nada mais natural e “justo” que também tenha um salário 50 vezes maior e 50 vezes mais prestígio e reconhecimento. Todas as instituições modernas tomam parte nesse teatro da legitimação da dominação especificamente moderna (Souza, 2013, p. 22).

O crescimento econômico da rua Alarico Furtado, que passou de pequenas tabernas a um polo comercial, exemplifica como o acesso ao capital determina quem prospera e quem se submete às regras do mercado. A metáfora da rua como os igarapés do interior evidencia a adaptação ao novo meio urbano, mas também a manutenção da estratificação social: quem tem dinheiro constrói, quem não tem trabalha. A busca por reconhecimento e pertencimento se manifesta na religiosidade e na mudança de hábitos, revelando como, mesmo dentro de um sistema desigual, há resistência e reconfiguração de trajetórias individuais.

Em suas falas, era possível perceber como construía um sentido de identidade a partir das interações cotidianas com colegas de trabalho, vizinhos, comerciantes e os professores do EJA, se movia entre diferentes papéis sociais, construindo e reconstruindo sua posição dentro do bairro e da cidade, transitando entre a marginalidade econômica e a tentativa de protagonismo em sua própria história.

A rua principal é rua comercial, aliás professor, toda rua principal, em todos os bairros de Manaus é a principal né. A rua Alarico Furtado que é a principal daqui começou com casinha, taberna, bar, depois organizou e tá tudo grande, na alvenaria. Supermercado, restaurante, material de construção, pode ver. Quem tem dinheiro constrói suas empresas, comércio e quem não tem trabalha pra eles, já me acostumei nesse sistema, mas tenho a lembrança do interior, meus costume eu não deixo do peixe salgado, pupunha e café...(quando dá, na maioria das vezes compro o mais barato), a tapioca e me embalar na rede, com o celular na mão, risos... Eu comparo a rua com os igarapés né, daqueles muitos no aníngal que a gente cruza quando vai pescar, é parecido e quem não conhece se perde, mas depois que acostuma, acha o caminho até de noite. Aqui em Manaus não só no Valparaíso, é mais perigoso à noite que no mato, as ruas são escuras e ao contrário do breu do mato que a luz da lanterna espanta o bicho, aqui a luz (do celular) tem que ficar apagada, porque atrai o ladrão, então os moradores preferem ficar em casa, a maior parte de pai de família e trabalhador, se encontram na igreja ou na feira, supermercado, no trabalho.

Tanto lá como aqui, continuo pobre (sorri), mas já consegui minha moto, e estou construindo no meu terreno, Deus abençoa quem ora e jejua professor. Nunca fui de beber, meu pai gostava de pinga, eu não, não consigo nem sentir o cheiro. O Aramã é muito bonito, foi bom viver lá, aqui tem mais trabalho, continuei o estudo. A vida do pobre é diferente da do rico, mas a inteligência é a mesma.

Antes, pra mim só tinha o bar, que era onde encontrava os amigos, vizinhos, ali no seu João, a gente cria um vício professor, o álcool é amigo do diabo, leva a todo tipo de pensamento do mal, eu não conseguia me libertar, por que não achava que era ruim aquela bagunça e as conversas que não se tirava proveito nenhum, tinha é muita briga no final, mas eu ia, todo sábado era sagrado o dominó com o seu Antônio, da horta, o leivinha, pé inchado, dizia que era marítimo aposentado e o outros por aí, falando de futebol, pornografia, e ouvindo de tudo, Guto lima, Leninha do bolero, Nunes filho, Raul Seixas. Perdia muito tempo nisso né, era muito influenciado pela televisão, internet. Sou da igreja onde louvo a Deus e aprendo o evangelho de Cristo (Edson, Manaus, comunidade Valparaíso, 11/2024).

Edson faz das ruas seu espaço vivido, um território em constante negociação entre o trabalho, a memória e o pertencimento. No vai e vem das entregas, ele desenha seu próprio mapa mental da cidade, feito de atalhos, subidas difíceis, esquinas perigosas e pontos de descanso. Seu conhecimento sobre o bairro não vem de mapas oficiais ou do planejamento urbano, mas da experiência diária de quem sente no corpo as exigências do espaço.

As ruas são seu meio de vida, mas também seu lugar de interação social. Entre uma entrega e outra, ele troca palavras com comerciantes, observa os novos empreendimentos surgindo, percebe as mudanças no fluxo de pessoas e os efeitos do tempo sobre as construções. Ele vê a cidade crescer, mas também percebe as desigualdades se aprofundando—os grandes estabelecimentos prosperam, enquanto muitos continuam lutando para garantir o sustento diário.

Se antes seu caminhar era moldado pelo ritmo pesado do carrinho de mão, agora a moto carga lhe dá outra perspectiva: a cidade se move mais rápido, mas a precariedade do trabalho permanece. As ladeiras continuam desafiadoras, o trânsito caótico impõe novos riscos, e a sensação de cansaço ao fim do dia é a mesma. Ainda assim, Edson se vê parte desse espaço, moldado por ele tanto quanto o transforma. Seu cotidiano urbano, feito de trajetos repetidos e improvisações necessárias, mostra que viver a cidade é também reinventá-la a cada dia. A comida é um elo com suas origens: o peixe salgado de véspera, a pupunha acompanhada de café e a tapioca no café da manhã, Edson adapta seus costumes às exigências da cidade, equilibrando tradição e mudança em um cotidiano urbano que valoriza a praticidade e redefine necessidades.

Nos costumes. E isso é sobretudo o que estabelece a distinção entre o “pré-industrial” ou “tradicional” e o mundo moderno. As gerações sucessivas já não se colocam em posição de aprendizes umas das outras. Se precisamos de uma apologia

utilitária para nossa investigação histórica sobre os costumes (penso que não é o caso), ela pode ser encontrada no fato de que essa transformação, essa remodelagem da “necessidade” e essa elevação do limiar das expectativas materiais (juntamente com a desvalorização das satisfações culturais tradicionais), prossegue hoje com pressão irresistível, acelerada em toda parte pelos meios de comunicação universalmente disponíveis (Thompson, 2005, p. 23).

Os costumes de Edson podem ser compreendidos a partir da perspectiva de Edward P. Thompson, que vê a cultura e os modos de vida como construções históricas moldadas por experiências coletivas e relações sociais. Thompson destaca que os costumes são elementos ativos na organização da vida cotidiana, na resistência e na adaptação às mudanças. Essas escolhas, provêm de hábitos e costumes, de outro tempo, mas uma forma de manter viva a memória da família e do lugar de onde veio, e que aos poucos vai sendo substituído pela praticidade do pão, o encarecimento dos produtos regionais, a falta de tempo para marinar o peixe ou dinheiro para comprar na seca ou piracema, logo são substituído pelo conjunto de embutidos nas tabernas, os kits composto por salsicha, calabresa, ovos, conserva, sardinha e outros enlatados. A transformação dos hábitos alimentares de Edson não ocorre de forma isolada, mas reflete um processo mais amplo de mudanças nos modos de vida. O que antes era aprendido e transmitido entre gerações, como a preparação cuidadosa do peixe ou a valorização dos produtos regionais, cede espaço à praticidade imposta pelo ritmo da cidade e pelas novas demandas econômicas. A substituição gradual dos alimentos tradicionais pelos produtos industrializados revela não apenas uma mudança na dieta, mas um deslocamento mais profundo na relação com o tempo, o trabalho e as condições de sobrevivência, marcando a transição entre formas herdadas de existência e as exigências da modernidade.

A trajetória de Patrícia ilustra como os projetos individuais se entrelaçam com dinâmicas mais amplas, conforme aponta Velho. A interação com o novo ambiente levou à ressignificações, evidenciando como os indivíduos transitam entre diferentes referências culturais e sociais, reinterpretando desafios e pertencimentos de acordo com o contexto em que se inserem.

Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios. Suas pertinência e relevância serão definidas contextualmente. (Velho, 1984, p.24)

Lembranças de Patrícia: A trajetória de Patrícia exemplifica essa dinâmica. Sua chegada a Manaus, em meio à expansão periférica da cidade nos anos 1990, não foi apenas uma decisão

peçoal, mas parte de um movimento mais amplo de migração e ocupação urbana. A falta de oportunidades e a precariedade estrutural de muitas regiões do país impulsionaram essa mudança. No entanto, ao interagir com a nova comunidade, Patrícia começou a atribuir novos significados à sua vivência na cidade, redefinindo sua identidade a partir das relações que estabeleceu e das experiências que foi vivenciando. Sua adaptação não se deu de forma isolada, mas através de um constante processo de troca e reinterpretação das condições e desafios da vida urbana, marcados por suas interações cotidianas e pelas percepções que construiu do lugar onde passou a viver, em um cenário mais amplo, onde a periferia se desenvolvia sem planejamento e com infraestrutura precária, muitas vezes condicionada a interesses políticos. Suas memórias, fragmentadas entre recordações de sua cidade natal e a vivência na periferia manauara, refletem o modo como as experiências individuais dialogam com processos históricos coletivos, revelando tanto os desafios enfrentados quanto as estratégias de pertencimento e reconstrução da identidade.

Patrícia chegou a Manaus em 1993, em um contexto de expansão urbana para as áreas periféricas. Em 1989, Arthur Neto havia inaugurado o bairro Jorge Teixeira, impulsionando ocupações espontâneas que dariam origem à comunidade Valparaíso. No entanto, enquanto o crescimento populacional avançava, a política urbana priorizava investimentos no centro e em áreas estratégicas da cidade, relegando a periferia a uma condição de marginalidade. Sob as gestões de Gilberto Mestrinho e Amazonino Mendes, a ocupação dessas áreas se desenvolvia de forma desordenada, sem planejamento e com infraestrutura mínima, frequentemente vinculada a interesses eleitorais e práticas clientelistas.

A conjuntura nacional agravava essa realidade. O Brasil enfrentava uma grave crise econômica, marcada pela hiperinflação e pelo impeachment de Fernando Collor, o que aprofundava a vulnerabilidade das populações mais pobres. Em Manaus, esse cenário reforçava a precariedade das novas ocupações, onde os moradores, sem acesso a crédito ou políticas habitacionais estruturadas, erguiam suas casas por meio da autoconstrução, lidando com a falta de saneamento, transporte e serviços essenciais.

O crescimento dos bairros era impulsionado mais pela necessidade dos próprios moradores do que por ações governamentais, perpetuando um modelo de urbanização excludente, aonde a infraestrutura chegava de maneira fragmentada e às vezes condicionada a interesses políticos temporários. Saiu ainda criança de Benjamin Constant, na região da tríplice fronteira entre o Peru e Colômbia, lembra que seu pai fazia as compras do mês na cidade de Letícia, mais barato.

O desenraizamento é uma condição desagregadora da memória: sua causa é o predomínio das relações de dinheiro sobre outros vínculos sociais. Ter um passado, eis outro direito da pessoa que deriva de seu enraizamento. Entre as famílias mais pobres a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças (Bosi, 1987, p.362).

Existe um hiato na sua fala entre sua saída da cidade e a constituição da família, é marcado por um esquecimento seletivo. Nem tudo fica gravado ou registrado, fica o que significa, o que representa. (Pollack, 1992, p. 203). Nesse intervalo de tempo, há lacunas sobre as dificuldades enfrentadas, os desafios da adaptação e as experiências vividas entre a infância e a fase adulta. O silêncio sobre esse período pode ser interpretado como um mecanismo de ressignificação da memória, onde apenas os marcos essenciais da trajetória permanecem na narrativa. A lembrança da infância em Benjamin Constant surge de forma afetiva, destacando os aspectos positivos da vida ao lado da família, o contato com a natureza e as atividades de subsistência, como a pesca e a extração da seringa.

O deslocamento para Manaus não é detalhado em sua complexidade, tampouco as dificuldades enfrentadas no novo contexto urbano. A adaptação ao ritmo da cidade, as primeiras experiências de trabalho e os desafios de uma criança inserida nesse novo ambiente permanecem nas entrelinhas, subentendidos como parte de um processo que culminou na construção da família e na permanência na comunidade.

Vim de Bejamim Constant. Bejamim Constant, na fronteira, né? Isso. Nove anos. Nove anos de idade. Minha infância era boa lá. Lá a gente vivia, tipo, de pé. Pesca. Pesca, é? Pesca. E meus pais cortavam seringa, entendeu? Então, meu pai era pescador e seringueiro e, na época da madeira, ele cortava madeira pra gente poder sobreviver e fazer a roça, essas coisas, assim. Ai, por que eu vim pra cá? Uma pergunta bem... Não, eu vim com uma colega minha. Porque eu queria ter outra vida, sei lá, queria trabalhar. Nove anos. Eu queria trabalhar, eu sempre trabalhei. Então, eu queria trabalhar e lá não tinha esse negócio de emprego, entendeu? A nossa vida era só negócio de roça, essas coisas. Aí eu vim pro Manaus, com nove anos. E tô aqui até hoje. Cheguei, arrumei trabalho, comecei a trabalhar e construí minha família e tô aqui, pá. Meus pais nunca me deram nada de coisa, assim, ruim. Eu acho que o caráter da pessoa, que eu tenho meu caráter, graças a Deus. Entendeu? Os antigos eram mais sérios que os pais de hoje. Com certeza. Ser honesta com as pessoas. Não mexer em nada de ninguém. Sempre querer só o que é meu, não o que é dos outros. Saber respeitar as pessoas. Porque isso é muito importante. E ensinar, ele ensinou a gente sempre a trabalhar. Nunca ter nada fácil. Porque nada que é fácil não é bom. Então a gente tem que conquistar as coisas com o nosso

objetivo mesmo, com o nosso trabalho. A festa ia, né? Eu vou no bar, gostava de tomar uma cervejinha. Normal. Porque isso toma muito do tempo e isso é o remédio. Ah, porque o cara bebe lá todo final de semana. Mano, a gente bebe pra desestressar. Verdade. Não tem outra saída. Tipo assim, eu trabalhei até meus 11 anos. Eu trabalhava mesmo, não saía. Mas depois dos meus 11, aí eu trabalhava. Os domingos eu saía, eu ia curtir minha vida. Entendeu? Ia pra praia, ia pra festa. Bebia, dançava, me divertia, ultimamente eu trabalhava viajando. Negócio de cozinheira, entendeu? Mas agora, no momento, eu tô desempregada. Eu morava no Mutirão. Aí eu tenho uma amiga que ela tinha uma casa no Mutirão. Só que ela tinha um sítio pra cá. Aí chegou um dia, ela foi lá, ela falou pra mim que eu invadi aqui, né? Aí ela falou, tu vai amanhã eu venho te buscar. Eu falei, não, eu vou é hoje com você. Aí ela, tá bom, então vamos. Quando a gente chegou, já tava invadindo.

Entendeu? Então, pela sorte e pela graça de Deus, cheguei no dia certo. Tirei esse terreno que eu construí minha casa. Na tora mesmo, que nesse tempo a gente não fiz parte disso aí. Esse terreno que a gente mora, foi a gente mesmo que invadimos e cada um pegou seu pedacinho. Eu não tinha negócio de dizer assim, não, tem pulando, tomando a frente. Não. Olha, um lado tá melhor, lógico, né? Com as farras, tá tudo organizado, tudo bem. Só que já por outros, tá pior. Porque antes a gente tinha paz, antes a gente subia, descia esse Valparaíso a hora que fosse, Ninguém mexia contigo, tu podia ficar na frente da tua casa até a hora que tu quisesse, com teu celular na mão. Hoje a gente não tem mais essa privacidade ... Por exemplo, de uma comunidade no Rio de Janeiro, né? Na favela ninguém rouba, ninguém rouba trabalhador, ninguém rouba pobre. O cara sai de lá pra ir pra um bairro de gente rica...No início eu não tinha casa e eu pagava aluguel. E como? Eu tirava o meu pedaço de terra, fazia na minha casinha, eu ia ficar livre do aluguel, como eu fiquei. Entendeu? Então, eu optei por vir pra cá e não pagar mais aluguel. Aqui eu me dou com todo mundo. Eu não tenho problema com ninguém. Entendeu? É tipo assim, onde eu passo, todo mundo fala comigo. Todo mundo, tipo, gosta de mim. Os que não gostam, pelo menos fingem, né? Mas, na minha frente, existem os que gostam. Que isso é normal. Mas, eu não tenho problema com ninguém, entendeu? É 27 anos meu bem, que ivo aqui. Graças a Deus. Nunca tive problema algum com ninguém. Os outros tem bastante preconceito com a gente, até nas lotação mesmo, já cheguei a discutir com as pessoas. A gente pega uma lotação que vem para João Paulo, aí João Paulo, Valparaíso. Aí, quando chega ali, o cara fala assim, vocês vão para o Valparaíso? Aí vai, tu é doido? Não, não, deixa eu descer. Eu falo, mano, qual é o teu problema? Por que tu não quer ir no Valparaíso? Você quer dizer que quem mora no Valparaíso não é gente? Vocês têm que ter medo de estar no João Paulo, não lá no Valparaíso. Ou eu falo, eu discuto mesmo, não tem essa não. É que as pessoas têm que distinguir quem é o morador e quem é o bandido. Porque o bandido ele tem no bairro pobre e no bairro rico. Mas a polícia não dá conta. A gente não tem um posto policial, não tem segurança de nada aqui. Quem faz a segurança da gente, é a gente mesmo. Porque se for contar com polícia, tu morre e a polícia não chega, também a questão da guerra de facção que é muito violenta também, infelizmente, ninguém pode controlar, é normal, né? A gente não pode controlar.

Mas a situação da saúde aqui é péssima, situação muito péssima, entendeu? até mesmo porque a gente não tem um posto médico na comunidade. Tem a casinha ali, mas ele não, jamais ele atende a gente. Eles não atendem, que falam que a gente é fora de área. Entendeu? Então isso eu não acho justo, parece um desprezo, preconceito mesmo contra o pobre, porque se eles não tivessem preconceito, eles faziam igual nos outros bairros. Tipo, o poder público, eles falam do lado rico, eles nunca vão para o lado mais pobre, entendeu? Por isso que existe tanta coisa nesse mundo, tantas vezes crianças passando fome, necessidade, essas coisas. A gente morrendo sem poder ser atendido em um posto. Por quê? Por causa do poder público. Agora vai um rico lá, na hora fura fila, fura tudo, passa na frente e já era. É

por isso que quando eles vêm, políticos para cá, avoam um monte de gente, prometendo aquelas mentiras todas. Se bem que hoje em dia eu acho que ninguém mais acredita, nem o próprio político. Eles acham que estão enganando o povo, o povo está enganando eles. Entendeu? Porque, tipo, tem certeza que o povo vai votar neles, que eles pensam que o povo ainda é besta. Mas é quando eles se enganam, que o povo vai lá e vota no outro. É tanto que quantos e quantos agora não ganharam política? Né? E quantos perderam? Quantos acharam que iam ficar sempre... Juravam de pé junto que iam ganhar e não ganharam. Por quê? Porque o povo já está cansado de ser enganado. Eles acham que ele engana o povo, mas o povo está meio difícil de ser enganado agora ultimamente (Patrícia, Manaus, 22/10/2024)

A migração para os centros urbanos não é apenas um deslocamento geográfico, mas uma imposição social que empurra os mais pobres para espaços de precariedade e exclusão. Sob a ótica da ralé brasileira de Jessé Souza, esse processo revela a continuidade de uma estrutura social que mantém camadas inteiras da população à margem da cidadania plena. A inserção na cidade não se dá em condições de igualdade, mas sim dentro de um sistema que relega os migrantes às periferias, à informalidade e à luta diária pela sobrevivência.

As histórias de vida desses sujeitos evidenciam não apenas a adaptação a novas formas de sociabilidade e trabalho, mas também a violência simbólica que os impede de acessar direitos básicos. Os valores e práticas herdados de suas origens ribeirinhas são ressignificados em um contexto urbano que, ao invés de acolhê-los, impõe barreiras sociais e institucionais. A identidade ribeirinha se transforma diante da necessidade de inserção na cidade, mas as desigualdades persistem, restringindo suas possibilidades de mobilidade social.

No caso de Patrícia, sua trajetória ilustra as contradições desse processo. Vinda de Benjamin Constant ainda na infância, ela se depara com uma cidade que não oferece oportunidades reais de ascensão. Sua luta por moradia reflete a lógica das ocupações urbanas, onde os marginalizados constroem com suas próprias mãos aquilo que o Estado lhes nega. A insegurança, a falta de infraestrutura e o preconceito tornam-se elementos constitutivos de sua vivência, reforçando a distância entre os que podem e os que devem lutar diariamente por um lugar na cidade.

A fala de Patrícia, mostra a desigualdade estrutural que organiza a cidade brasileira, onde os investimentos públicos privilegiam as elites enquanto a ralé enfrenta a precariedade dos serviços básicos. A ausência do Estado é sentida na segurança, na saúde e no transporte, deixando a comunidade à mercê da própria sorte. A criminalização da pobreza se manifesta no estigma que recai sobre territórios periféricos como Valparaíso, onde a luta cotidiana é desqualificada e reduzida a discursos moralizantes sobre mérito e esforço individual.

Apesar das adversidades, é uma trajetória de resistência, onde o trabalho aparece como elemento central na construção de uma identidade forjada na luta. Contudo, sob a estrutura

desigual da sociedade brasileira, sua mobilidade social é limitada, reforçando a permanência das hierarquias e a naturalização da exclusão. Esses estudos permitem, conforme Souza (2013) compreender essas dinâmicas a partir da perspectiva dos próprios sujeitos, trazendo à tona narrativas que desmontam a visão romantizada da ascensão social e evidenciam os mecanismos que mantêm a ralé brasileira em seu lugar (Souza, 2013, p.22).

São memórias ressentidas também, de quem percebeu organicamente o jogo de poder que rege as transformações do espaço e as relações sociais na comunidade. Experiências marcadas por deslocamentos, disputas e reinvenções, onde a vivência cotidiana se choca com as imposições externas. As histórias narradas não apenas resgatam a trajetória pessoal de cada sujeito, mas também expõem os mecanismos que determinam quem pode ficar, quem precisa partir e como se dão as negociações silenciosas entre pertencimento e exclusão. As narrativas como a de Patrícia são essenciais para entender a constituição da comunidade, pois nelas residem não apenas os desafios enfrentados, mas também os valores que sustentam a luta cotidiana.

A sua história de vida reflete esse processo, carregando consigo as marcas de uma infância vivida em Benjamin Constant, no Alto Solimões, na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru. Desde cedo, sua existência foi atravessada por um cotidiano de trabalho e subsistência, entre a pesca, a extração da seringa e a agricultura de roça, atividades que estruturavam a economia familiar e davam forma ao seu pertencimento ao território.

O desejo de mudança e a busca por uma nova vida a trouxeram a Manaus ainda na infância. Aos nove anos, guiada pelo impulso de trabalhar e construir um futuro diferente, ela rompeu com a paisagem fluvial de sua origem para se inserir na urbanidade da capital. Essa transição não significou o apagamento de sua identidade ribeirinha, mas um processo de resignificação, onde suas experiências e valores adquiridos na floresta se confrontaram com a dinâmica acelerada da cidade.

O espaço urbano, no entanto, não se apresentou como um território de acolhimento imediato. Foi necessário criar estratégias de adaptação, encontrar formas de sobrevivência e disputar espaços dentro das novas estruturas sociais. A ocupação do território foi um desses processos. A entrevistada relata a chegada ao Valparaíso e a conquista de sua casa, inicialmente por meio de uma invasão, depois consolidada como moradia permanente. Sua experiência ilustra a lógica da ocupação urbana, em que migrantes e trabalhadores precarizados constroem, com suas mãos, o direito à cidade.

A vivência em Valparaíso, ao longo de 27 anos, revela tanto os laços comunitários quanto os desafios impostos pela marginalização do território. A memória da segurança e da tranquilidade de outrora contrasta com o presente marcado pela violência, pela precariedade dos serviços públicos e pelo estigma social atribuído à comunidade. O olhar externo, carregado de preconceitos, constrói Valparaíso como um espaço de exclusão, ignorando a complexidade de seus moradores, além dos estereótipos.

Esses relatos expõem a dura realidade enfrentada por muitos moradores da periferia, onde a ausência do Estado se manifesta na falta de segurança, saúde e infraestrutura. A necessidade de autodefesa reflete a ineficiência das políticas públicas, enquanto a desigualdade no acesso a serviços básicos reforça a percepção de que o poder público privilegia determinadas áreas em detrimento de outras. O sentimento de abandono se mistura à descrença política, onde promessas eleitorais não se traduzem em mudanças concretas. Assim, a comunidade se organiza como pode, lidando com um cotidiano marcado por desafios e resistências.

3.3 Memórias da resistência e as narrativas populares

No estudo desses casos, espero que a cultura plebeia tenha se tornado um conceito mais concreto e utilizável, não mais situado no ambiente dos significados, atitudes, valores, mais localizado dentro de um equilíbrio particular de relações sociais, um ambiente de trabalho de exploração e resistência à exploração, de relações de poder mascaradas pelos ritos do paternalismos e deferências... (Thompson, 1998, p. 17).

No espaço urbano, essas dinâmicas se intensificam: o direito à cidade é disputado, enquanto mecanismos simbólicos e materiais delimitam acessos e oportunidades. Assim, a experiência de Elisvalda, que faz parte da comunidade Valparaíso e compartilhou os momentos da ocupação e o desenrolar no tecido social na comunidade, na luta por reconhecimento e pertencimento, sua vivência na demonstra como a deferência e o paternalismo mascaram relações de poder, e também evidencia como os moradores da periferia reinterpretem suas condições de vida dentro das margens da estrutura social.

Inseridas num contexto cultural que se equilibra, atravessado por barreiras que definem os critérios de separação, entre o acesso e a exclusão, a permanência e o deslocamento, a visibilidade e a marginalização. Na Comunidade Valparaíso, como em tantas outras periferias urbanas, esses limites não são apenas geográficos, mas também sociais e simbólicos,

onde subvertem a ordem e desenvolvem estratégias para afirmar sua presença e garantir suas condições de vida.

Nas sociedades onde predominam as ideologias individualistas, a noção de biografia, por conseguinte, é fundamental. A trajetória do indivíduo passa a ter um significado crucial como elemento não mais contido mas constituidor da sociedade. É a progressiva ascensão do indivíduo psicológico, que passa a ser a medida de todas as coisas. Nesse sentido a *memória* desse indivíduo é que se torna socialmente mais relevante. Suas experiências pessoais, seus amores, desejos, sofrimentos, decepções, frustrações, traumas, triunfos etc. são os marcos que indicam o sentido de sua singularidade enquanto indivíduo, que é constantemente enfatizada (Velho, 1994, p. 257).

Lembranças de Elisvalda: As narrativas da Comunidade Valparaíso refletem a experiência de uma moradora cuja trajetória, marcada por desafios e estratégias de adaptação, evidencia como a chegada de novos moradores transforma o espaço urbano e as relações sociais. Nessas sociedades onde predominam ideologias individualistas, a biografia do indivíduo assume um papel central, tornando sua memória socialmente relevante (Velho, 1994). Suas vivências – amores, frustrações, triunfos e desafios – estruturam não apenas sua identidade, mas também a memória coletiva da comunidade, filtrando episódios difíceis enquanto reafirmam conquistas. Nesse processo, o cotidiano se torna um campo de reinvenção, onde práticas como o trabalho informal, a horta e as redes de solidariedade fortalecem a apropriação do espaço urbano e a autonomia dos moradores. Jessé Souza (2013) aponta como a adaptação se torna uma exigência para os trabalhadores desqualificados no Brasil, especialmente em um mercado de trabalho cada vez mais flexível e excludente. A necessidade de desenvolver habilidades informais e um comportamento maleável não é um privilégio estratégico, mas uma imposição para garantir a própria subsistência. O que poderia ser visto como astúcia é, na verdade, uma resposta às dificuldades estruturais, em que a informalidade e as redes de sociabilidade emergem como alternativas de permanência. Diante da precarização do trabalho e da falta de garantias, a capacidade de se ajustar às circunstâncias define as chances de inserção e sobrevivência nesse cenário desigual.

Sou de Santarém, depois fui pra Autazes, eu me criei ali e em Óbidos, no Pará. *Quem está no interior; ele vive da lavoura, mas hoje em dia, a gente não tem outras necessidades que só aquela lavourazinha não demanda para a gente, né?* A minha luta aqui foi vencida com cocada, eu fazia muita cocada baiana, e as pessoas foram me convencendo de que era boa, e tive a idéia de vender na rua. Eu fazia, saía daqui de casa, do Valparaíso até o São José 2, andando, porque não tinha condição

para ir, a gente ia e voltava andando, para trazer o pão para dentro de casa, o alimento, era assim que eu vivia com a minha família.

Gente do interior e de Manaus, misturados, misturados. Nossa, nós somos umas pessoas muito humildes. Eu cozinhei na lenha, eu cozinhei na gasolina, cozinhei no álcool, quando eu fazia comida para meus filhos. Fiz um fogão de barro, porque a gente não tinha condição de comprar o gás... sempre eu me virei assim, até hoje. Hoje em dia, eu sou pai e mãe. E, aí me formei como confeitira, eu sou cozinheira industrial. Só que eu não estou trabalhando com a comida agora, mas porque com 54 anos ninguém quer mais empregar a gente. Aí eu faço um bolo para aniversário, encomenda de uma coisa ou outra eu faço, né? Aí a gente está nessa luta aí, mas... Aí um dia eu estava na minha casa e eu pensei, né? Eu vou falar aqui do momento que eu voltei para a escola. Estava estudando no nível fundamental, lá no João Paulo, Aí ficou muito perigoso lá para a gente, porque na frente da escola é tudo escuro, é muito escuro. Aí a diretora pegou e disse que era bom falar lá na samed né? para acabar com a aula da noite, cara. Perigoso para nós, porque saía muito tarde, umas 10h e pouco a gente saía, ficava perigoso para a gente. A maioria mais era mulher que estudava, levava o filho. Aí eu peguei e disse, quer saber? Eu vou desistir e vou cuidar dos meus filhos. Se eu quero viver um pouco mais, eu tenho que desistir. É isso... agora eles já estão... um vai fazer 20 anos, o outro tem 18, os menores meus... eu tenho um casal de 10 anos e uma menina de 11. Aí eu fiquei pensando, aí eu vim aí... Aí eu falei com o Ivonelson, o diretor, eu disse...Ivonelson, ainda tem vaga para o EJA, eu quero estudar. Aí ele falou, a senhora quer estudar mesmo? Eu disse, quero. Quantos anos a senhora tem? 54. Aí eu parei, e ele disse, espera aí que eu vou já ver seu histórico. Aí ele pegou e puxou, né? Ele disse, eu vou lhe colocar no EJA.

A senhora vai começar no EJA. Tá bom. Aí eu falei, eu vou lhe falar o porquê, e aqui estou estudando. Eu falei para ele. Eu quero aprender um pouco mais, e ensinar meus filhos que não sabem. E eu quero ajudar eles também.

Então ele disse, a senhora é merecedora dessa vaga e colocou. Então aí, o que tem na escola, o que tem por aqui, eu ajudo, eu faço, colaboro, graças a Deus.

A violência daqui do bairro? nenhum que mora aqui... os que vêm de fora podem se esconder aqui. E o que acontece no nosso bairro? Porque, graças a Deus, enquanto estou aqui no bairro, tenho mais de 36 anos de bairro. E, graças a Deus, nunca entraram na minha casa e roubaram, não. E olha que há muito tempo que eu moro aqui. Se tivessem roubado, eu tinha falado. Não roubaram, mas até agora, graças a Deus, não me roubaram. Eu vou, vou para todo canto e venho. Não tenho problema com ninguém, com nada. Falo com todo mundo, escolho pessoas.

E eu não me importo com nada, eu estou aí. *Você é amigo de qualquer um, né? Porque, se a gente não for amigo, a gente vai ser inimigo das pessoas que ninguém conhece. Isso, é. E também tem aquele ditado, não é? Que é, não vi, não sei quem é, nem...e tem, assim, também aquele, assim, que, se você ver, você é cego, você é surdo e mudo. E acabou a história. Hoje em dia é, Se você quiser viver, você tem que ser...* A proteção da segurança, ela vai dar depois que aconteceu o ato, né? A ameaça depende do cara que hoje é aqui e depois ele está solto ali. Então, é meio complicado mesmo.

Eu tinha 22 anos, quando eu casei. Eu tive oito filhos. Eu tenho três que moram comigo, os outros já são casados, já, né? Mas, graças a Deus, que eu criei com o pai e mãe, meus filhos. Não tem nenhum vendendo droga, nenhum na rua, nenhum... Pois é, aí a minha casa, eu comecei assim, ela vendendo cocada, eu comprei um milheiro de tijolo, quando as moedas de um real começou, né?

Aí eu fui para a feira vender. Quando eu cheguei, tinha aquelas moedas de um real, quer saber, eu vou guardar essas moedas de um real, guardando. Aí um dia eu estava tão pesada, aquele cofrezinho, eu falei, meu Deus do céu, será que é para comprar um milheiro de tijolo? Aí eu peguei e tirei. Dava cento e oitenta de moeda de um real, deu, né?

Aí eu fui no material de construção, material de construção, aí deu. Deu para comprar um milheiro de tijolo. Aí eu fui lá no rapaz e falei, como é que eu faço para comprar um milheiro de tijolo? A senhora paga, aí eu vou lhe dar um recibozinho, aí a senhora vai receber o seu tijolo, vem do Iranduba. O tijolo da minha casa vem do Iranduba, está lá marcado, tudo do Iranduba eles são. Graças a meu Deus, está tudo feito já. Hoje em dia, a minha casa está com doze metros de tamanho. E ela era sete e meio na época. Foi vendendo cocada, fazendo bolo, fazendo comida e aumentando. Quis fazer kitnet, mas desisti, foi assim, primeiro, quando eu ainda vivia com ele (esposo), a gente fez lá para fazer kitnet, né? Mas não deu certo, meio para o fim...ele queria sair de casa, inventou conversa e foi embora, eu peguei e fiquei aqui, ele ficou para lá, para outra casa. Foi dividido, né? Mas aí, eu estou morando aí com as meninas, eu desfiz tudinho, aí dei a frente da kitnet para a minha filha morar e moro para trás.

Porque o meu ex-marido, ele fez um negócio com a tia dele nessa casa que a gente morava, com uma aparelhagem de som ao vivo, que a gente cantava por aí, né? Aí ele pegou... A quantos anos a sua mãe já morava aqui? A minha mãe já tinha mais de 30 anos já morando. Ah, então, mas aí não tinha casinha não, é como se fosse um tipo de Interior, uma comunidade né? As casas aqui eram assim, era uma casa ali, outra aí, quando a gente vinha, era só casinha de madeira, as madeirinhas velhas, tudo emendado, mas as suas casas tudo era assim aqui. Tinha até casa de barro aqui. Você lembra do professor Gilson? Ele morava numa casa de barro aqui. Ele é mãe dele, a casa deles era de barro ali na Panacaxiri. Mas agora é de alvenaria a casa dele, né? Mas eles já tiveram casa de barro aí, tem muita gente que teve casa assim já, aqui no Valparaíso. O meu pai fez casa de pau-a-pique, a primeira dele foi de pau-a-pique que ele fez com a minha mãe. Era comum e era barato, né? Eles conseguiam barro e amarravam os bambus, os galhos. No nosso bairro aqui tinha muita abacaba, açai, tinha muito, muito, muito, muito aqui nesse pedaço. Tinha muita abacaba daqui. E igarapé, pois é, tinha. Nesse igarapé que passa aqui, tem uma ponte ali, aquela água ali era bem limpinha, o pessoal tomava o banho lá, pescava. Agora não, que é poluído, né? Mas esse igarapé todinho, até no meio da horta tudo era limpo, era bem limpo mesmo ali. Esse garapé aí, o pessoal tomava banho lá, mas pra cá não tem mais nada. Tem o nome desses garapés?

Não sei o nome deles. Não sei como é que eles colocaram o nome, mas é assim, não é assim, grandão, não é garapé assim, ó. É um metro e pouco de largura. Mais fundo, né? O pessoal tirava uma areia de dentro pra vender, fazer casa. Esculhambaram a água, sujaram, jogaram lixo. Já poluíram tudo pelo tempo. Pontos de referência do Valparaíso. Um é a horta, né? A gente lutou pra ir pra casinha. A casinha não tem ainda, não tem uma aí. Eles fizeram uma, tiraram o terreno aí, mas não fizeram o posto grande que fizeram. Fizeram só uma casinha de médico, o qual tá sustentando aqui o bairro todinho. Só essa casinha aí, não tem mais não. Tem uma casinha, funciona até hoje. É UBS, né? que chamam de UBS (Unidade Básica de Saúde) O que não tem é o negócio de hospital, né? Feira aqui também não tem, porque não fizeram. A feira aqui aqui que tá fechada. A feirinha da paz ali. Não deu certo não. O ponto de referência é a horta e o supermercado grande e as igrejas, né? É só. As igrejas, o supermercado grande tem dois. O Valparaíso, ele é dali do Chico Mendes até o Jardim Botânico. Aí se eu venho pra cá, tem a escola Ivomar. Passou do Ivomar pra cá, já é Valparaíso, a Chico Mendes pra ali é Valparaíso aqui até naquela pontezinha quando você entra, é pra cá, dali pra cá que começa o Valparaíso. Aí tem o 1, 2 e o 3. Mas que vai ficar um só, né? Eles vão ter que unificar pra ficar um só, né? Aí eu moro no 2, que é aquela área ali da igreja, da escola. É Jorge Teixeira e Valparaíso agora aqui. É Jorge Teixeira porque ele já tá emendado com o Valparaíso. E toda a lotação é Jorge Teixeira e Valparaíso, pra poder entrar pra cá.

Cada uma casa recebeu o mapa da rua. Quando eu parei de estudar é porque meu marido era seu mentor. Aquele tempo era seu mentor, né? Aí dizia que eu não ia estudar, eu tava chique em casa, com marido e tal. Eu fiquei só pra criar filho e cuidar da cozinha, né? Tinha negócio de bar, restaurantes, essas coisas pra tomar de conta. Aí o ano ficou passando. Aí eu não conseguia acabar meu estudo por causa disso. Só que quando eu me separei dele foi quando eu voltei pra escola, né? (dona Elisvalda, Manaus, novembro, 2024).

A trajetória de vida dessa moradora se entrelaça com a história da Comunidade Valparaíso, marcada pela luta, adaptação e resistência. Migrante do interior, encontrou na cidade desafios que exigiram estratégias de sobrevivência. O sustento veio das cocadas que fabricava e vendia pelas ruas, atravessando bairros a pé para garantir o alimento da família. O trabalho informal, a resiliência e o espírito de coletividade foram fundamentais para construir não apenas sua moradia, mas sua própria identidade urbana.

A comunidade, antes marcada por espaços vazios e casas de madeira, transformou-se ao longo dos anos. As ruas sem asfalto, os igarapés limpos e a vegetação densa deram lugar à urbanização crescente e à poluição. A memória desse tempo resiste na lembrança dos antigos moradores, que testemunharam a transição do bairro. A violência chegou com o crescimento da cidade, mas a percepção de pertencimento e segurança entre os vizinhos persiste.

A educação, por muitos anos um sonho adiado, tornou-se uma conquista tardia. A decisão de retomar os estudos reflete não apenas um desejo pessoal, mas também um compromisso com seus filhos, demonstrando que a aprendizagem não tem idade. No cotidiano, os desafios são enfrentados com o mesmo espírito de luta que moldou sua história. O bairro mudou, assim como sua vida, mas a essência de sua caminhada é a mesma: persistência, superação e esperança.

A mudança para Manaus não trouxe alívio, nem encontrou as facilidades projetadas por ela. Pelo contrário, exigiu readaptações constantes, desde o enfrentamento das dificuldades econômicas até a construção de uma nova rede de apoio.

Como se não bastasse, além de aturar as maiores humilhações, o trabalhador brasileiro desqualificado, no geral, precisa adquirir um jeitinho amistoso de ser, o “jogo de cintura” tão fácil de ver nos vendedores ambulantes, para permanecer ao máximo nos empregos temporários. Esse, na verdade, é um critério seletivo fundamental que parece contrariar um mito muito forte em nosso imaginário nacional: o de que o malandro, portador por excelência do peculiar jeitinho brasileiro, é o cara que consegue manipular, por meio de relações pessoais, as circunstâncias em seu favor. Aqui, o jeitinho aparece muito mais como uma importante arma para a sobrevivência diante de um mercado de trabalho flexível, exclusivo e cada vez mais restrito e competitivo.

A suposta virtude malandra é, na verdade, uma forma impessoal de se adaptar às necessidades cotidianas, em que geralmente não se pode contar com amigos pra

salvar a própria pele, e isso principalmente quando não se tem nenhuma qualificação formal. Assim, parece que o malandro possui agora problemas modernos para resolver (Souza, 2009, p.259).

"Fiz um fogão de barro, porque a gente não tinha condição de comprar o gás... sempre eu me virei assim, até hoje." A ideia do "se virar" é central na experiência da *ralé*, onde a sobrevivência depende da criatividade e da capacidade de adaptação, características frequentemente romantizadas em sambas, mas que, na realidade, refletem estereótipos e idéias naturalizadas, perspectivas que arroteiam as circunstâncias históricas e outras da natureza humana.

Migrante do interior para a capital, Elisvalda encontrou na informalidade a única alternativa viável para sustentar sua família. A produção e venda de cocadas foram seu primeiro passo nessa jornada, uma atividade que, embora desvalorizada pela lógica do mercado formal, se mostrou essencial para garantir sua subsistência. Sem recursos para transporte, percorria longas distâncias a pé, carregando consigo não apenas os doces que produzia, mas também o peso das adversidades impostas por um sistema que limita as oportunidades para aqueles que não possuem qualificação formal.

A experiência de Elisvalda reflete a condição de muitos trabalhadores da periferia, que, diante da ausência de empregos estáveis, constroem suas estratégias de sobrevivência em um mercado cada vez mais flexível e restritivo. O "jeitinho" que, no imaginário nacional, é associado à esperteza e à malandragem, na realidade se manifesta como uma ferramenta de resistência. Não se trata de um recurso para obter vantagens ilícitas, mas de uma resposta às barreiras estruturais que dificultam a ascensão social e a estabilidade financeira. Assim, ao reinventar-se como confeitadeira e cozinheira industrial, Elisvalda mostra como as mulheres periféricas, muitas vezes mães solo, desenvolvem múltiplas habilidades para garantir o sustento da família.

Além das dificuldades econômicas, sua trajetória também evidencia os desafios da violência urbana e da precariedade dos serviços públicos. A decisão de interromper os estudos por conta da insegurança nas ruas e da falta de iluminação nos arredores da escola revela como a cidade impõe limites àqueles que buscam romper com o ciclo da exclusão. A realidade enfrentada por Elisvalda ilustra o que Souza (2009) descreve como a "ralé estrutural" brasileira, um grupo de trabalhadores informais que, sem acesso a direitos básicos e estabilidade, dependem do próprio esforço e de redes de solidariedade comunitária para seguir em frente.

Ainda assim, sua resiliência se destaca. Ao retornar à escola aos 54 anos, ela reafirma sua crença na educação como uma possibilidade de mudança não apenas para si, mas também para seus filhos. Sua história revela que, mesmo diante das dificuldades, há sempre a tentativa de reverter as limitações impostas pelo meio social.

Nesse sentido, a trajetória de Elisvalda pode ser compreendida à luz da análise de Velho (1994), que destaca a centralidade da biografia individual nas sociedades marcadas por ideologias individualistas. Sua experiência de vida, marcada por desafios, escolhas e superações, não é apenas um reflexo da sociedade em que vive, mas um elemento constituidor dela. Sua memória, carregada de lutas e conquistas, torna-se socialmente relevante, pois evidencia não só a singularidade de sua jornada, mas também os marcos de sua identidade em um contexto mais amplo. Como Velho aponta, os amores, desejos, sofrimentos e triunfos individuais passam a ter um significado crucial na construção do social, e no caso de Elisvalda, sua resiliência e determinação revelam a força transformadora das histórias de vida que emergem das periferias urbanas.

Lembranças de D. Vilma: A história de D. Vilma reflete a apropriação do espaço e do tempo como um ato de resistência e reinvenção, alinhando-se à perspectiva de Lefebvre. Desafiando as fronteiras impostas pelo tempo e pelo espaço social, demonstrando que o modo de viver na cidade não é fixo, mas continuamente recriado a partir das trajetórias e práticas daqueles que nela habitam.

Não parece que esses modelos possam resultar seja de um simples estudo das cidades e dos tipos urbanos existentes, seja de uma simples combinatória de elementos. As formas de tempo e de espaço são salvo experiência em contrário, inventadas e propostas à práxis. Que a imaginação se descubra, não o imaginário que permite a fuga e a evasão, que veicula ideologias, mas sim o imaginário que se investe na apropriação (do tempo, do espaço, da vida fisiológica, do desejo). Por que não opor à cidade eterna as cidades efêmeras e aos centros estáveis as centralidades móveis? São permitidas todas as audiências. Por que limitar essas proposições apenas à morfologia do espaço e do tempo? Não se excluem proposições referentes ao estilo de vida, ao modo de viver na cidade, ao desenvolvimento urbano em relação a esse plano (Lefebvre, 2001, p. 117).

Sua migração não se limitou a uma mudança geográfica, mas representou a construção de uma nova centralidade em sua vida, onde os saberes da terra e a experiência rural foram ressignificados na cidade. Ao retomar os estudos, ela desafia as fronteiras impostas pelo tempo e pelo espaço social, demonstrando que o modo de viver na cidade não é fixo, mas continuamente recriado a partir das trajetórias e práticas daqueles que nela habitam. D. Vilma

é passada da casca do alho, antes de morar em Manaus já sentiu a dor de perder um filho, de viver da terra e deixar tudo pra trás, pra fazer de novo. Migrante do interior, parou de estudar na 5. Série, e retornou à escola recentemente, através do EJA. Trouxe os conhecimentos da terra, que cultivava lá, para vida na cidade de Manaus. Os limites das circunstâncias que vivia lá, a fizeram vir, ela o esposo e os filhos. São 4, dois pares. Os dois mais novos nasceram aqui, na Maternidade Ana Braga.

A escolha do terreno se deu pela aparência natural do lugar, poucas casas, algumas plantações, evocava lembranças e recordações de outro tempo, quando era bom morar lá. Sabia plantar e colher, junto ao seu companheiro, faz o mesmo aqui. O sonho da mudança que o progresso e a modernidade da cidade, é expectativa de dias melhores que não chegam. Seus avós, seus pais, filhos, viveram uma realidade social que foi naturalizada. Além dos fatores econômicos, há uma complexa rede de sentimentos que atravessa a sua vida na comunidade. O desejo de mudança, alimentado pela cidade, esbarra em frustrações que se acumulam ao longo das gerações. O sonho de um futuro melhor, repetido como um mantra, se mistura com a dura constatação de que esse futuro talvez, nunca chega de fato.

Lefebvre (2001) nos ensina que a cidade, além do espaço físico, é um território de disputas e apropriações. A trajetória de D. Vilma reflete essa dinâmica: do interior para Manaus, de um bairro a outro, sempre em busca de melhores condições. Mas a cidade que deveria acolher também impõe barreiras – precariedade, insegurança, falta de serviços básicos. Apropriam-se do espaço urbano cultivando plantas, criando animais, reinventando formas de sobreviver. Mas a cidade lhes nega direitos, transformando a luta diária em um constante desafio. Sua fala demonstra a contradição e reforça a ideia de Lefebvre: o direito à cidade não é apenas habitar, mas transformar e pertencer.

A migração constitui um fenômeno marcante no processo de expansão urbana e na formação das comunidades periféricas da cidade. Ao deixarem suas terras de origem, em busca de melhores condições de vida, carregam um repertório cultural que pode ressignificar os espaços urbanos onde se instalam. Na Comunidade Valparaíso, essa dinâmica se expressa na maneira como os moradores conciliam práticas tradicionais com os desafios impostos pela vida urbana. A agricultura familiar, o cultivo de hortas e o uso de plantas medicinais são formas de resistência que mantêm vivos os conhecimentos transmitidos por gerações. A religiosidade também desempenha um papel central na organização social e afetiva da comunidade, funcionando como um eixo de sustentação emocional diante das adversidades.

A história de Dona Vilma exemplifica esse percurso. Nascida em Manacapuru e vinda para Manaus com a família, sua trajetória reflete as complexidades da migração, a luta pela sobrevivência e a busca por pertencimento em um novo território. Sua memória traz à tona as dificuldades e as estratégias de resistência, revelando como os migrantes ribeirinhos transformam a cidade ao mesmo tempo em que são por ela transformados.

A precariedade, a falta de acesso a direitos básicos e a luta diária pela sobrevivência passaram a ser encaradas como parte do destino, mas também um ressentimento latente diante da falta de perspectivas. Como não ser ressentido quando as promessas de progresso se revelam ilusórias?

A frustração com as condições impostas pode se converter em movimento, em resistência, em organização coletiva. Nesse jogo entre esperança e desencanto, entre sonho e realidade, a luta por dias melhores continua, ainda que sem garantias de que eles, de fato, chegarão.

Eu nasci em Manacapuru, casei. Aí eu fui para o interior de Manacapuru fui para o Bela Vista, A vida do interior é uma vida muito sofrida, né? Trabalhava com negócio de malva, juta, essas coisas aí. Aí meu marido plantava muito negócio de juta, malva. Foi o tempo que eu tive um filhinho, que hoje era para ele estar com 40 anos, eu acho. Aí ele faleceu, né? E eu vim embora para o Manacapuru de volta. E aí de Manacapuru, meu marido achou que não era certo a gente ficar lá por causa do trabalho, né? Não rendia estava tudo ruim... e aí a gente vendeu o que tinha, e veio embora para Manaus, cheguei aqui por volta de 1998. Viemos, aí eu vim para Manaus também sofrer um pouco, ele desempregado, eu também. A gente comprou essa casinha lá no Tancredo Neves, com a venda da outra... E aí fomos para o Tancredo Neves a gente passou esses tempos lá também, mas aí meu marido veio aqui um dia na casa da minha filha, que ela se debandou pra cá, já morava aqui, né, com o marido, na casa da sogra dela, então... E ele gostou muito daqui do bairro, porque como ele era do interior, né? Ele gostava muito de plantar, essas coisas de sítio. Então ele veio. E aí ele gostou muito daqui do bairro, porque aqui a gente...mexia com o negócio de plantação. Começou a fazer plantio de horta. Plantou bananas, essas coisas ali, no meu quintal, lá. De lá a gente já está até comendo essas bananas, pacovão, banana maçã, roxa, né? ontem ele tirou dois cachos de maçã. Ali onde ele começou, né? comprou umas cinco cabeças de galinha e depois ficou aumentando. Agora a gente cria bastante galinha. E aí pronto, ele gostou muito da horta, essas coisas. Aí não foi só horta. Como ele fez também, né? Ele sabe de plantas medicinais, né? Então ele trabalha com planta, com adubo e garrafada que chama, que ele faz também. Tudo ele sabe fazer. Então aí a gente veio, né? Naquele tempo ainda estava começando a espalhar o bairro do Valparaíso.

E eu sei que a gente ficou aqui. E graças a Deus a gente está aqui, né? Só com o saber dele ele está trabalhando, né? Fazendo e vendendo adubos e plantas medicinais, e eu ajudando. Como a idade dele, a idade dele já estava muito avançada. ele deu entrada na aposentadoria. Hoje ele é aposentado. Mas você sabe que dinheiro de aposentado é muito pouco.

Também ajudo, sou doméstica, trabalho em casa de família. Conforme o trabalho aparece, a gente vai indo, e assim a gente tá vivendo, né? E aí foi o tempo que os meninos também já... já começaram a se mexer. Tem um que tá trabalhando também, que tem 24 anos, aí o outro ainda tá desempregado, e um outro também que é deficiente, o Adriano. Até agora lutando pra ver se eu consigo aposentar ele. Não consegui ainda. Aqui no bairro do Valparaíso... Que eu acho que falta muita coisa aqui. Negócio de segurança. Tem muito assalto ali perto de onde eu moro. Eu ia pra escola com medo, né? Tem muita violência. Esses meninos tão se perdendo. Eles não veem uma ocupação, não é, verdade? Eu acho que vai... Eu acho que foi um mês agora que mataram uma criança aqui embaixo, não foi? Aquele menino que mataram, ele foi comprar merenda, atravessou. O cara mataram ele tinha 11 anos, parece. 10 anos, 11 anos, alguma coisa assim. E fica muito difícil, assim. A gente não pode nem sair. O meu filho, ele tem 21 anos, mas ele não sai nem de casa de noite, assim, pra ir na taberna. Porque ele fala, mãe, não vou mais, não. Às vezes é 8 horas, 9 horas. Não, mãe, não vou, não. 9 horas é perigoso. Foi... Sábado agora. Lá tem a rua Chico Mendes onde eu moro e tem o campo. Foram roubar a minha vizinha bem... Um portão na casa dela. Roubaram o celular dela. Uns ladrões muito fuleiros, né? Roubar o trabalhador, morador... Eu moro em frente ao campo de futebol do bairro. Ajeitaram um pouco, né? Levantaram mais o muro lá. Aí que tá... Mas não botaram o portão, né? Aí que tá difícil mesmo. Porque eles ficam se escondendo lá dentro, de butuca né? Só esperando...

A gente, pra comprar as coisas mais baratas tem que ir mais longe, tem que ir lá fora, nos Supermercados grandes, na feira do produtor.. Pra poder conseguir mais barato, é mais difícil. Aqui é mais caro, vou ali no Mercadinho do Povo, né?

Meu esposo, é da igreja também. Ele fez uma hortazinha em casa. Sabe que eu ainda não tenho água encanada? A gente compra água de uma senhora lá que tem um poço artesiano, aí ela vende. Mas a senhora tem caixa d'água? Tenho. Tenho só uma caixa d'água. Mas é pequena, né? Não dá pra guardar muito... Ainda mais quem tem muita gente em casa, criança. E aí a energia pra cá também, quando chove, a gente sofre que sofre...É alagamento, desabamento, é aquela esculhambação, e dá aquelas quedas de energia e pronto. A luz vai chegar só no outro dia. Essa semana deu um temporal pra cá, a luz foi embora, foi chegar no outro dia já. Lá pras duas horas da tarde, três horas da tarde. Aí fica difícil, né?

Congrego na Assembléia de Deus, vamos sexta? Vai ter programação... Sexta-feira eu tenho culto lá. Amanhã. Já fui do mundo, já... Acho que eu tô com 20 anos também, já que eu aceitei Jesus. Meus filhos ainda não, Já estão criados, mas tudo tem filho, a menina mora comigo também. Ela tem a casinha dela. Ela tem a casinha dela lá. todas as duas tem. É só esse que...é solteiro que não tem família, ainda bem por que senão, é pior, desempregado... A gente quer que ele fique velho com a gente, aí tem hora que a gente quer que case, pra viver a vida dele, com uma menina da igreja, sei lá... O senhor vê as condições do bairro, da gente... As ruas esburacadas, o mato tomando conta, a falta de segurança que faz a gente ter medo até de sair de casa. Quando chove... falta luz, falta água, tudo alaga. O transporte é ruim, tudo é caro.

Isso que eu acho errado. Quando chega a eleição, aparecem todos, bonitinho, falando bonito, batendo de porta em porta, apertando a mão da gente como se fossem amigo

nosso. Pedem voto, prometem, só promessa...some quatro anos, aparece na outra eleição, faz promessa de novo, jura por Deus que vai fazer e acontecer dizendo agora vai ser diferente. A gente vota, com esperança, esperando que alguma coisa melhore. Mas, muitas vezes, em vez de melhorar, piora.

Político é assim mesmo... Mas, depois que ganha, some de novo. O bairro continua igual, ou pior (Dona Vilma, Manaus, Nov.2024).

Ao sair de Manacapuru em busca de novas oportunidades, Dona Vilma e seu marido enfrentaram desafios no processo de adaptação a Manaus. O bairro de Valparaíso, ainda em formação, ofereceu a possibilidade de reconstrução, onde a horta, as criações e o conhecimento sobre plantas medicinais se tornaram meios de subsistência e reconfiguração do espaço vivido. Essa prática cotidiana de apropriação reflete o imaginário produtivo mencionado por Lefebvre, aquele que permite transformar a cidade em um espaço de pertencimento e resistência, em vez de um simples lugar de evasão ou alienação.

Entretanto, a experiência de Dona Vilma também evidencia as contradições e desigualdades do espaço urbano. A falta de infraestrutura básica, como água encanada e energia estável, e a insegurança crescente são obstáculos que limitam essa apropriação plena do espaço. A ausência do poder público e o abandono das promessas políticas revelam um modelo urbano que privilegia a precariedade para determinadas camadas sociais, tornando a cidade um espaço de luta constante.

A trajetória de Dona Vilma, marcada por deslocamentos e pela busca por melhores condições de vida, revela uma dinâmica que transcende a simples mudança geográfica. Como aponta Henri Lefebvre, as formas de tempo e espaço não são meramente descobertas, mas inventadas e apropriadas na práxis. Dona Vilma, junto com seu esposo, cultiva e vende plantas, vendo no quintal um espaço de sustento e saberes compartilhados. Seu marido prepara adubo caseiro de esterco de galinha, misturado com folhas secas e cascas de frutas, um conhecimento trazido do interior, aprendido com parentes e amigos. Com um carrinho adaptado, percorre as ruas do bairro oferecendo aves, mudas e adubo para aqueles que cultivam pequenos quintais ou improvisam hortas em latas e canteiros de cimento rachado.

A cada esquina, um cumprimento, um aceno de cabeça, uma conversa rápida sobre o tempo, as chuvas imprevisíveis que alagam as ruas esburacadas, a falta de água que dificulta o cultivo. Ele conhece os caminhos, os clientes, os melhores horários para vender. Dona Vilma o acompanha em alguns dias, mas, quando fica em casa, separa sementes para secar e rega as plantas.

As mudas são cuidadosamente dispostas no carrinho adaptado para percorrer as ruas do bairro, transformando as calçadas em pontos de comércio e troca. As ruas são cinzentas, esburacadas em alguns trechos; em outros, tornam-se intransitáveis à noite por causa da violência. O roubo de celulares é um dos crimes mais comuns. O percurso de uma moradora como Dona Vilma não está registrado em um mapa tradicional, mas se desenha invisivelmente nos trajetos que ela percorre: da casa à igreja, do quintal ao Mercadinho do Povo, das ruas sinuosas do bairro às conversas rápidas com vizinhos e clientes.

Esses trajetos cotidianos subvertem a ordem imposta pelo planejamento urbano. As calçadas viram pontos de comércio, as vielas se tornam caminhos alternativos. Dona Vilma não apenas caminha pela cidade, mas a inventa, moldando-a com suas práticas. Seu carrinho de mudas, sua relação com a terra, suas trocas com os vizinhos — tudo isso constitui uma cartografia viva, que não cabe nos mapas oficiais, mas que dá sentido ao espaço urbano da periferia.

Em primeiro lugar, se é verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades (por exemplo, por um local onde é permitido circular) e proibições (um muro que impede de prosseguir), o caminhante atualiza alguma delas. Deste modo, ele tanto as faz ser como aparecer. Mas também desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais. [...] “O usuário da cidade extrai fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo”. (Certeau, 1998, p. 178).

Este caminhar subversivo, que cria atalhos, evita passagens, não é um ato passivo. É o caminhar do morador trabalhando e criando memórias. Elas interpretam e ressignificam a cidade no dia a dia, construindo uma experiência que não está nos mapas ou regulamentos, mas que dá vida ao espaço urbano, que desafia a lógica imposta pela cidade, que deveria ser regulada pelos mapas, pelas ruas nomeadas e pelo planejamento urbano. Mas a realidade de Dona Vilma e de tantos outros moradores da periferia não cabe nesses esquemas rígidos. Seu percurso se adapta às condições do bairro: evita ruas esburacadas após a chuva, desvia-se de terrenos baldios que servem de esconderijo para assaltantes, busca caminhos onde há mais fluxo de pessoas para aumentar suas vendas. Ela traça sua própria cartografia, feita de experiências, obstáculos e oportunidades. Seus saberes, costumes, sobre plantas e remédios naturais se mistura com os gestos cotidianos de vender, negociar, trocar informações e fortalecer laços comunitários. Ao transformar suas caminhadas em um ato de sobrevivência e resistência, Dona Vilma não apenas circula pela cidade, mas a reescreve com seus passos e contribui para a construção de uma memória coletiva, onde cada trajeto carrega marcas de sua

história e de sua luta cotidiana. Em compartilhar e interagir com a comunidade, fortalece laços, troca saberes e reafirma seu pertencimento, ressignificando os espaços que percorre e fazendo deles extensões de sua própria trajetória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao caminhar pelas ruas da comunidade Valparaíso a caminho da escola Dom Jacson, onde trabalho a noite, encontro por acaso D. Elisvalda, ela muito contente por compartilhar suas memórias, riu da ideia de ser um personagem de um livro que ninguém iria ler. Compreendi o peso da afirmação, que vinha com uma carga de verdades inventadas que era difícil de encontrar respostas mágicas que aliviasse o fardo. A pesquisa com pessoas deixa marcas indeléveis, aprende-se primeiro a respeitar, compreender fica mais fácil quando o pesquisador tem identidade com o contexto, através do trabalho no Ensino noturno, moradia numa periferia próxima, permitiu que se habilitasse uma relação de confiança, e de troca entre sujeitos. A substância da pesquisa é a memória, recordações de um tempo não muito distante, mas tratada com o auxílio das ciências humanas e sociais. Para se encontrar o mundo que as ideias do excluído, os subalternos, ralé, faça sentido, encontramos o caminho nas subjetividades dos sentidos e afetos, do imaginário, onde as memórias ressoaram com mais vigor, tangenciando um pouco o economicismo que oprime os despossuídos. As memórias que se tornaram narrativas para esta dissertação, provocaram temas que tem grande importância para a comunidade, as falas carregam sentimentos, e criam imagens que podem ser usadas para representá-las. A história se ancorou nas memórias dos moradores e nos relatos da imprensa, Toninha acompanhou as passagens recordando a luta pela posse da casa, Dona Elisvalda cedeu suas lembranças para tracejar o quadro da mobilidade urbana, e a trajetória da informalidade do mercado nas tuas e nos ônibus, suas estratégias de resistência ao , Dona Vilma que utiliza seus saberes do interior na comunidade, onde planta, cria, colhe e vende, em meio aos auspícios da modernidade, da trajetória de vida de Patrícia, que cedo sentiu na pele o deslocamento e migrou para Manaus, aqui construiu nas espacialidades de seus passos, sentidos para seu lugar, Seu Lopes, da comunidade agrícola Nova Esperança, desfiou seus conhecimentos da horta urbana destacando a importância de compartilhar o que sabe. Trajetórias que, por diversas circunstâncias, convergiram seus rumos para a Comunidade Valparaíso e, unidas, resistem às adversidades, fortalecendo laços, construindo memórias e reafirmando sua identidade coletiva. se ressignificam a partir das experiências cotidianas de seus moradores.

Ao longo da pesquisa, ficou evidente que as memórias individuais se entrelaçam com a memória coletiva, criando uma narrativa que desafia os discursos hegemônicos sobre a periferia. Cada relato revelou não apenas dificuldades enfrentadas, mas também estratégias de

sobrevivência, solidariedade e reinvenção. São histórias que mostram que, mesmo diante das adversidades, a comunidade se sustenta pelo apoio mútuo, pelo compartilhamento de saberes e pelo desejo de um futuro melhor.

Contribui também, para o campo das ciências humanas, ao explorar as memórias da comunidade Valparaíso como um espaço de disputa de narrativas, contrapondo-se às representações estereotipadas frequentemente atribuídas às periferias urbanas. A partir da articulação entre relatos orais, pesquisa documental e revisão bibliográfica, a dissertação oferece uma leitura mais íntima da dinâmica social do bairro, evidenciando a relevância das memórias individuais e coletivas na construção da espacialidade urbana,

Os moradores, como sujeitos históricos, compartilharam suas memórias e experiências, revelando a forma como suas trajetórias individuais se entrelaçam com o desenvolvimento da comunidade. Esses relatos evidenciam a dinâmica única das periferias, onde a urbanidade se manifesta de maneira particular, marcada por formas criativas de trabalho e ocupação dos espaços. Nas ruas da comunidade, a economia se movimenta sobre rodas e corpos.

A pesquisa amplia as discussões sobre urbanização e exclusão social em Manaus, destacando como a cidade se estrutura por meio de forças hegemônicas que influenciam a maneira como determinadas regiões são percebidas e narradas. Ao dar voz aos moradores, reafirma a importância das histórias locais na compreensão da cidade como um espaço em constante transformação. Além disso, ao confrontar discursos midiáticos e institucionais com as experiências vividas, o estudo colabora para a revisão crítica das formas de representação da periferia, revelando a complexidade dos processos de resistência e organização comunitária.

A resistência se manifesta tanto nas práticas cotidianas quanto nas formas simbólicas de apropriação do espaço urbano. Cada trajeto, cada negociação no comércio ambulante e cada casa construída à margem das grandes vias expressam modos de existência que desafiam as dinâmicas excludentes da cidade formal. Esses movimentos inscrevem no território memórias coletivas que reafirmam a identidade local e subvertem a lógica da invisibilidade imposta às periferias.

A horta urbana da Comunidade Valparaíso surge nesse contexto como uma experiência concreta de resistência e pertencimento. Organizada coletivamente, mas com lotes privados, a horta não apenas garante o sustento de muitas famílias, mas também reforça laços comunitários e estabelece uma relação ativa com o território. O cultivo de alimentos em meio

ao cenário urbano hostil ressignifica o espaço, transformando-o em um símbolo de autonomia e reconstrução da paisagem periférica.

O imaginário urbano, muitas vezes marcado por estigmas e representações negativas, encontra nesses relatos uma contraposição potente: a cidade vista de dentro, vivida e ressignificada por aqueles que a constroem diariamente.

Os espaços da comunidade Valparaíso não são apenas cenário da vida cotidiana, mas territórios de disputa, pertencimento e criação. As praças improvisadas, os becos transformados em pontos de encontro e as ruas que abrigam festas e protestos revelam uma espacialidade urbana construída a partir da agência dos moradores. Esse fazer cotidiano da cidade, tecido na trama de encontros e resistências, reafirma a potência da periferia como espaço de produção de vida, cultura e história.

Referências:

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ANSART, Pierre. História e Memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e Ressentimento: Indagações sobre uma questão sensível**. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**; tradução Antônio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARBOSA, João Alexandre. **Uma psicologia do oprimido**. In: BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 2ª. ed. EDUSP, São Paulo, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Tradução de Nélio Schneider. 5. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. 3 v.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 2ª. ed. EDUSP, São Paulo, 1987.

BOURDIEU, Pierre (Coord.). **A Miséria do mundo**. 2ª ed. Vozes, 1998.

_____. **O poder simbólico**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (org.). **Passados recompostos: campos e canteiros da história**. Tradução de Marcella Mortara e Ana Maria Skinner. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Ferreira. São Paulo: Contexto, 2023.

CERTEAU, Michel de. **A Arte de fazer a invenção do cotidiano**. Editora Vozes, 3. ed. Petrópolis, 1998.

_____. **A Escrita da história**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica: Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. 3ª.ed. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2012

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Os trabalhos da memória**. In: BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 2ª. ed. EDUSP, São Paulo, 1987.

CLAVAL, Paul. **A Terra dos Homens: A Geografia, um saber**. Florianópolis: EdUFSC, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. A periferia urbana. **Revista Geosul**, Florianópolis-SC, vol. 1, n. 2, p. 70-78, 1986

_____. **O Espaço Urbano**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática S.A, 1995

DAVIS, Mike. **Planeta de favelas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A ilusão do fausto: Manaus, 1890-1920**. Manaus: Valer, 1999.

DURANT, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário. Introdução à arquetipologia geral**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002

ELIAD, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade**. Tradução Vera Ribeiro. Tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas: uma Arqueologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 6 v

_____, **Os intelectuais. O princípio educativo**. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011

_____, **Os intelectuais. Introdução ao estudo da Filosofia**. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2006

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Favelas e Comunidades Urbanas: Notas metodológicas n. 01. Sobre a mudança de Aglomerados Subnormais para Favelas e Comunidades Urbanas**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102062>>. Acesso em: 14 de maio 2024.

INGOLD, Tim. **Linhas: uma breve história**. Tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Dantes, 2016.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico**: 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

LEGISLAÇÃO URBANÍSTICA MUNICIPAL: Plano diretor de Manaus e suas leis complementares/ **lei nº 644, de 08 de março de 2002 (d.o.m. 05.11.2002 - nº 628 ano III)** Regulamenta o perímetro urbano no município de manaus e descreve os limites da cidade, conforme diretrizes do plano diretor urbano e ambiental de manaus.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013

LEFEBVRE, Henri. **Introdução à Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1969

_____. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001

_____. **A produção do espaço**. Tradução de Sérgio Martins. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 2013

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 9-30.

MARANDOLA, Eduardo Jr. **Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração**. VI Encontro Nacional sobre Migrações. Belo Horizonte, 2009

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História – UFRGS, v. 1, n. 2, p. 7-28, 1993.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol.2, nº 3, 1987. P. 132-147

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: Bresciani, Stella; Naxara, Márcia. (Org.). **Memória e (res)sentimento – indagações sobre uma questão sensível**. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 37-58.

SILVA, Dalila da. **Migração e música: memórias afetivas revividas pelas canções dos lugares**. São Paulo: Dialética, 2022

SCOTT, James C. **A dominação e a arte da resistência: discursos ocultos**. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2013.

SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira: Quem é e Como Vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998

THOMPSON, P. **A voz do passado – História Oral**. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Eduel, Londrina, 2013.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina, Eduel, 2012

_____. **Paisagens do Medo: A Perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1989

Anexos: Entrevistas**GRUPO I: ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL DOM JACSOM DAMASCENO RODRIGUES QUE MORAM HÁ MAIS DE 20 ANOS**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS (UEA)

PROGRAMA DE PÓSGRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS (PPGICH)

PROJETO PESQUISA: ECOS DA PERIFERIA: VOZES QUE NARRAM HISTÓRIAS DA COMUNIDADE VALPARAÍSO – MANAUS/AM

MESTRANDO: WALTER BRAGA DA SILVA

SUJEITOS: MORADORES DA COMUNIDADE

LOCAL: COMUNIDADE URBANA VALPARAÍSO-MANAUS/AM

I - ROTEIRO PRÉVIO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Esta pesquisa, apoiada na subjetividade da memória e em métodos qualitativos, busca capturar as experiências e percepções pessoais dos moradores da comunidade Valparaíso.

1. O Sr.(a) nasceu onde?
2. O que fazia lá?
3. Como você descreveria o lugar?
4. Como foi sua infância?
5. O que lembra sobre seus pais?
6. Qual sua escolaridade?
7. Quando jovem, ia a festas, igreja?
8. Qual sua ocupação atualmente?
9. A quanto tempo mora no Valparaíso?
10. Participou do movimento de ocupação inicial?
11. Quais foram os principais fatores que o levaram a se estabelecer ou a se envolver com a comunidade?
12. Como você descreveria sua experiência pessoal na comunidade Val Paraíso?
13. Como o Sr(a) classificaria o atendimento do poder público (saúde, educação, segurança, saneamento, asfaltamento), na comunidade?

*

Obs: Arquivo capturado através de dispositivos móveis (aparelho celular: câmera, microfone de lapela, notebook, hd externo) e aplicativos de gravação, transcrição de áudio e vídeo.

GRUPO II: DOS ALUNOS QUE TRABALHAM NA HORTA URBANA DA COMUNIDADE VALPARAÍSO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS (UEA)

PROGRAMA DE PÓSGRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS (PPGICH)

PROJETO PESQUISA: ECOS DA PERIFERIA: VOZES QUE NARRAM HISTÓRIAS DA COMUNIDADE VALPARAÍSO – MANAUS/AM

MESTRANDO: WALTER BRAGA DA SILVA

SUJEITOS: MORADORES DA COMUNIDADE

LOCAL: COMUNIDADE URBANA VALPARAÍSO-MANAUS/AM

I - ROTEIRO PRÉVIO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL DOM JACSOM DAMASCENO RODRIGUES

Esta pesquisa, apoiada na subjetividade da memória e em métodos qualitativos, busca capturar as experiências e percepções pessoais dos moradores da comunidade Valparaíso.

14. O Sr.(a) nasceu onde?
15. Como você descreveria o lugar?
16. Como foi sua infância?
17. Qual sua escolaridade?
18. A quanto tempo mora no Valparaíso?
19. Quais foram os principais fatores que o levaram a se estabelecer ou a se envolver com a comunidade?
20. Como você descreveria sua experiência pessoal na comunidade Val Paraíso?
21. Como o Sr(a) classificaria o atendimento do poder público (saúde, educação, segurança, saneamento, asfaltamento), na comunidade?
22. Quanto tempo o Sr(a) trabalha na Horta?
23. Como a horta beneficia a comunidade na sua visão?
24. Como ocorreu a ideia de cultivar produtos agrícolas nessa área urbana?
25. De que maneira estão organizados (cooperativa, empeleita)?
26. Pra onde escoa a produção? Quem são os principais clientes?
27. Como os jovens vêm o trabalho na horta?
28. Existe parceria da Horta com outras instituições públicas (Estado, município, ongs)?

Obs: Arquivo capturado através de dispositivos móveis (aparelho celular: câmera, microfone de lapela, notebook, hd externo) e aplicativos de gravação, transcrição de áudio e vídeo.